



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

GLEYESLAINE MARIA SOUZA DE OLIVEIRA

**O PÉRIPOLO DE JANIE CRAWFORD EM *SEUS OLHOS VIAM DEUS*,
DE ZORA NEALE HURSTON: AUTOCONHECIMENTO, IDENTIDADE
E LIBERDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2025**

GLEYESLAINE MARIA SOUZA DE OLIVEIRA

**O PÉRIPOLO DE JANIE CRAWFORD EM *SEUS OLHOS VIAM DEUS*,
DE ZORA NEALE HURSTON: AUTOCONHECIMENTO, IDENTIDADE
E LIBERDADE**

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Literatura e Interculturalidade.

Linha de Pesquisa: Literatura Comparada e Intermidialidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sueli Meira Liebig.

**CAMPINA GRANDE – PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48p Oliveira, Gleyceslaine Maria Souza de.
O Périplo de Janie Crawford em Seus Olhos Viam Deus, de Zora Neale Hurston [manuscrito] : Autoconhecimento, Identidade e Liberdade / Gleyceslaine Maria Souza de Oliveira. - 2025.
96 f. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Sueli Meira Liebig, Departamento de Letras - CH".

1. Autoconhecimento. 2. Espiritualidade. 3. Resiliência. 4. Identidade. 5. Liberdade. I. Título

21. ed. CDD 401.41

GLEYESLAINE MARIA SOUZA DE OLIVEIRA

O PÉRIPOLO DE JANIE CRAWFORD EM SEUS OLHOS VIAM DEUS, DE ZORA
NELAE HURSTON: AUTOCONHECIMENTO, IDENTIDADE E LIBERDADE

Dissertação apresentada à
Coordenação do Curso de Mestrado
em Literatura e Interculturalidade
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestra em
Literatura e Interculturalidade

Linha de Pesquisa: Literatura
Comparada e Intermidialidade.

Aprovada em: 11/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Maria Simone Marinho Nogueira** (***.606.144-**), em **22/08/2025 09:32:40**
com chave **17eb3d367f5411f0b0ed1a1c3150b54b**.
- **Sueli Meira Liebig** (***.639.744-**), em **22/08/2025 09:46:39** com chave
0c3e688a7f5611f0927d06adb0a3afce.
- **suenio.stevenson@professor.ufcg.edu.br** (***.138.464-**), em **02/09/2025**
13:07:34 com chave **efb7db50881611f0b66c1e378c55aeb1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça
a leitura do QRCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/
comum/autenticar_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 02/09/2025

Código de Autenticação: d1caa6



Para minha amada filha, Olívia Maria Souza Brilhante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder força ao longo dos dias exaustivos e por me manter firme e esperançosa mesmo diante de tantos desafios. Ao Senhor dos meus dias, tudo devo.

Ao meu pai José Nazareno e minha irmã Jonnásia por acreditar e cuidar de mim com tanto afeto e dedicação diariamente, são minha base.

À minha sobrinha Gizélia Maria, por ser o meu sol nos dias nublados, minha fonte inesgotável de amor.

Ao pai da minha filha, Brício Brilhante, por me auxiliar na construção e realização de mais um sonho.

À minha amiga Tereza Ribeiro, por me apoiar, encorajar e ser minha confidente.

À minha amiga Leidiane, que tanto me acompanhou e deu forças.

À minha querida orientadora, Sueli Liebig, por tanto carinho, apoio e dedicação.

À CAPES, pelo suporte financeiro.

Aos meus professores e a todos que contribuíram de alguma forma para que eu conseguisse concluir com êxito mais uma etapa de minha carreira acadêmica.

RESUMO

Este trabalho, de cunho qualitativo, analisou a jornada de Janie Crawford, protagonista do romance *Seus Olhos viam Deus* ([1937] 2021), da escritora afro-americana Zora Neale Hurston, sob o ponto de vista da dupla jornada que empreendeu em busca de autoconhecimento, um périplo iniciado com o intuito de encontrar para si uma identificação que acomodasse a sua ânsia de autodefinição, afirmação e liberdade, em meio aos desafios da caminhada de uma mulher negra nascida nos anos 1930, no patriarcal e misógino Sul dos Estados Unidos e aos episódios que concorreram para a fratura da sua identidade, evidenciados por fatos ocorridos no seu passado, presente e futuro ao lado de companheiros que influenciaram, para o bem ou para o mal, o seu processo de construção identitária e autorrealização. O objetivo precípua desta pesquisa constituiu-se em ressaltar a importância do autoconhecimento como chave para consecução da sua liberdade e aquisição da voz que sempre lhe fora negada, da infância à vida adulta, desejo que eventualmente chegou a se concretizar, através de uma jornada física e espiritual que a fez passar gradualmente de objeto a sujeito da sua própria história. Para a consecução do objetivo acima descrito, tomou-se como aporte teórico formulações e postulados ancorados nos estudos de Hall (2006); Santa Bárbara (2018); hooks (1981); Hurston (1975; 1979; 2006; 2021); Butler (1990); Campbell (1997); Bonnici; Zolin (2003), Kaplan (2003); Nogueira (2016); Chevalier e Gheerbrant (1982); Orlandi (2007); Smith (2007); Manguiera; Leite (2018), Perrot (2019), Basques (2019); Vizu (2019); Davies (2021), Bortoni, (2022), Gamze Ar (2023); Fonteles (1987) e Liebig (2024), dentre vários outros que auxiliaram no desfecho da pesquisa, culminando com uma vitória que não foi apenas da protagonista, mas de todas as mulheres em idênticas condições de opressão.

Palavras-Chave: Autoconhecimento. Espiritualidade. Resiliência. Identidade. Liberdade.

ABSTRACT

This qualitative work analyzed the journey of Janie Crawford, protagonist of the novel *Their Eyes Were God* ([1937] 2021), by the African-American writer Zora Neale Hurston, from the point of view of the double journey she undertook in search of self-knowledge, a journey that started with the aim of finding for herself an identification that would accommodate her desire for self-definition, affirmation and freedom, amid the challenges of the journey of a black woman born in the 1930s, in the patriarchal and misogynistic South of the United States, and the facts that contributed to the fracture of her identity, evidenced by events that occurred in her past, present and future, alongside companions who influenced, for better or for worse, her process of identity construction and self-realization. The main objective of this research was to highlight the importance of self-knowledge as the key to achieving her freedom and acquiring the voice that had always been denied to her, from childhood to adulthood, a desire that eventually came to fruition, through a physical and spiritual journey that gradually made her move from object to subject in her own story. To achieve the objective described above, theoretical approaches, formulations and postulates were taken from the studies by Hall (2006); Santa Bárbara (2018); hooks (1981); Hurston (1975; 1979; 2006; 2021); Butler (1990); Campbell (1997); Bonnici; Zolin (2003), Kaplan (2003); Nogueira (2016); Chevalier and Gheerbrant (1982); Orlandi (2007); Smith (2007); Manguiera; Leite (2018), Perrot (2019), Basques (2019); Vizu (2019); Davies (2021), Bortoni, (2022), Gamze Ar (2023); Fonteles (1987) and Liebig (2024), among many others who helped in the conclusion of the research, culminating in a victory that was not only of the protagonist, but of all women in identical conditions of oppression.

Keywords: Self-knowledge. Spirituality. Resilience. Identity. Freedom.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JANIE CRAWFORD E A SUA JORNADA	13
2.1 Da mudez das mulheres Afro-americanas no início do Séc. XX	13
2.2 O Vanguardismo de Zora Neale Hurston.....	17
2.3 A Identidade Fraturada de Janie Crawford	27
3 AUTOCONHECIMENTO, IDENTIDADE E LIBERDADE.....	38
3.1 A dupla jornada em busca da autoconfiança.....	38
3.2 O silêncio e o glorioso regresso de “quem nunca esteve lá”	45
3.3 A busca por Deus dentro de si mesma	49
4 RUMO AO FINAL DA JORNADA: RESSUREIÇÃO E EMPODERAMENTO	55
4.1 Voz feminina e desvozeamento: Janie e suas relações amorosas	55
4.2 A carga simbólica em <i>Seus Olhos viam Deus</i>	72
4.3 Conclusão do périplo: A identidade reconstruída e sensação de liberdade	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A – CAPA DO LIVRO “SEUS OLHOS VIAM DEUS” TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS	91
ANEXO B – FOTOGRAFIA DA ASSINATURA DA ZORA HURSTON.....	91
ANEXO C – FOTOGRAFIA DA ZORA NEALE HURSTON.....	92
ANEXO D – FOTOGRAFIA DA ASSINATURA E DESENHO DA ZORA HURSTON	92
ANEXO E – CITAÇÃO DA ZORA NEALE HURSTON	93
ANEXO F – FOTOGRAFIA DA INFÂNCIA E CONTEXTO FAMILIAR DA ZORA	93
ANEXO G – RETRATO E CITAÇÃO DA ZORA NEALE HURSTON.....	94
ANEXO H – CITAÇÃO ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO À LITERATURA DA OBRA “THEIR EYES WERE WATCHING GOD”	94
ANEXO I – FOTOGRAFIA ACERCA DA “RENASCENÇA DO HARLEM”	95

1 INTRODUÇÃO

There is no book more important to me than this one... It speaks to me as no novel, past or present, has ever done
(Alice Walker)¹

Neste estudo, analiso a jornada da protagonista Janie Crawford, do romance *Seus Olhos viam Deus* ([1937]2021), de Zora Neale Hurston. Com este intuito, enfatizo o que ocorre durante o seu périplo, que consiste em uma dupla jornada – física e espiritual – na busca de uma identidade que acomode os seus anseios e perspectivas de vida relativos às convivências que manteve com os seus parceiros amorosos; a sua voz e silenciamento; a busca pela autoconfiança e o encontro com Deus dentro de si mesma, elementos fundamentais para o alcance da sua sensação de liberdade. Aqui são considerados os fatores que corroboram a fratura da identidade da protagonista, a partir dos quais se evidenciam aspectos do seu passado, presente e futuro, relacionados ao processo de construção identitária e autorrealização.

Jane Crawford irá vestir várias identidades cambiantes na procura por autodefinição social e redenção espiritual. Na sua obra como um todo, Hurston nos apresenta, através da jornada da protagonista, mais um enredo marcado por características que reforçam o quanto as mulheres negras têm se destacado por se posicionarem contrárias à opressão, tendo feito várias contribuições para a construção de uma nação negra estadunidense. A exemplo da personagem em análise, a forma como as feministas negras celebram a sua procura identitária e o seu sucesso, revela a força e a resiliência necessárias para o confronto com o apagamento social e a vitimização. Sobre a obra em estudo, Ar² afirma que:

Their Eyes Were Watching God is also regarded as the first African American work that describes the awakening of African American women. Black feminist critics analyze the works of Black female writers from a feminist or political perspective, and it is seen as a reading of race, gender, and class in modes of cultural expression (Ar, 2023, p. 4).³

¹ “Não há livro mais importante para mim do que este... ele fala comigo como nenhum outro romance, do passado ou do presente, jamais falou” (Alice Walker).

² Ar - Nome escolhido pela autora para assinar suas pesquisas e textos acadêmicos. O seu nome original é Gamze Arlandogan - (Unidversidade de Bartin, Turquia). Disponível em: <https://www.instagram.com/gamzeinnewyork/> Acesso em: fev. 2025.

³ *Seus Olhos viam Deus* é também considerado o primeiro trabalho afro-americano que descreve o despertar da mulher afro-americana. Críticas feministas negras analisam os trabalhos de mulheres escritoras negras de uma perspectiva feminista ou política, e isto tem sido visto como uma leitura de raça, gênero, e classe, bem como uma forma de expressão cultural (Ar, 2023, p. 4). Tradução minha. A partir daqui, as traduções, quando não pertencentes à obra traduzida, serão da minha autoria.

Nesse sentido, Hurston explora as submissões, as insanidades, as lealdades e triunfos das mulheres negras. Considerando estes aspectos de sua escrita, pontuo ainda que as oposições binárias de gênero são consideradas conceitos estruturais que caracterizam homens e mulheres em polos opostos, atribuindo a cada uma das funções distintas e complementares. Essas divisões amplamente reforçadas por discursos culturais, religiosos e científicos, têm sido historicamente utilizadas para tentar justificar a desigualdade social e a subordinação feminina. Assim, a autora explora estas funções através dos acontecimentos da vida da protagonista, na qual muitos aspectos relacionados às oposições binárias de gênero atuam como exemplo da sua própria vida.

Na trajetória de Jane Crawford acontecem episódios que Hurston já havia presenciado e até sentido, fatos que funcionam como gatilho para as transformações da personalidade e da identidade da personagem e que exalam uma nova essência feminina. Através da quebra de tais paradigmas e da sua constante vontade autoexpressão e mudança, Jane Crawford passa por um período de mudanças e, a partir de então, celebra um senso de completude que lhe incorpora um novo *status*, o redentor.

Assim, o enredo do romance compreende a jornada de Janie Crawford, uma mulher que enfrenta o tabu de escolher o seu próprio destino na Flórida dos anos 1930. Nos tons neorrealistas da década, a autora nos oferece a possibilidade de embarcar no périplo da sua protagonista rumo ao autoconhecimento, à afirmação identitária e à libertação dos grilhões patriarcais que sufocam os seus ideais e tolhem as suas expectativas de futuro, enquanto mulher negra no misógino ambiente do Sul racista dos Estados Unidos. Fazendo-nos revisitar os caminhos por ela percorridos da adolescência à maturidade, vamos acompanhando o desenvolver da sua emancipação à medida em que ela lida com os obstáculos que a surpreendem ao longo de toda a narrativa, em uma jornada física e espiritual a caminho do amor, das alegrias e das tristezas da vida.

Narrada em *flashback*, a saga de Janie Crawford inicia com o seu retorno a Eatonville. O dilema envolvendo a morte do último companheiro, *Tea Cake*, é marcado por julgamentos e falácias por parte da comunidade local. Neste momento da narrativa, ela conta com o apoio da amiga Pheoby, que a acolhe em seus braços. Desta forma a heroína, cheia de si mesma e mais madura, não se incomoda com o falatório geral e segue seu caminho de autodescobertas, agora de uma vez por todas, olhando para um horizonte mais brilhante, vestida de amor próprio e liberdade.

Há na jornada de Janie Crawford uma espécie de geografia da raiva que percorre junto com ela vários caminhos pelas veredas de *Seus Olhos Viam Deus*. Alguns trechos deste percurso me oferecem subsídios para entender como as relações da protagonista - não apenas com os

seus ex-companheiros, mas principalmente com eles -, a sua avó materna e a sociedade a sua volta incentivaram a sua procura por uma nova identidade, já que as identidades por ela assumidas no passado foram sendo estilhaçadas em mil pedaços de fúria, indignação, revolta e vazio, como se o seu ser estivesse perdido entre a dúvida e a razão, o ódio e o desejo de amar, o medo e a coragem para seguir procurando conhecer-se. Assim segue a jovem, revigorando-se e transformando-se sucessivamente em uma nova mulher a cada identidade assumida.

Por mais inaceitável que possa parecer, a obra foi mal acolhida e muito criticada pelos militantes negros, principalmente pelos escritores do “*Black Arts Movement*”. O livro foi escrito em apenas sete semanas e dedicado à sua amiga Pheoby, enquanto Hurston realizava uma pesquisa no Haiti. Nas palavras de Liebig (2024, p. 72), “*Their Eyes Were Watching God* contém uma imaginação visual que passeia pela cultura, o cristianismo, o amor, o comportamento humano, as relações familiares e amorosas, as formas de opressão, os estereótipos, dentre outros elementos, que liricamente tecem uma crítica à sociedade da época”. Afora isto, além de marcar a afirmação de uma identidade cultural, o romance também contribui para a luta pela inserção das mulheres no bojo da sociedade norte-americana.

A respeito da temática apresentada nesta pesquisa, realizei previamente uma consulta à base de dados do *Google Acadêmico* sobre a fortuna crítica de *Seus olhos viam Deus*, que me levou a alguns artigos, dissertações e teses de doutoramento com temas semelhantes, como por exemplo: 1) o artigo “*Seus olhos viam Deus*, de Zora Neale Hurston, e a construção identitária da personagem Janie”, de Raquel Barros Veronesi e Carlos Augusto Viana da Silva, em *Revista Travessias Interativas* n. 10, jul.-dez/2015; 2) o artigo “A Representação da mulher negra americana do início do séc. XX em *Their eyes were watching God*, de Zora Neale Hurston”, de Aline Benato Soares, Mirian Ruffini & Mariese Ribas Stankiewicz, na revista *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*. v. 25, p. 201-215, 2019; 3) o artigo “Zora Neale Hurston e *Olualê Kossola*: O encontro entre a diáspora forçada e diáspora voluntária”, de Carolina Nascimento de Melo, em *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v 12, ed. 2, 11/06/2022; 4) a dissertação “Zora Neale Hurston & *Their Eyes Were Watching God*: the construction of an african-american female identity and the translation turn in Brazilian Portuguese”, de Rodrigo Carvalho Alva, da UERJ/LETRAS, 2007; 5) a dissertação “Escrevivências na diáspora: uma leitura sobre as relações afetivas em *Ponciá Vicêncio* e *Seus olhos viam Deus*”, de Isabele Soares Parente (UFSC, 2021) e 6) a tese de doutoramento “Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas: uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston”, de Fernanda Felisberto da Silva. Rio de Janeiro: UERJ, 2011 e a dissertação de Geovane Alves de Souza,

“Loucura, vislumbre e resistência em contos de literatura estadunidense: Gilman, Chopin e Hurston. Campina Grande, 2021.

Entretanto, não encontrei registro algum sobre o tema defendido nesta dissertação, que é a consecução da identidade fraturada da protagonista através do autoconhecimento. Ademais, abro aqui um espaço para considerar o valor significativo das pesquisas citadas no parágrafo anterior, voltadas para o estudo de personagens literárias femininas que fomentam a possibilidade de debates em torno de suas vivências e relações sociais, levando em consideração que dentre os modos de ler e compreender o mundo, a literatura ocupa espaço na condição de manifestação artística, crítica e representativa.

Em resumo, situo as minhas discussões entre os anos 1930 e 1980 a fim de contemplar o contexto histórico referente aos acontecimentos, descobertas e transformações na trajetória da mulher afro-americana, mais especificamente no cenário histórico-social do estado da Flórida, chão de Zora Neale Hurston (1891-1960). Pontuo, também, a importância de se ouvir o grito que ecoa das tentativas de silenciamento sofridas pela protagonista ao longo de sua jornada, buscando também compreender como se dá a representação e o reconhecimento da sua voz e redenção. À Hurston, que é o coração e a voz que me tocou a alma e me instigou à feitura deste trabalho, dedico o segundo tópico do primeiro capítulo.

A pesquisa realizada em outros textos acadêmicos, tem como justificativa a contribuição para a feitura do meu trabalho na medida em que me possibilitou uma viagem pelo universo da análise de obras e do fictício, jornada esta atravessada por eventos que espelham vivências reais e, a partir delas, a revelação de ideias. Esta oportunidade me propiciou perceber as articulações de interpretação e análises estruturadas por outros pesquisadores e como as eventuais personagens por eles analisadas reforçam a construção de uma consciência crítica e a autopercepção sobre os sujeitos socialmente constituídos.

Para a descrição do conteúdo, dividi esta dissertação em três capítulos: O primeiro, intitulado “Janie Crawford e a sua jornada”, é composto dos tópicos: 2.1 Da mudez das mulheres Afro-americanas no início do Séc. XX; 2.2 O vanguardismo de Zora Neale Hurston; 2.3; A Identidade Fraturada de Janie Crawford. O segundo capítulo, “Autoconhecimento, Identidade e Liberdade” é dividido, como no primeiro, em três subtítulos: 3.1 A dupla jornada em busca da autoconfiança; 3.2 O silêncio e o glorioso regresso de quem nunca esteve lá e 3.3, A busca por Deus em si mesma. O terceiro capítulo, “Final da jornada: Ressurreição e empoderamento”, é também dividido em três subtópicos: 4.1 Voz feminina e desvozeamento: Janie e suas relações amorosas; 4.2 A carga simbólica de Seus Olhos viam Deus e 4.3 Conclusão do périplo: Identidade reconstruída e sensação de liberdade.

A conclusão a que cheguei é a de que, como diz o próprio título do tópico 4.3, é através do autoconhecimento que a protagonista reconstrói a sua identidade esfacelada e consegue alcançar a sensação de libertação que só os que se conhecem verdadeiramente podem alcançar.

2 JANIE CRAWFORD E A SUA JORNADA

2.1 Da mudez das mulheres Afro-americanas no início do Séc. XX

Para ouvir suas vozes [...] é preciso abrir não somente os livros que falam delas, os romances que contam sobre elas, que as imaginam e as perscrutam [...], mas também aqueles que elas escreveram. (Michelle Perrot)

Vistas como inferiores aos homens, as mulheres eram tidas como destinadas à obscuridade e ao silêncio. No séc. XX do Sul estadunidense, tal obliteração fez com que muitas delas fossem reduzidas a nada, em um ostracismo que seguiu como parte da ordem natural das coisas. Era o lucro que consistia então em calma, a garantia da tranquilidade dentro e fora do lar. A respeito do silenciamento feminino, Perrot afirma que

As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do conhecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (Perrot, 2019, p. 16).

O silenciamento das mulheres afro-americanas no século XX é um tema que reflete tanto as questões de gênero quanto de raça, interligadas a sistemas opressores de poder. É inegável que este processo de silenciamento se manifestou e se manifesta em várias esferas, que abrangem sua atuação no âmbito da cultura, política, economia, relacionamentos, vida cotidiana, profissional, dentre outras.

Apesar das circunstâncias limitadoras, muitas mulheres negras do começo do século XX ousaram falar sobre sua condição social. De acordo com Ar (2023, p. 2), “African American literature explores themes such as freedom and equality, African American culture, racism, religion, slavery, segregation, migration, and feminism”⁴. Todavia, por muitas vezes sem serem ouvidas, as mulheres chegaram a um ponto em que nada mais tinham a dizer verbalmente, agindo através de um silêncio que, paradoxalmente, falava com eloquência. Enquanto algumas silenciavam ou eram silenciadas, o duplo processo de “falar de qualquer jeito” e criticar através de uma “mudez estratégica” (Davies; Lesley, 2001, p. 3), tratavam da forma como esse desvozeamento foi enfrentado. Assim, a autonegação da voz das mulheres negras produziu uma

⁴ A literatura Afro Americana explora temas como a liberdade e igualdade, Racismo, religião, escravidão, segregação, migração e feminismo da cultura Afro Americana (Ar, 2023, p. 2).

memória emocional que enfatizou a sua implosão ou resultou em explosão, produzindo neste caso o arquétipo da mulher negra furiosa:

Still, it must be noted that **it is not always anger** that one sees in Black women who have learned to speak, **but passion**. And in a culture where passion is negated, except in sexuality, a person who speaks passionately to issues is assigned to anger by passionless (Davies e Lesley, 2001, p. 3, grifo meu).⁵

As mulheres negras enfrentaram estereótipos reducionistas, a exemplo da figura materna e esposa subserviente, ou da mulher raivosa como mencionei anteriormente. Contudo, a emergência de escritoras e intelectuais na literatura e nos estudos acadêmicos em torno da pauta fortaleceram o caminho para que as afro-americanas rompessem, ou pelo menos tentassem romper o silenciamento, e através de suas produções literárias, acadêmicas e artísticas pudessem explorar a experiência negra feminina, desafiando as narrativas dominantes à sua própria maneira.

Nesta perspectiva, Davies e Lesley (2001, p. 4) ressaltam que na literatura negra feminina há certos assuntos que não são considerados mencionáveis: o estupro (por conhecidos, namorados e cônjuges) a violência doméstica, o aborto, o feminicídio etc. Por isto, autoras como Zora Neale Hurston são fundamentais pelo fato de retratarem estas e muitas outras formas de subalternidade feminina, representadas na literatura através de personagens, sejam elas protagonistas ou não. Para Ar,

Zora Neale Hurston was a significant figure in African American literature, and her works shed light on the Black South. She was the first Black American to collect and publish African American and Afro-Caribbean folklore [...] Hurston's significant literary works, including *Their Eyes Were Watching God* and *Dust Tracks on a Road: An Autobiography*, [...] express Hurston's subjective experiences (Ar, 2003, p. 2-3).⁶

É válido salientar que a influência da escrita de Hurston sobre outras autoras negras no romance *Seus Olhos Viam Deus* é inquestionável, pois abre caminho para que outras vozes sejam ouvidas. Escritoras como Toni Morrison e Alice Walker, ao explorarem temas como a

⁵ Ainda assim, é preciso ressaltar que nem sempre é a raiva que se vê nas mulheres negras que aprenderam a falar, mas sim a paixão. E numa cultura onde a paixão é negada, exceto na sexualidade, uma pessoa que fala apaixonadamente sobre os assuntos é atribuída à raiva por sentimentos desapaixonados (Davies e Lesley, 2001, p. 3).

⁶ Zora Neale Hurston foi uma figura de grande relevância na literatura Afro-americana, e seus trabalhos abriram portas para o Sul negro. Ela foi a primeira afro-americana a coletar e publicar o folclore Afro-americano e Afro-caribenho [...] Trabalhos mais expressivos de Hurston incluindo *Seus Olhos Viam Deus* e *Trilhas de poeira na estrada: Uma autobiografia*, [...] expressam as experiências pessoais de Hurston.

identidade, a viagem, o autoconhecimento, o racismo e o empoderamento feminino, dialogam diretamente com o legado de Hurston.

Assim, a escrita literária negra feminina se manifesta como fonte de apoio e reflexão em torno das questões de gênero, a fim de contribuir para um chamamento em prol das causas femininas, principalmente as das mulheres negras. "The shifting of privatized discourses to the public arena creates empowerment of women. But therein may also lie the accompanying repression and application of **“strategic deafness”**⁷ (*idem*, p. 4, grifo meu).

Segue-se que, como apontam Davies; Leslie (2001), as escritoras pós-coloniais desenvolvem algumas estratégias para subverter a ordem social e minar o patriarcado que as oprime, a exemplo da música e da escrita. Segundo a autora, tais estratégias são muito interessantes e criativas e se constituem em formas de resistência para desafiar o racismo e o sexismo por meio de suas histórias, arte e ativismo, criando espaços onde suas vozes silenciadas possam ser valorizadas a partir de uma mudez estratégica. Já que suas ações (ou inações) estão fadadas à recusa da escuta pelo poder hierárquico, de tal maneira que o seu pensamento está fadado à sufocação e até mesmo à inexistência, ou seja, é um discurso distorcido, mal compreendido e passível de apagamento. A respeito da escolha de estar em silêncio, digo um silêncio estratégico, em seu livro *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*, Orlandi aponta que:

[...] há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras; [...] o estudo do silenciamento (que já não é silêncio, mas “pôr em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do “implícito”⁸. [...] há um sentido no silêncio (Orlandi, 2007, p. 12).

O que Orlandi propõe é pensar no silêncio não apenas como o não dito, mas como forma de fazer sentido. Ora, se as mulheres negras são vistas como ancoradas à obliteração, por que não modificar esta perspectiva através de uma escrita que livre o silêncio do status negativo ou até mesmo do passivo, assim visto pela cultura social? Para a estudiosa, o silêncio pode ser considerado o fôlego da significação; sendo um lugar de recuo indispensável para significar e fazer sentido, abrindo espaço para o movimento do sujeito na sociedade.

⁷ “A mudança dos discursos privatizados para a esfera pública cria o empoderamento das mulheres. Contudo, pode estar ali embutida a repressão e consequente aplicação da estratégia da surdez.

⁸ As aspas usadas nesta citação respeitam o formato do texto original do livro o qual foi retirada.

Com base em aspectos particulares da escrita negro-feminina, a mudez intencional é uma eficaz tática de defesa contra a ordem estabelecida: a “eloquência do silêncio”⁹ feminino, elemento que contribui para a análise aqui empreendida sobre a viagem exploratória da heroína, age intencionalmente sobre as suas relações com os seus três ex-maridos e do processo de construção de uma identidade feminina em formação, fraturada e silenciada pelas regras de um patriarcado essencialmente misógino e sexista.

A ideia de “eloquência do silêncio”, no contexto de opressão vivida pela mulher afro-americana, é um conceito profundamente rico e multifacetado porque até sob a condição de silenciamento forçado há poder e significado no que não é dito e o silêncio pode ser uma forma de resistência, introspecção ou comunicação alternativa.

O silêncio imposto à mulher era tão costumeiro que culminou na exclusão de debates, na censura de obras, na repressão à sua expressão pública e por fim na subestima e deslegitimação da sua voz. O ato de calar-se, em sua dimensão, compreendia uma estratégia de autoproteção e preservação da sua própria integridade física e emocional. Ao recusar-se a responder a provocações ou a participar de narrativas impostas, o silêncio eloquente representava um ato de resiliência e de ardilosa “negação” da sua voz.

Dentro destes parâmetros Hurston constrói o perfil de Jane Crawford: aparentemente a personagem opta por trilhar este caminho em dados momentos da narrativa de *Seus Olhos viam Deus*, caminho este que discutirei mais detalhadamente nos capítulos que se sucedem. Reenfatizo, pois, a escolha do *corpus*, que se deu pelo meu interesse em pesquisar e discutir as problemáticas apresentadas no enredo do romance, que envolvem o universo feminino, a subalternidade e a consciência de si, a partir da jornada física e emocional da protagonista, em uma errância rumo ao autoconhecimento e à cura de sua identidade, despedaçada pelos relacionamentos tóxicos por ela vividos da juventude à idade adulta.

Dois dos relacionamentos despertam na personagem repulsa e revolta, resultando em separações que dão ensejo ao início de um périplo não apenas físico, mas psicológico, em busca das respostas às perguntas que sempre se faz sobre a sujeição feminina ao sexo masculino: 1) _ Onde e como os seus relacionamentos conjugais interferem na sua identidade em formação e mesmo mais tarde, durante a sua jornada? _ 2) Quais os principais motivos que levam ao apagamento da sua Identidade? 3) _ O que provoca em si os silenciamentos ao longo da vida? _ O que ela vê quando olha para dentro dela mesma? 6) _ De que maneira a sua dupla jornada a

⁹ A expressão “eloquência do silêncio”, aparentemente contraditória, me veio à mente a partir da leitura do tópico sobre “os sentidos dos silêncios”, teorização apresentada por Eni Puccinelli Orlandi em *As Formas do Silêncio* (2007).

leva a um retorno glorioso? 7) _ Por qual motivo, ao concluir sua errância, ela precisa voltar para a pequena cidade, onde afirma nunca ter estado? Estas questões serão efetivamente exploradas e discutidas no desenrolar deste estudo.

2.2 O Vanguardismo de Zora Neale Hurston

I feel that I have lived. I have had the joy and pain of strong friendships. I have served and been served. I have made enemies of which I am not ashamed. I have been faithless, and then I have been faithful and steadfast until the blood ran down into my shoes. I have loved unselfishly with all the ardor of a strong heart, and I have hated with all the power of my soul. (Carla Kaplan, 2003)¹⁰

"I mean to live and die by my own mind," (Zora Neale Hurston)¹¹

A epígrafe acima, ressaltada por Carla Kaplan no livro *Zora Neale Hurston: A Life in Letters*, resulta de uma pesquisa na qual Kaplan escreveu mais de 800 páginas para abordar a riqueza da história e os eventos importantes da vida de Hurston. Começo, pois, por abordar estes aspectos, bem como a importância da escritora como mulher negra, forte e resiliente, que ao longo de sua trajetória alçou voo na escrita mesmo diante de muitos obstáculos, tornando-se um dos maiores nomes da literatura Afro-Americana do século XX.

É inegável que Hurston celebrou e preservou a cultura negra em suas pesquisas, obras literárias e produções científicas, marcando profundamente a história de pessoas e lugares com a sua determinação de mulher atuante no âmbito social, através do reforço da importância da construção da autonomia feminina, da cultura local afro-americana negra, do folclore, do entusiasmo e da liberdade de afirmação identitária negra.

Discorrer sobre a sua trajetória não é tarefa das mais fáceis porque ela atuou em várias frentes, porém torna-se uma missão prazerosa por incluir e mencionar fatos históricos que formalizaram e moldaram a sua atuação na literatura e em outras artes, sobretudo pela sua forma de representar as suas raízes e agregar valor significativo ao seu lugar de origem – a cidadezinha chamada Eatonville – e às pessoas daquela comunidade, lugar que se tornou o *setting* comum das suas narrativas.

Estou falando de uma mulher negra inserida nos estudos antropológicos dos anos 1930, que possuía uma perspectiva diferenciada frente às relações sociais, justamente por sua

¹⁰ A tradução desta epígrafe está devidamente localizada na página 17, onde aparece como citação.

¹¹ “Pretendo viver e morrer de acordo com a minha própria cabeça” (Zora Neale Hurston).

proximidade com a subalternidade, a inferiorização e a vulnerabilidade social ligadas ao gênero, raça e classe. Mulher preta, literata e militante. Por isso considero indispensável dedicar um tópico inteiro às suas qualidades e habilidades e, principalmente, enfatizar a sua importância enquanto vanguardista que, à frente do seu tempo, soube influenciar as mais proeminentes autoras afro-americanas que surgiriam nas letras negras dos Estados Unidos cerca de quarenta anos mais tarde.

Acontecimentos trágicos envolvendo a família fizeram com que ela e alguns de seus irmãos se mudassem para Baltimore, onde trabalhou como garçonne, forma que encontrou para custear também seus estudos na *Morgan Academy*. Neste meio tempo, Zora Neale Hurston escreveu um conto intitulado “John Redding Goes to the Sea” (John Redding vai para o mar 1921), o qual revela algumas de suas inquietações referentes àquele período. Assim, evidenciam-se elementos que são fatos de sua trajetória, editados ou fictícios, viagens reais e emocionais que constituem a sua história. Com o advento da *Harlem Renaissance*¹², muitas oportunidades surgiram para a autora.

Naquele período, Hurston viu inúmeras possibilidades de propagar a literatura afro-americana através de agentes publicitários, editores, artistas, cientistas, intelectuais, produtores etc., o que abriu portas também para outros amigos escritores. Grandes nomes também se destacaram na literatura afro-americana, a exemplo de Claude McKay, da Jamaica, Langston Hughes, do Kansas (EUA) Jean Toomer, de Washington (EUA), dentre vários outros.

Ao se mudar para Nova York em 1925, em um momento propício pela iminência do movimento conhecido como “A Renascença do Harlem”, Hurston iniciou sua carreira como escritora, cientista social e membro ativo em meio a um grande momento das artes afro-americanas. Durante aquele período ela desenvolveu e aprimorou seu estilo de escrita, que como mencionei anteriormente, é marcado por uma devoção às suas próprias vivências e forte personalidade, uma mistura de autoconhecimento, sentimentalismo, força de expressão, fervor, ânsia por liberdade, paixão, objetividade e fantasia ao mesmo tempo. Assim, ela celebrava a negrura e conseguia tornar-se uma contribuinte entusiasta do movimento, reforçando e

¹² O movimento cultural conhecido como “Harlem Renaissance” (Renascença do Harlem) se estendeu ao longo dos anos 1920 a 1930. Durante esse tempo, ele era conhecido como o “New Black Movement”, em homenagem à antologia publicada por Alain Locke em 1925. Ele possibilitou o florescimento da cultura afro-americana, particularmente nas artes criativas e sobressaiu-se como o movimento mais influente da história literária afro-americana. Abarcando as artes literárias, musicais teatrais e visuais, seus integrantes procuravam (re)conceitualizar “o Negro”, longe dos estereótipos brancos que tinham influenciado no seu relacionamento com as suas heranças culturais e de uns com os outros. Os ativistas procuravam livrar-se dos valores morais vitorianos e da vergonha burguesa sobre aspectos das suas vidas que poderiam, se fossem observados sob o prisma dos brancos, reforçar as crenças raciais. [...] Por não se restringir apenas ao Harlem, distrito da cidade de Nova Iorque, o bairro atraiu uma notável concentração de inteligência e talento, servindo como a capital simbólica desse despertar cultural (tradução minha).

contribuindo com afínco para a construção identitária negra.

No início do século XX aconteceu um movimento de negros do sul dos Estados Unidos para o Nordeste, em busca de oportunidades, empregabilidade e menos sofrimento, derivado da opressão racial, extremamente sistematizada no Sul. Definido como “A Grande Migração”, ele ocupou cidades como Nova York, Chicago e Filadélfia, fazendo com que alguns bairros se tornassem predominantemente negros. O Harlem veio a ser um desses bairros e, junto da população que então dominava o espaço, incorporou novas formas de expressão cultural, inserindo novas possibilidades de pensar a arte a partir de um olhar negro pautado na luta contra o racismo. O movimento contemplava as mais variadas expressões artísticas, envolvendo escritores e artistas plásticos. Eles revolucionaram a arte ao transformá-la em elemento de protesto explícito contra o racismo. Para a literatura produzida por pessoas negras, era chegado um novo momento: as editoras então se comprometeram com a publicação de livros voltados para a luta contra o racismo e publicaram obras que exaltavam a cultura negra. Aquele era o momento da unidade, de crítica à branquitude e da prioridade dada às questões raciais. A visão voltava-se para fora e aquele movimento propagava a secundarização de outras opressões que acometiam a comunidade do Harlem.

Zora Neale Hurston (2021) desenvolveu o livro autobiográfico *Seus olhos viam Deus* como uma espécie de segundo plano: olhando para dentro de sua comunidade e levando para a literatura o que compreendia: uma população adoecida pelos reflexos da escravidão, do capitalismo e do racismo, celebrando a imagem da mulher negra independente. A esse respeito, Gamze Ar afirma que:

The miserable lives of Black women have been reflected in many works of American literature. Black women lived at the bottom of society and suffered from the oppression of sexuality and racial discrimination. Zora Neale Hurston’s masterpiece, *Their Eyes Were Watching God*, is taken as one of the Black American literary classics and one of the most crucial works in modern literature of black feminism², which focuses on women’s quest for rights and dignity. *Their Eyes Were Watching God* was published in 1973. Not only is this novel appreciated by African Americans for its rich Black culture and dialect, but it is also of interest to a wide range of feminists because of females’ self-awareness. *Their Eyes Were Watching God* is related to Hurston’s political understanding of Blackness and femaleness (Ar, 2023, p. 4).¹³

¹³ As vidas miseráveis das mulheres negras têm sido representadas em muitos trabalhos da Literatura Afro-Americana. As mulheres negras viviam no âmbito inferior da sociedade e sofreram com a opressão sexual e a discriminação racial. A obra principal de Zora Neale Hurston, *Seus Olhos viam Deus*, é aclamado como um dos clássicos literários da literatura Afro-americana e um dos trabalhos mais importantes para a literatura negra feminista, pois focaliza a aclamação feminina por direitos e dignidade das mulheres. *Seus Olhos viam Deus* foi publicado em 1973. Apreciado não apenas por Afro-americanos pela sua rica cultura e dialeto negro, mas também interessa a uma gama de feministas devido à autoconsciência das mulheres. *Seus Olhos viam Deus* tem relação direta com a política de compreensão de Hurston em torno da negritude e feminilidade (Ar, 2023, p. 4).

Partindo desses elementos, Hurston passou a mostrar como as relações se estabeleciam entre os membros da população negra. O seu principal foco foi a relação das mulheres negras com os homens negros e a posição de subalternidade que essas mulheres ocupavam dentro de sua própria comunidade. Ela também falava em suas obras de relações de poder, do trabalho, e principalmente do mundo, que não dava uma pausa para a compreensão do próprio corpo da mulher, da sua mente e das suas relações interpessoais. Segundo Ar,

Zora Neale Hurston is one of the most significant African American writers, especially in feminism. Although she is criticized by some Black writers such as Richard Wright or Ralph Ellison, Hurston masterfully is racial and gender issues. Because of being both black and a woman, she reveals the hardships and experiences of African American women's identities with her novels and stories. *Their Eyes Were Watching God* embodies Black women's spiritual salvation by giving them an identity. In the novel, Janie explores herself with three different male characters. All of them are socially constructed handicaps in front of her development (Ar, 2023, p. 9).¹⁴

Esse olhar interior apresentado por Hurston aparecia para grande parte dos envolvidos no Harlem renascentista como uma ameaça ao objetivo do movimento de criar uma imagem positiva, produtiva e autônoma da população negra estadunidense. Além de narrar relações conturbadas, a autora recorria a estereótipos sobre a população negra, como a ambientação da história no Sul dos Estados Unidos e a linguagem coloquial utilizada nos diálogos, instâncias que os intelectuais da época consideravam indignantes.

Sempre com o pé na estrada, Hurston vivia em busca de novas experiências e adorava escrever sobre elas através de cartas enviadas a alguns amigos mais próximos, a exemplo de Robert Hemenway, que escreveu o prefácio do citado livro *Zora Neale Hurston: a life in letters* (Zora Neale Hurston: uma vida através de cartas), de Carla Kaplan, revelando as correspondências por eles compartilhadas como sendo “envelopes que ao serem abertos exalavam sua energia e essência” (Kaplan, 2003, p. 1).

What a joy it must have been to correspond with Zora Neale Hurston! The letter arrives, certainly with an unexpected postmark, without a return address, from a correspondent moving quickly across borders and through states, never

¹⁴ Zora Neale Hurston é uma das mais importantes escritoras afro-americanas, especialmente no feminismo. Embora ela seja criticada principalmente por alguns escritores negros, como Richard Wright ou Ralph Ellison, Hurston representa magistralmente raça e gênero problemas. Por ser negra e mulher, ela revela as dificuldades e experiências das identidades das mulheres afro-americanas com seus romances e histórias. *Their Eyes Were Watching God* incorpora a salvação espiritual das mulheres negras, dando-lhes uma identidade. No romance, Janie se explora através de três personagens masculinas diferentes. Todas elas são entraves socialmente construídos diante do seu desenvolvimento (Ar, 2023, p. 9).

long in one place, willingly in search of new experiences (*Op. Cit.*, 2003, p. 1)¹⁵.

Pode-se dizer que o mesmo acontece com suas obras literárias, que incluem onze contos e quatro romances, sendo mais famoso, *Their Eyes Were Watching God* (1937); quatro peças e dezoito artigos, nos quais problematiza a questão do negro e o processo do fim da segregação racial nos EUA. Além destas obras, Hurston escreveu também uma autobiografia e diversos livros e artigos na área de antropologia.

A autora escreveu dentro dos âmbitos da literatura e da antropologia, apesar de ser alvo de inúmeros comentários desabonadores, pois era vista pela crítica literária como distante das regras sociais da época, mas apesar disto seus trabalhos ganharam vida e visibilidade entre os anos de 1930 e meados dos anos 1950. Dentre eles um dos mais criticados foi *Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica* (1938), no qual a escritora aborda a política e a cultura haitiana da Jamaica focando na análise e retomada das narrativas e histórias locais, lutando contra um sistema que visibilizava apenas as literaturas tidas como não regionais. Assim sendo, ela fez de sua escrita um espaço de atuação das minorias, principalmente exaltando o folclore afro-americano e a condição social de mulheres e homens atravessados pelo processo e o fim da escravidão.

A esse respeito Zadie Smith aponta que a peculiaridade de Hurston como escritora não se deve ao fato de se constituir apenas em meio às tradições femininas de escrita literária negra, mas a ela mesma, que como escritora era considerada única por expressar a vulnerabilidade humana com força e lirismo, rigorosidade, romantismo e eloquência, enquanto mantinha a sua inigualável essência.

The truth is, Black women writers, while writing many wonderful things, have been no more or less successful at avoiding the falsification of human experience than any other group of writers. It is not the Black Female Literary Tradition that makes Hurston great. It is Hurston herself. Zora Neale Hurston - capable of expressing human vulnerability as well as its strength, lyrical without sentiment, romantic and yet rigorous, and one of the few truly eloquent writers of sex - is as exceptional amongst Black women writers as Tolstoy is amongst white male writers (Smith, 2007, p. 22).¹⁶

¹⁵ Que prazer é ter me correspondido com Zora Neale Hurston! A carta chega, quase que certamente com um selo diferente, provavelmente sem endereço de retorno, de uma correspondente que se muda rapidamente pelas fronteiras dos Estados, nunca permanecendo no mesmo lugar, deliberadamente procurando por novas experiências (Kaplan, 2003, p. 1).

¹⁶ A verdade é que as escritoras negras, embora escrevessem muitas coisas maravilhosas, não tiveram mais nem menos sucesso em evitar a modificação da experiência humana do que qualquer outro grupo de escritores. Não é a tradição literária feminina negra que torna Hurston grande. É a própria Hurston - capaz de expressar a vulnerabilidade humana, bem como a sua força, lírica sem sentimento, romântica e ainda assim rigorosa, e uma

A romancista contemplou revisitar o seu processo de construção identitária frente às nuances históricas e acontecimentos sociais desde a sua autobiografia até obras literárias que nos conduzem a refletir sobre a sua própria trajetória e a do seu povo. Deste modo, Hurston se apropriou dessa estratégia popular em relação aos usos da linguagem pelos negros como forma de subversão em sua escrita. A escolha por uma escrita conflitante com a acadêmica formal da época é produto do seu contato com a oralidade e a resistência negra popular, tanto nos EUA quanto na América Central.

Sem a menor dúvida, Hurston destacou-se como uma mulher sempre à frente do seu tempo e a sua atuação no espaço acadêmico, onde havia a predominância do “masculino branco”, fez com que a ela fosse alvo de mais críticas, em relação a um modo de escrever visto como inadequado, porque exibía uma escrita que não girava apenas em torno das questões raciais, mas da construção de personagens negros que viveram o amor verdadeiro e profundo (Smith, 2007), a exemplo da protagonista de *Seus Olhos Viam Deus*, Janie Crawford. Messias Basques (2019, p. 109) assegura que ao criticar o mercado editorial da época no ensaio “O que os editores brancos não publicarão” (1950), Hurston esclarece que

[...] permanecerá impossível para a maioria conceber um Negro experimentando um amor profundo e duradouro, e não apenas a paixão do sexo. Que uma grande massa de Negros possa ser tocada pelos desfiles de primavera e outono; pela extravagância do verão e a majestade do inverno. Que possam experimentar a descoberta dos numerosos rostos sutis, como base para um amor profundo e desinteressado, e as diversas nuances que destroem esse amor, como costuma acontecer com qualquer outra pessoa. Diante do atual estado das coisas, essa capacidade, essa evidência de emoções elevadas e complicadas, está descartada. Daí a falta de interesse em um romance que não gire em torno da luta racial (Hurston, 1950, *apud* Basques, 2019, p. 110).

Os editores preferiam a publicação massiva de obras e histórias que definissem a população negra como limitada às questões raciais, enquanto Hurston defendia tornar públicas as narrativas que trouxessem as emoções e as complexidades das pessoas negras em detrimento do tema racial, obras que abrangessem outros elementos constituintes de sua humanidade e priorizassem a condição feminina negra.

Assim, a autora mesclou a sua escrita com o que primordialmente transita entre um vocabulário característico da população americana e o acadêmico; ademais, ao escrever em primeira e terceira pessoas, medeia a sua autonomia enquanto estabelece a construção de uma

das poucas escritoras de sexo verdadeiramente eloquentes - é tão excepcional entre as escritoras negras como Tolstoi o é entre os escritores brancos.

ligação entre a subjetividade e as suas raízes, dada ainda pelo volume de oralidade, que escrito, ganhou vida através das suas personagens. Nesta perspectiva, Hurston partiu de uma visão antirracista e antissexista, dando visibilidade às mulheres afro-americanas. O seu movimento de escrita foi fundamental para que posteriormente o campo de estudos para mulheres negras ganhasse força, rompendo assim os padrões preestabelecidos cientificamente pela hierarquia masculina branca, mais especificamente por volta dos anos 1970/80.

A autora contribuiu e influenciou a sistematização de novos questionamentos e no rompimento de paradigmas frente à predominância de uma academia branca. Como mulher que ocupou a cátedra de antropologia, agenciou a produção de conhecimento em relação à união da cultura ao social, como a sexualidade, os padrões de comportamento, os rituais, as religiões, a exemplo do *vodu*, do qual foi a primeira pesquisadora em solo estadunidense (Dutton, 1993).

No campo da crítica literária, as estratégias de defesa de Hurston contribuíram para a quebra de hegemonias, principalmente no tocante às relações entre homens e mulheres, pautadas ao longo dos tempos pela manutenção da honra do homem, que estaria sempre em primeiro lugar. Inquestionavelmente, seu fazer literário e sua trajetória de vida, legitimaram-se como enfrentamento e abriram espaço para a reinterpretação dos textos produzidos anteriormente por outras autoras negras que haviam sido silenciadas.

A este respeito, bell Hooks¹⁷ (1981, p. 52) afirma que “A produção literária das mulheres negras, ao evocar as experiências cruéis do passado, busca desarticular os sistemas que contribuem para a manutenção de estereótipos negativos”. Falar sobre a trajetória de Hurston inclui, portanto, mencionar os fatos históricos que formalizaram e moldaram sua atuação na literatura e em outras artes, sobretudo pela sua forma de representar as suas raízes e agregar valor significativo ao seu lugar de origem e aos que se constituíram como cidadãos(ãs) locais.

Ao pesquisar sobre sua vida, deparei-me com informações que retratam o seu sonho de uma vida promissora em Eatonville, o que, por coincidência ou não, muito se assemelha aos desejos de Janie Crawford em *Seus Olhos*. Aquela cidade representava novas possibilidades e oportunidades para a família. Seu pai havia se tornado um eminente ministro, pastor da Igreja Batista da Macedônia, tendo posteriormente galgado a posição de prefeito da cidade. Suas boas

¹⁷ bell Hooks, cujo nome verdadeiro era Gloria Jean Watkins, escolheu escrever seu pseudônimo com a letra minúscula no prenome por um posicionamento político e para evidenciar o seu pertencimento à comunidade, já que queria que as pessoas se atentassem às suas palavras obras e não a sua pessoa. Disponível em:

lembranças são narradas enfatizando o quão poderiam ser felizes, pois a eles e ao povo negro que residia na cidade nada faltava. A respeito de tais ficcionalizações, Kaplan observa que:

Hurston's Eatonville is more distinguished yet: a utopian, imagined world where blacks lived near whites "without a single instance of enmity," people lived "simple" life of open kindness, anger, hate, love, [and] envy", "you got what your strengths would bring you", and where the Hurston family enjoyed a nice "piece of ground with two big Chinaberry trees shading the front gate," many bushes and flowers, "plenty of orange, grapefruit, tangerine, guavas and other fruits in our yard," and an eight room house. In Hurston's Eatonville, "we had all that we wanted" (Kaplan, 2003, p. 38).¹⁸

Na autobiografia *Dust Tracks on a Road* (algo equivalente a Rastros de poeira numa Estrada -1991), Hurston expressa a sua origem através de uma espécie de isca, que subjaz uma crítica à ideia supremacista de que se não fosse pelos brancos, os negros não teriam vida, e por isso, seriam tradicionalmente tratados como mentirosos sem autonomia para contar a sua própria história. Esta possibilidade encadeia várias interpretações e construções de sentido em torno de suas narrativas. A folclorista contempla ainda a descrição da morte de sua mãe em 19 de setembro de 1904, quando ela tinha treze anos de idade, período considerado "*the missing decade*" (a década perdida) ou "*years of agony*" (anos de agonia), justamente por presenciar momentos trágicos e dolorosos diante daquela grande perda. Hurston teria que lidar com os problemas relacionados a um segundo casamento de seu pai logo após a viuvez, o que trouxe para a sua vida familiar a presença de uma madrasta malevolente, fazendo com que ela se sentisse uma forasteira dentro de sua própria casa. Aliás, essa sempre foi a condição do negro estadunidense em geral: sentir-se um(a) forasteiro(a) na sua própria terra natal.

Com o passar dos anos, em busca de recuperar o tempo perdido, Hurston preencheu os seus turnos de estudo com muita escrita. Foi neste período que chamou a atenção de muitos dos seus professores, o que a levou a embarcar no meio literário ao ser aceita posteriormente em Howard. Durante o tempo em que esteve em Howard, conheceu Herbert Sheen, que se tornou seu primeiro marido em 19 de maio de 1927. Todavia, o relacionamento findou-se por Hurston priorizar sua carreira. Assim, na trama de *Seus Olhos* evidenciam-se elementos que seriam fatos de sua trajetória, editados ou fictícios, porém constituem a "sua" história.

¹⁸ A Eatonville de Hurston é ainda mais peculiar: um mundo utópico e imaginado onde os negros viviam perto dos brancos "sem uma única instância de inimizade", as pessoas viviam uma vida "simples" de gentileza aberta, raiva, ódio, amor, [e] inveja", "você tinha o que suas forças lhe traziam", e onde a família Hurston desfrutava de um belo "pedaço de terra com dois grandes pés de cinamomo. sombreando o portão da frente", muitos arbustos e flores, "muita laranja, toranja, tangerina, goiaba e outras frutas em nosso quintal" e uma casa de oito cômodos. Na Eatonville de Hurston, "tínhamos tudo o que queríamos (Kaplan, 2003, p. 38, tradução minha).

Durante o período da “*Harlem Renaissance*” Hurston viu inúmeras possibilidades de propagar a literatura afro-americana através de agentes publicitários, editores, artistas, cientistas, intelectuais, produtores etc., o que abriu portas também para outros amigos escritores. Foi um momento de explosão de criatividade nas artes musicais, teatrais, visuais e principalmente na literatura negra. Grandes nomes também se destacaram na literatura afro-americana, a exemplo do jamaicano Claude McKay, do poeta Langston Hughes, do Kansas e do ativista Jean Toomer de Washington, dentre outros. Assim a autora tornou-se uma contribuinte entusiasta do movimento.

Hurston é referência para várias escritoras negras, a exemplo de Alice Walker (1944), Maya Angelou (2014), Toni Morrison, (2019), Octavia Butler, (2006), Tayari Jones (1970), Gwendolyn Brooks (2000), dentre outras que a sucederam. Através de uma escrita de resistência que podemos chamar *grosso modo* de neorrealista, a autora abrange temas relacionados à subalternidade humana, à religiosidade, às construções hierárquicas de poder entre homens e mulheres negros e às tradições, dentre outros elementos que enriquecem suas narrativas e ecoam a busca por afirmação identitária e representatividade, principalmente das afro-americanas, passando assim a construir uma imagem modelo como mulher e escritora. A este respeito, Manguiera; Leite (2018) afirmam que:

Em Hurston, a resistência como tema pode ser evidenciada na escolha da escritora em focalizar sujeitos socialmente marginalizados, ao retratar, especificamente, a situação da mulher negra na sociedade patriarcal americana. Já a resistência como processo inerente à escrita fica clara na reclusa da escritora em se submeter às convenções tradicionais da escrita literária, quando faz uso de uma variedade não padrão em seus textos para retratar o falar da comunidade afro-americana. Essa dupla resistência evidenciada na literatura de Hurston, tanto em relação a escolha dos temas quanto em relação a escrita converge para um objetivo comum, a saber, a tentativa de afirmação de princípios e de uma identidade negra para além dos estereótipos vigentes até então (Manguiera; Leite, 2018, p. 289).

Contudo, após muito se destacar, Hurston sofreu ataques por parte da crítica literária branca, o que chegou a afetar sua carreira como escritora em meados dos anos 1940, por uma acusação de moléstia a uma criança de dez anos. Ainda assim conseguiu provar sua inocência, já que estava em outro país no momento da acusação. O acontecido deixou-a devastada e com medo. Sua imagem havia sido desconstruída e manchada por um crime que não havia cometido. Diante da situação, Hurston entrou em depressão, após seus trabalhos serem rejeitados com frequência. Passando por um momento de fragilidade e decadência, a autora buscou outras formas para sobreviver, chegando trabalhar como empregada doméstica na Flórida, por volta

de 1950, seguindo posteriormente na tentativa de reavivar sua carreira como escritora. Optou pelo jornalismo, a biblioteconomia e a docência, porém não obteve êxito. Apesar de ter vivido calorosamente e ter tido uma carreira profícua não obstante os empecilhos, Zora Neale Hurston veio a falecer em virtude de um ataque cardíaco em 28 de janeiro de 1960 e foi enterrada em um cemitério para negros em *Fort Pierce*. Após dez anos de sua partida a escritora Alice Walker decidiu iniciar uma jornada em busca de informações sobre o que realmente aconteceu com Hurston. Imersa na ânsia de realizar a missão a que se propôs, Walker encontrou não apenas seus escritos, mas também seu túmulo. Daquele período proveio a inspiração para a escrita do artigo “In Search of Zora Neale Hurston” (à procura de Zora Neale Hurston -1975).

Para Walker (1975), Hurston é considerada como exemplo de representatividade e preservação da memória cultural do povo afro-americano, tendo se doado fielmente à sua tarefa, enfrentado o racismo, o sexismo e o preconceito, fazendo com que não só a dela, mas a voz de muitas alcançasse uma vastidão de lugares e corações ao redor do mundo. Assim sendo, em homenagem à antecessora, Walker construiu um jazigo em sua honra com os dizeres: “*Zora Neale Hurston, um gênio do Sul*” (1901-1960). *Romancista, folclorista e antropóloga*” (Alva, 2007, p. 28, *apud* Potter, 2006).

Hurston faleceu como uma mulher sem recursos financeiros, mas a monetização de alguns de seus trabalhos serviu para arcar com as despesas do seu funeral. Em um dos trechos da autobiografia *Dust Tracks on a Road*, ela pontua:

While I am still below the allotted span of time, and despite, I feel that I have lived. I have had the joy and pain of strong friendships. I have served and been served. I have made enemies of which I am not ashamed. I have been faithless, and then I have been faithful and steadfast until the blood ran down into my shoes. I have loved unselfishly with all the ardor of a strong heart, and I have hated with all the power of my soul. What waits for me in the future? I do not know. I can't even imagine, and I am glad about that. But already, I have touched the four corners of the horizon, for from hard searching it seems to me that tears and laughter, love and hate make up the sum of life (Hurston, 2007, p. 113).¹⁹

Em outras palavras, a autora relata que apesar de tudo, sentia que tinha bem vivido; conheceu várias pessoas e teve amizades verdadeiras, serviu e foi bem servida. Que manteve sua fé mesmo estando fragilizada emocionalmente, se manteve firme ao amar e odiar com todo

¹⁹ Enquanto ainda estou neste mundo, sinto que realmente vivi. Eu tive as alegrias e dores das grandes amizades; servi e fui servida; fiz inimigos pelos quais não me sinto culpada. Estive sem fé e depois fui fervorosa e segura até o sangue escorrer pelos meus sapatos. Amei despreziosamente com todo o ardor de um coração forte e odiei com todas as forças da minha alma. O que espera por mim no futuro? Eu não sei. Eu nem posso imaginar. E sou grata por isso. Mas já bati os quatro cantos do mundo em cuja dura errância aprendi que as Lágrimas e os sorrisos, o amor e o ódio são a somatória da vida (Hurston, 2007, p. 113).

poder de sua alma. Conseguir tocar os quatro cantos do horizonte entre lágrimas e sorrisos, amor e ódio, são a soma da vida. Evidentemente, Hurston viveu e sentiu o mundo com fervor e paixão. Uma heroína nunca morre. Com a redescoberta dos seus escritos após sua morte, vários estudos sobre sua vida acadêmica e literária foram empreendidos, a exemplo dos de Hemenway em 1977, na obra *Zora Neale Hurston: A Literary Biography*²⁰, onde o autor reconstruiu a vida intelectual da autora e sua personalidade enigmática.

2.3 A Identidade Fraturada de Janie Crawford

Ao analisar a personagem, paulatinamente vamos entendendo o modo pelo qual a sua busca de reconfiguração identitária a leva a empreender uma jornada em busca de reconstruir a sua identidade fraturada. O enredo apresenta um cenário de vários acontecimentos que marcam a sua vida ao longo do tempo e que irão influenciar diretamente nas escolhas que faz. Janie enfrenta o tabu de escolher sobre o seu próprio destino ao eliminar da sua vida relacionamentos vazios e brutais durante o processo pessoal de formação identitária, processo este que discuto neste tópico à luz dos conceitos de Stuart Hall (2006), ao relacionar o sujeito ao âmbito social, o que envolve não apenas as relações com o outro, mas também consigo mesmo.

Hall (2006) refere-se, de modo geral, à concepção de identidade como teoria social que evolui e compreende as mudanças na comunidade. Assim, ele apresenta três concepções: a) a do sujeito do Iluminismo, b) a do sujeito Sociológico, c) a do sujeito Pós-moderno. A primeira formulação consiste no fato de que “velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado” (Hall, 2006, p. 7).

Ao se referir às “velhas identidades”, o estudioso retoma a ideia das concepções arcaicas voltadas para o sujeito do Iluminismo, centralizado no “eu” patriarcal, em que a razão, a individualidade e a masculinidade eram o núcleo, atreladas a uma linha de pensamento que considerava as mulheres como seres não pensantes. Nesta conjuntura, o intelectual denuncia o surgimento de uma segunda onda de construção de identidade, onde a modernidade (re)caracteriza as sociedades modernas do final do século XX e novas formas de estruturação social ganham novas dinâmicas de convivência e interação.

Posteriormente, com a gênese do ser sociológico, as dinâmicas sociais são constituídas pela percepção da relação interativa entre o eu e o Outro, modelando assim um sujeito formado

²⁰ Zora Neale Hurston: uma biografia literária.

pela relação com outras pessoas importantes para ele(a), considerando o interior e o exterior, o pessoal e o público. Deste modo, as pessoas passam a desviar-se da ideia da identidade essencialista advinda do Iluminismo, abalando, então, o que fora até então preestabelecido pelo mundo social.

Como observa Jeremy Mercer, "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise; logo que se supõe como fixa, coerente e estável é deslocada pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990, p. 43, *apud* Hall, 2006, p. 9). Decerto com a crise da identidade e a incerteza de sua fixidez, o sujeito e a estrutura cultural são entrelaçados, isto é, o sujeito patriarcal e o mundo cultural em contato a partir de novas dinâmicas relacionais se tornaram propensos à fragmentação ora tendenciosa, ora não resolvida. Todavia, em se tratando de novas visões em torno destes fatores, opiniões são remodeladas (ou não). Assim, o sujeito que antes era centrado no eu e que tinha uma identidade estável, agora é composto não por uma, mas várias identidades. Afirma Hall (2006) que

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora"²¹ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (Hall, 2006, p. 12).

O crítico cultural aponta ainda que, com a pós-modernidade, a identidade torna-se uma "celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (Hall, 2006, p. 12). Contudo, não existe ainda uma identidade segura, com uma narrativa do "eu" intacta; pelo contrário, assim como os sistemas de significação das estruturas sociais se modificam, também os sujeitos são compelidos a isto. Deste modo, ele afirma que

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

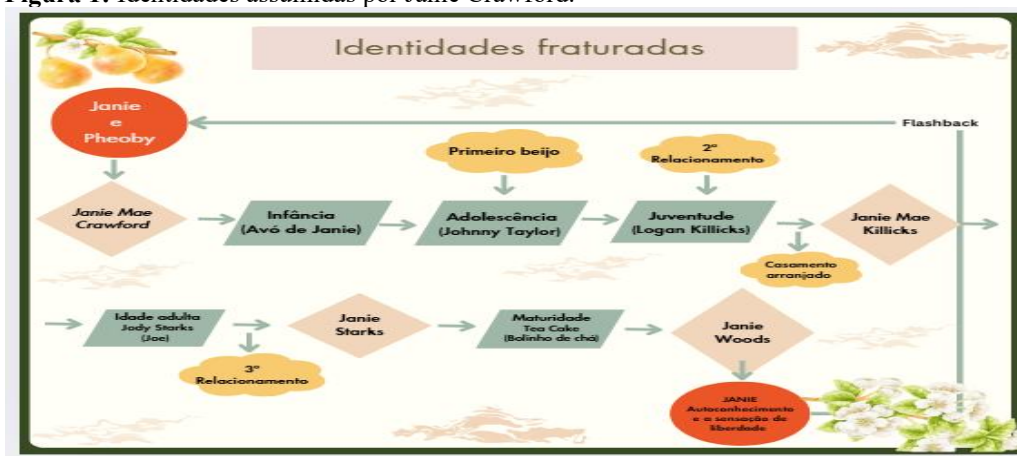
²¹ As aspas usadas nesta citação respeitam o formato do texto original do livro o qual foi retirada.

Consonante ao que diz Hall (2006), observo que a discussão sobre identidade nos move a pensar uma questão que se relativiza à atuação do sujeito humano individualmente e socialmente, conforme as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Tal contextualização da condição humana e novas possibilidades de relação e atuação social incluem aspectos que envolvem e influenciam o lugar epistemológico de uma pessoa no mundo, ou seja, sua vivência de sexo, classe, etnia, dentre outros elementos que referenciam a sua situação de vida concreta.

Semelhantemente às percepções de Fonteles (1987) e Hall (2006), entendo que a identidade não está relacionada à fixidez, ou a uma estrutura individual em sua totalidade, mas ao mundo do qual fazemos parte, composto por sistemas referenciais que moldam os seres humanos e fazem com que o acesso a estes múltiplos aspectos medem a construção do eu.

Vejamos no esquema abaixo as várias identidades que Janie Crawford tem que assumir da infância à maturidade, de acordo com a sua vivência e com os relacionamentos sentimentais pelos quais passa: de Janie Crawford a Janie Killicks daí a Janie Starks, Janie Woods e, finalmente, a uma Janie inominada, longe dos sobrenomes que marcam o seu assujeitamento aos homens que entraram na sua vida:

Figura 1: Identidades assumidas por Janie Crawford.²²



Fonte: Imagem criada pela pesquisadora.

A este respeito Fonteles (1987) entende que

A identidade refere-se àquilo que nos caracteriza como pessoas, que nos dá o referencial de quem nós somos para nós mesmos e para os outros, o referencial de nosso lugar no mundo, é a nossa identidade, aquilo que nos identifica como membros da sociedade [...] a identidade não é, entretanto,

²² É interessante observar que Janie Woods, o terceiro nome da personagem, e só aparece no final do enredo, levando o leitor a inferir que este terceiro nome é propositalmente ocultado pela autora para reforçar a liberdade que Janie experimenta ao lado do seu verdadeiro amor, Tea Cake.

uma estrutura monolítica. O senso de si mesmo é constituído por uma gama variada e contraditória de elementos. Atuam sobre ele os valores dominantes na sociedade (da classe e do sexo hegemônicos), mas também discursos que contrariam esses valores (como o do feminismo, por exemplo), além da própria biografia do indivíduo, isto é sua vivência cotidiana, que transcende os modelos de comportamento estabelecidos para ele. A realidade não é estática; é muito mais rica que os esquemas teóricos que elaboramos a partir dela (Fontele, 1987, p. 19, grifo meu).

Desta forma, as concepções entre o que seria masculino e feminino, as dinâmicas de relações familiares, a forma como cada indivíduo se vê e vê o outro, por exemplo, constituem uma organização social como parte integrante da construção identitária do ser, que se deu de modos variados no decorrer da história do mundo. Dito isto, é possível pensar na relação que compete à construção identitária dos sujeitos, onde a ideia de identidade feminina é produto de padrões culturais, políticos, religiosos e econômicos criados ao redor do mundo.

Neste contexto, tal sistemática está também atrelada ao raro acesso das mulheres a um mundo masculino, marcado pela sua inferiorização social perante o homem. Assim sendo, o que foi discutido até aqui sobre identidade me oferece subsídios para pensar na representação da condição social de Janie Crawford, que envolve a sua relação consigo mesma, a família e a sociedade, dentre outros modos de conexão e relação que tocam a um ser humano.

Da infância à maturidade, Janie enfrenta dificuldades em sua jornada, as quais a desestabilizam em vários momentos, ferindo a sua busca incessante pelo autoconhecimento, emancipação, liberdade e cura. Constantemente desafiada à resiliência, ela ultrapassa obstáculos como o sexismo e a violência, fatores estes que, somados a outros, são os gatilhos que a impulsionam a iniciar a sua jornada rumo ao autoconhecimento como chave para encontrar para si uma identidade que, apesar de não ser absoluta, pelo menos seja robusta o suficiente para atenuar as fissuras deixadas pelas relações anteriores.

Quando criança, Janie vive na casa dos patrões de sua avó, apelidada carinhosamente por ela de Babá. Ambas convivem com a família branca a que pertencem e para a qual os supostos pais da avó trabalhavam. A pequena Janie tem a liberdade de brincar com as crianças brancas da família e conviver dia a dia ao seu lado. Contudo, nessa fase de sua vida, ainda não tem consciência das suas raízes como menina negra; a cor da sua pele ainda é desconhecida para ela, como enfatiza este trecho da obra:

Eu vivia tanto com os menino branco que só soube que num era branca com seis ano. E nem aí ia descobrir, não fosse um homem que apareceu lá tirando retrato, e Shelby, o mais velho, sem pedir a ninguém, mandou ele tirar o retrato da gente. [...] Aí, quando a gente viu o retrato e apontou todo mundo, só ficou faltando uma menininha pretinha, com os cabelo em pé, ao lado de Eleanor.

Devia ser eu, mas eu num me conheci naquela menina preta. Aí perguntei: ‘Onde é que eu tô? Eu num tô me vendo aí!’ [...] ‘Essa aí é você, Alfabeto’, porque muita gente tinha me dado um bocado de nome diferente. Fiquei olhando um tempão pro retrato e vi que era meu vestido e meus cabelo, e aí disse: Oh, oh! Eu sou preta! [...], Mas antes de vê meu retrato eu achava que era igual aos outro (Hurstons, 2021, p. 28, grifo meu).

Em se tratando das discussões em torno da construção identitária de Janie, é de suma importância mencionar que, nota-se já no início da narrativa um elo entre a personagem e a busca incessante de se autoconhecer, sinalizada primeiramente pela busca da afirmação identitária a partir da sua cor, que ela só descobre após indagar quem é a menina preta de cabelo em pé na fotografia registrada em família. Ela não se reconhece na foto, sua identidade é parte da construção social a que pertence desde o nome a ela atribuído pelos padrões à afirmação de sua cor. Janie é negra, mas convive com os brancos em um contexto divergente do de outras crianças negras, por exemplo. Há na sua visão de si uma quebra identitária, guiada pelo fato de não reconhecer as suas próprias raízes, sua cor e o seu nome.

Ao longo da narrativa, nos deparamos com este e outros aspectos que influenciam negativa ou positivamente a vida da personagem ao longo do seu caminho rumo à cura da sua identidade fragmentada. Considero que o mundo imposto à personagem na maioria das vezes representa o de inúmeras mulheres, criado com base em regras, limites e imposições ligadas diretamente ao sexo feminino. Durante a adolescência, a heroína lida com suas inseguranças e as imposições da avó, que afetam diretamente o curso de sua vida, revelando um processo de construção identitária em formação, marcado por padrões preestabelecidos. Segundo Perrot (2019), às fêmeas são imputados sentimentos e comportamentos de fragilidade, confinamento, exclusão, inferioridade, e subserviência aos padrões sociais. A fêmea é mulher desde sempre e tudo o que a rodeia está ligado a isto, diferentemente dos homens:

O macho é macho apenas em certos momentos, a fêmea é mulher ao longo de sua vida ou, pelo menos, ao longo de toda a sua juventude; tudo a liga constantemente a seu sexo, e, para o bom cumprimento de suas funções, é-lhe necessário ter uma constituição que propicie: cuidados, repouso, “vida suave e sedentária”²³. Ela precisa da proteção da família, da sombra da casa, da paz do lar. A mulher se confunde com seu sexo e se reduz a ele, que marca sua função na família e seu lugar na sociedade (Perrot, 2019, p. 64).

Em *Análises e discussões sobre a história das mulheres*, Perrot (2019, p. 41) observa que o nascimento a fêmea era comumente indesejado: “...anunciar que seria um menino era mais glorioso do que dizer que o nascituro seria uma menina”. A estudiosa afirma que isto se

²³ As aspas usadas nesta citação respeitam o formato do texto original do livro o qual foi retirada.

dá em razão do valor diferente associado aos sexos feminino e masculino. “Nos campos de antigamente, os sinos soavam por menos tempo para o batismo de uma menina, como também soavam menos para o enterro de uma mulher. O mundo sonoro é sexuado”. Perrot (2019, p. 42)

Assim, pelas considerações feitas em torno do biológico se dissolvendo no existencial por esta perspectiva, as mulheres seriam um erro: “Eu odiei até o jeito de ocê nascer. Mas mesmo assim dei graças a Deus, tinha outra chance” (Hurston, 2021, p. 36) - diz a avó à neta ao relatar a forma trágica pela qual a jovem tinha sido concebida e ao fato de que sua filha, a mãe de Janie, teria sucumbido a uma vida supérflua por não ter seguido as suas orientações de mãe.

Exibindo uma identidade marcada por diferenças em muitos, senão todos os sentidos, as mulheres sofreram uma espécie de congelamento do seu ser, isto é, a partir de uma visão arcaica e estereotipada, eram vistas conforme estas atribuições imagéticas, contribuindo para uma construção identitária definida não só historicamente, mas também biologicamente.

Perrot (2019) comenta que o sexo feminino é [ou pelo menos era, até pouco tempo] visto como uma “fraqueza da natureza”, um “homem mal-acabado”. Afirma a autora que

De Aristóteles a Freud, o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida. Freud faz da inveja do pênis o núcleo obsedante da sexualidade feminina. A mulher é um ser com concavidade, esburacado, marcado para a possessão, e a passividade pela sua anatomia, mas, também por sua biologia (Perrot, 2019, p. 63).

Como frisei anteriormente, tal configuração em torno da construção da imagem atribuída à mulher ao longo dos tempos está diretamente ligada à construção da sua identidade. A vivência em um mundo sexuado preza pelas imposições a elas direcionadas, como o silêncio, por exemplo, limitação que invade a sua vida em todas as fases e que, por coincidência, também serve de estratégia de defesa contra o poder instituído, como se vê nos comentários das pessoas que entram na loja de Starks: “Se vê que ela não é de falar muito. O jeito que ele dá uns coices na loja às vez quando ela faz um erro, é lá meio malvado, mas ela parece que nem se importa. Acho que os dois se entende” (Hurston, 2021, p. 66).

Perrot (2019) comenta que na cultura da virilidade, as mulheres foram apagadas, confinadas em suas casas, invisibilizadas em várias sociedades, época em que a invisibilidade e o silêncio passaram a fazer parte da ordem natural das coisas, já que sua aparição principalmente em grupos, causava medo, ao invés da tranquilidade advinda do seu silêncio. A

respeito das diferenças a partir das concepções que distanciam os gêneros, Amílcar Torrão Filho (2004), por sua vez, afirma que

Estas diferenças se difundem em símbolos e mitos. Além disso, os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas, expressos em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e que impõem de maneira binária e inequívoca as concepções de masculino e feminino (Torrão Filho, 2004, p. 134-135).

Menciono como exemplo o mito de que as mulheres seriam impuras e até mesmo motivo de vergonha por causa da menstruação, sangue responsável por desvelar a possível ideia de pureza da infância, que surge como uma idealização de identidade para a nova fase da fêmea. Perrot (2019), afirma que

[...] o que se vê é o silêncio do pudor, ou mesmo da vergonha, ligado ao sangue das mulheres: sangue impuro, sangue que ao escorrer involuntariamente é tido como perda e sinal de morte. O sangue macho dos guerreiros “irriga os sulcos da terra” de glória. O esperma é sementeira fecunda. A diferença dos sexos hierarquiza as secreções (Perrot, 2019, p. 44-45).

Em relação à personagem em análise, um rito de passagem que marca a transição da sua infância para a adolescência, mais especificamente aos 16 anos de idade, é ato de conhecer o seu corpo e lidar com suas vontades, seus desejos mais íntimos, que ela busca compreender. O episódio destacado na obra como marco do início de sua vida consciente, nasce a partir do momento em que a avó presencia seu primeiro beijo e lhe ordena a entrar em casa. Assim,

[Janie] Pensou um pouco e concluiu que sua vida consciente começara no portão da Babá. Num fim de tarde, Babá mandou-a entrar em casa porque tinha visto Johnny Taylor beijá-la por cima do mourão do portão (Hurstun, 2021, p. 29).

A possibilidade de acesso ao autoconhecimento a partir da experiência com a sexualidade bate à porta do seu coração como um ritual sagrado e passa a ser presença constante em seus dias no quintal, embaixo da pereira em flor:

A árvore lhe chama a contemplar um mistério. De talos marrons a luminosos botões; dos botões à nívea virgindade do branco.

Isso a excitou muitíssimo. Como? Por quê? Era como uma música de flauta, esquecida em outra existência, que voltava. Quê? Ouvia aquela música que nada tinha a ver com os ouvidos. A rosa do mundo exalava perfume. **E aquele cheiro a acompanhava em todos os momentos em que estava desperta, e acariciava-a no sono. [...], enterrando-se em sua carne. [...] Viu uma abelha portadora de pólen mergulhar no sacrário de uma flor; os**

milhares de irmãs cálice curvarem— se para receber o beijo do amor, e o arrepio de êxtase da árvore, desde a raiz até o mais minúsculo galho, tornou-se creme em cada flor, espumando de prazer. Então aquilo era um casamento! Haviam-na convocado para contemplar uma revelação. Então Janie sentiu uma dor impiedosamente agradável, que a deixou bamba e lânguida (Hurstons, p. 29-30, grifo meu).

O lirismo poético deste trecho é marcado pela imposição limitadora da avó ao prazer do primeiro amor da jovem e dos seus instintos, remetendo à ideia de um comportamento supostamente adequado a uma jovem de 16 anos. Um outro exemplo em relação a tais imposições é o fato de Janie ser forçada a casar-se com Killicks, numa tentativa da avó de conseguir para ela um sobrenome e cuidados financeiros. Em um diálogo acalorado com a neta, Babá argumenta:

-Irmão Logan Killicks. Ele é um homem de bem. -Não, Babá, não, senhora! É por isso que ele ficava rodando aqui? Parece mais uma caveira num cemitério. -Então ocê num quer casar direito, é? Só quer ficar por aí se beijando e se esfregando primeiro com um e depois outro, né? Quer me fazer sofrer que nem sua mãe, né? Minha cabeça de velha inda num tá branca bastante. [...] -Você me responde quando eu falar. Num fica aí fazendo biquinho pra mim depois de tudo que eu fiz procê! Estapeou com violência o rosto da menina, e obrigou-a levantar a cabeça, para que seus olhos se encontrassem na luta (Hurstons, p. 33-34).

Na narrativa, Babá caracteriza-se como símbolo de um sistema arraigado ao patriarcado e suas atitudes em relação a Janie se mostram sempre limitantes. Ao contrário do que lhe é imposto, Janie busca conhecer o mundo e a si mesma. Por não ter um referencial de mulher ideal, o seu caminhar na vida é guiado pelos seus próprios instintos e convicções internas: ela se desvia dos padrões socialmente preestabelecidos ao protestar contra os abusos e contrariar as vontades de Logan Killicks:

Muito antes do ano acabar, Janie notou que o marido parara **com as cortesias. Deixara de maravilhar-se com seus compridos cabelos negros e alisá-los.** Seis meses antes lhe dissera: Se eu posso trazer a lenha pra cá e rachar ela procê, parece que **tu devia poder carregar ela pra dentro. Minha primeira mulher nunca me incomodô com rachar lenha.** Ela pegava o machado e rachava que nem um home. Tu foi muito mimada. E Janie lhe disse: Eu sou tão fraca quanto tu é forte. **Se tu num pode rachar e carregar lenha, eu acho que também pode ficar sem comer. Desculpe a minha franqueza, Seu Killicks, mas eu num penso em rachar nenhuma lenha, não, sinhô** (Hurstons, 2021, p. 43, grifo meu).

Mais adiante observo outro trecho em que podemos destacar a continuação dos maus tratos à jovem esposa:

...- Tu num precisa de minha ajuda aí, Logan. Tu tá no seu lugar e eu no meu.
 - Tu num tem nenhum lugar certo. Seu lugar é onde eu preciso de tu [...] **Tu tá brabo porque eu num caio de joelho e lavro esses vinte e quatro hectare que tu tem. Tu num fez nenhum favor casando comigo. E se é isso que tu diz que fez, eu num agradeço, não.** Tu tá brabo porque eu te disse o que tu já sabia. fui eu que troquei de posição com tu! **Escuta, foi o memo que eu tirar tu da cozinha dos branco e fazer de tu que nem uma rainha , e tu vem me rebaixar! Eu vô pegar aquele machado ali e entrar aí e matar tu! É melhor fechar a matraca!** (Hurstons, 2021, p. 48, grifo meu).

Depois desse episódio a personagem decide fugir com Jody Starks em busca da possibilidade de viver um amor verdadeiro e romântico. Ele se torna o seu segundo marido e primeiro prefeito de Eatonville, mas com o passar do tempo ela torna a se separar, desta vez dele, porque não admite as suas atitudes misóginas, sempre a resultar em humilhações: “**Janie tomou a saída mais fácil** para evitar uma briga. **Não mudou de opinião**, mas concordou com a boca” (Hurstons, 2021, p. 79). Assim, vejamos outro excerto em que isto fica provado de maneira mais clara:

- **É por que tu precisa das ordem - ele disse, irritado.** - Ia ser uma desgraça se eu num desse. **Alguém tem de pensar pelas mulher, pelos menino, as galinha e pelas vaca. Meu Deus do céu, elas num pode pensar nada sozinha.** – [Janie] **Eu sei de umas coisa, e as mulher também pensa às vez.** - Ah, não, num pensa, não. Elas só pensa que pensa. Quando eu vejo uma coisa, eu entendo dez. Tu vê dez coisa e num entende nenhuma. Ocasões e cenas como esta faziam Janie pensar na condição interna do casamento. Chegou o momento em que retaliou com a língua o melhor que pôde, mas não lhe serviu de nada. Só fez Joe piorar (Hurstons, 2021, p. 86, grifo meu).

Quando posteriormente Janie se liga a um homem mais novo, rompendo a ditadura comportamental imposta à maioria das mulheres, a esta altura ela já apresenta uma identidade em metamorfose, passando a se distanciar cada vez mais das convicções identitárias dominantes: ao manter a sua opinião ela afirma essa nova identidade, enquanto o ato de calar atesta a sua estratégia de defesa contra uma autoridade que ela não quer reconhecer como superior, a do homem.

Em suma, por não se sujeitar a uma identidade prefixada, a protagonista de Hurstons a ressignifica constantemente, talhando-a e retalhando-a a partir da sua autopercepção. Assim, ela assume várias identidades cambiantes, passíveis de serem reformuladas, ao invés de resignar-se e permanecer profundamente fincada em um mar de sujeições, limitações e desespero, como se ancorada no sentimento do vazio interior comum às mulheres que ficam impassíveis diante do destino a elas imposto pelas normas patriarcais.

Ansiosa por respostas sobre quem é e para onde vai, Janie imagina formas de encontrar a sua melhor identidade e descortinar um novo horizonte no final da estrada. Aqui está um exemplo do seu amadurecimento e do tempo de repostas às suas questões existenciais:

Alguns anos são de **perguntas**, e alguns outros de **respostas**. Janie não tinha oportunidade de saber de nada, por isso perguntava. _ O casamento punha fim à cósmica solidão do solteiro? _ O casamento trazia à força o amor, como o sol trazia o dia? Nos poucos dias de vida antes de ir para Logan Killicks e seus sempre mencionados vinte e quatro hectares de terra, **Janie perguntava-se interna e externamente**. Vivia indo e vindo entre a pereira e a casa, continuamente perguntando-se e pensando (Hurstons, 2021, p. 37, grifo meu).

O sexismo embutido na designação de gênero é um dos fatores principais a provocar na personagem constantes sofreres, apagamentos, silenciamentos e questionamentos martirizantes ao longo da vida. Em um recorte sobre o problema de gênero aqui subtendido, podemos englobar as violências cometidas contra as mulheres. Conforme a definição de Bonnici e Zolin (2003 p. 218), o gênero é uma

Categoria tomada pela crítica feminista de empréstimo à gramática. Originalmente, gênero consiste no emprego de desinências diferenciadas que visam designar indivíduos de sexos diferentes ou coisas sexuadas. A crítica feminista, todavia, fez com que o termo assumisse outras tintas: toma-o como uma relação de atributos culturais referente a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres humanos. Trata-se, portanto, de uma categoria que implica na diferença sexual e cultural.

Judith Butler (1990, p. 34), por sua vez, vai mais além e nos esclarece que

principalmente em razão dos códigos linguísticos e das representações culturais o sujeito masculino é uma construção fictícia, produzida pela lei que proíbe o incesto e impõe um deslocamento infinito do desejo heterossexualizante. **O feminino nunca é uma marca do sujeito; o feminino não pode ser o "atributo" de um gênero**, ao invés disso, o feminino é a significação da falta, significada pelo Simbólico, um conjunto de regras linguísticas diferenciais que efetivamente cria a diferença sexual. A posição linguística masculina passa pela individuação e heterossexualização exigidas pelas proibições fundadoras da lei Simbólica, a lei do Pai (grifo meu).

É sob tais pontos de vista que os seus relacionamentos conjugais interferem na sua identidade em formação. Nestas circunstâncias, estabelece-se na narrativa uma luta entre a subjetividade da personagem e a objetividade de sua realidade diária, que acaba se sobressaindo, senão vejamos:

Os anos tiraram toda combatividade do rosto de Janie. Por algum tempo, ela pensou que tinham lhe tirado também a alma. Por mais que Joe fizesse, ela

não reagia. **Aprendera a falar um pouco e calar um pouco.** Era um buraco na estrada. Muita vida por baixo da superfície, mas mantida socada pelas rodas que passavam. Às vezes projetava-se no futuro, imaginando sua vida diferente do que era. **Mas a maior parte do tempo vivia dentro de seus limites, com as perturbações emocionais parecendo os desenhos das sombras da mata** - indo e vindo com o sol. Só obtinha de Jody o que o dinheiro podia comprar, e a isso não dava valor (Hurstons, 2021, p. 91, grifo meu).

Uma vez consciente dos motivos que levam ao apagamento e à fratura da sua identidade, Janie começa a se utilizar instintivamente dos mecanismos de defesa do eu a que me referi antes, sendo a rendição e o silêncio ferramentas por ela utilizadas neste sentido.

Considero a fratura da identidade de Janie sob diversas perspectivas, incluindo a psicológica e a sociológica, por exemplo, o que sugere uma identidade dividida, fragmentada ou em conflito, resultado de pressões sociais, expectativas contraditórias e experiências individuais que desafiam a noção coesa do que significa ser mulher, frequentemente colocada em papéis opostos – a santa versus a pecadora, a forte versus a delicada, a mãe versus a profissional, os conflitos internos, os traumas e experiências dolorosas, dentre outros, podem ser considerados como algumas das contradições que levaram à desintegração da sua identidade.

Dentro deste recorte, o romance é representativo das autoras da “Renascença Negra Feminina” (Liebig, 2024), o que resulta na produção literária das escritoras negras que surgiram nos Estados Unidos quatro décadas mais tarde, nos anos 1970, tendo Zora Neale Hurston como vanguardista e inspiradora. A partir daqui acompanharemos Janie na sua dupla jornada.

3 AUTOCONHECIMENTO, IDENTIDADE E LIBERDADE

3.1 A dupla jornada em busca da autoconfiança

“Todas as sociedades produzem estranhos, mas cada espécie de sociedade produz a sua própria espécie de estranhos e os produz da sua própria maneira”.
(Zigmunt Baumann)

A literatura afro-americana frequentemente associa a viagem ao amadurecimento e à autocompreensão, como busca por liberdade e plenitude. Entretanto, houve muitos acontecimentos que influenciaram o despertar por esta busca ao longo da história. Na dissertação “Alimentação e Cultura no Sul dos Estados Unidos da América: Do passado ao Presente”, Twitty; Ferris, *apud* Silva (2022), pontuam:

Desde o início da afirmação da nação (1776), em que se sonhava com o sonho Americano, os cidadãos de proveniência Africana foram excluídos dessa possibilidade [...] estes foram traficados para a escravidão e levados para o Sul dos Estados Unidos da América onde eram forçados a trabalhar na agricultura e em tarefas domésticas (Twitty; Ferris, *apud* Silva 2022, p. 14).

Diante daquele cenário geopolítico, proveio a necessidade de constante locomoção. Assim, na cultura Afro-americana, a viagem simboliza a busca pela liberdade, tanto literal quando espiritual. A ideia de viajar não se limita às posições físicas, mas envolve também o crescimento interior, e até mesmo uma reconexão com as origens, raízes culturais e históricas. De acordo com Silva (2022), os escravizados do Sul dos Estados Unidos acabavam por se identificar entre si e a partir disso criavam laços. Provinham de diferentes regiões da África e por questões de sobrevivência e continuidade das suas raízes ancestrais “vieram a iniciar misturas de elementos culturais dos diferentes locais de onde se originavam, com elementos culturais da nova terra para onde foram trazidos. Mais tarde essas misturas resultariam no que hoje se chama a cultura Afro-Americana” (Davis, 2006, *apud* Silva, 2022, p. 30).

Pode-se considerar então que a viagem é mais que uma localização geográfica; é uma metáfora poderosa para a resistência, a transformação e a renovação. Representa a luta histórica pela liberdade, a reconexão e a possibilidade de contínuo autoconhecimento; uma simbologia viva e ressoante, que encontra eco em histórias, canções e narrativas, dentre outros elementos. Os autores afro-americanos frequentemente usam a metáfora da viagem para explorar questões de identidade, trauma, pertencimento e liberdade. Em *Seus Olhos viam Deus* a viagem é um tema recorrente e significativo que, como mencionei acima, funciona como um símbolo

multifacetado de liberdade, autodescoberta, deslocamento e resistência, usado para explorar questões de identidade, opressão, ancestralidade e o sonho de uma existência mais plena. Este processo rumo à tentativa da libertação e plenitude revela a busca pela sua herança cultural e afirmação da identidade.

É importante salientar que a temática da viagem também é muito presente na vida da própria autora de *Seus Olhos*: acredito que toda a experiência adquirida ao longo da jornada de Hurston tenha influenciado no processo de criação da sua protagonista e na trama do romance. O fato de a autora ter se mudado com frequência, conhecido outros lugares, pessoas e contextos, contribuiu para o seu autoconhecimento e revelação como mulher negra e escritora. Estes aspectos foram se tornando evidentes ao passo que me aprofundei nos estudos sobre a vida de Hurston e na leitura e análise da personagem em estudo. Em muitos momentos, Janie parece ser um espelho de sua criadora, o que enriquece os detalhes do enredo.

Neste mesmo contexto, a relação à metáfora da viagem se mostra presente na vida e na escrita de muitos autores e autoras negro(a)s estadunidenses, que assim como Hurston, comumente migravam e ainda migram, muitas vezes acompanhado(a)s de suas famílias, ou sozinho(as), enfrentando desafios como doenças tropicais, conflitos com o ambiente local e a necessidade de realocação, dentre outros fatores que influenciaram/influenciam suas jornadas ao longo do tempo, tendo de lidar com limitações, opressões e apagamentos, compondo narrativas que mesclam características de vivências espelhadas por Janie Crawford.

Como venho discutindo desde o início, a identidade feminina vem se afirmando perante estas e as várias circunstâncias opressoras. A sua intercessão na esfera social inviabilizava, até meados do século XX, o exercício do direito de escolha, da autonomia de pensamento, de expressão e do acesso à educação e ao domínio do próprio corpo. Consequentemente, as suas escolhas eram permanentemente negligenciadas ou vetadas. Segundo Ângela Davis (2016):

No que dizia respeito ao trabalho, a força e produtividade sob ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo [...] essas mulheres podem ter aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão. A consciência que tinham de sua capacidade ilimitada para o trabalho pesado pode ter dado a elas a confiança em sua habilidade para lutar por si mesmas, sua família e seu povo (Davis, 2016, p. 25-29).

Para além dos fatores de subalternização referentes à jornada da mulher afro-americana nos âmbitos público e privado, há consequentemente, a sua luta interior. Neste segmento Patrícia Hill Collins (2016), pontua três temas-chave em relação à mulher negra: o significado

de autodefinição e de autoavaliação, a natureza interligada da opressão e a importância de redefinição da cultura. A autora argumenta que cada pessoa pode produzir um olhar diferente a partir da situação em que se encontra; entretanto, para as mulheres negras, determinadas configurações são atribuídas. A autora afirma ainda que “como punição, as mulheres negras têm sido atacadas com uma variedade de imagens externamente definidas, projetadas para controlar seu comportamento assertivo” (Collins, 2016, p. 103). É o caso da personagem analisada neste trabalho.

Portanto, tendo em vista o que discuti previamente, é importante afirmar a minha perspectiva em relação à busca pela ressignificação existencial de Janie Crawford: ela é tomada por uma dualidade, marcada pela constante procura de autoconhecimento e pela fé. Uma dupla viagem que engloba sua jornada física e espiritual. Uma dupla jornada que sinaliza os desejos latentes no seu coração, do início ao fim da sua narrativa/caminhada: autoconhecer-se e ser verdadeiramente amada. A protagonista vive em busca de uma existência poética, significativa e profunda e, na ânsia de satisfazer o seu ardente anseio de autoconhecimento, lança-se a uma viagem na qual tenta achar a resposta para como e quando afinal irão se concretizar o reconhecimento da sua voz e a sua posterior redenção. Joseph Campbell (1997, p. 54) reverbera a importância da dupla viagem quando afirma:

E assim é que se alguém em qualquer sociedade **assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão**, por meio da descida, intencional ou involuntária, aos tortuosos **caminhos do seu próprio labirinto espiritual**, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas (podendo qualquer delas devorá-lo) [...]. No vocabulário dos místicos, esse é o segundo estágio do caminho, **o estágio da purificação do eu, em que os sentidos são "purificados e tornados humildes** e as energias e interesses, “concentrados em coisas transcendentais” ou, num vocabulário mais moderno: trata-se do processo de dissolução, transcendência ou transmutação das imagens infantis do nosso passado pessoal. Em nossos sonhos, os perigos, gárgulas, provações, auxiliares secretos e guias ainda são encontrados à noite; **e podemos ver, refletido em suas formas, não apenas todo o quadro da nossa presente situação, como também a indicação daquilo que devemos fazer para sermos salvos** (grifo meu).

Historicamente falando, a tradição da domesticação da mulher é constantemente promovida e reforçada pela convivência entre os seres humanos, o que leva o ser feminino à redução e castração dos seus pensamentos e ações, perante a própria tentativa de conduta de vida. Assim, a naturalização das suas escolhas pré-definidas como hábito assemelha-se a uma âncora que as impede de navegar, como atestam as primeiras palavras da narradora do romance em estudo:

Os navios ao longe levam a bordo todos os desejos dos homens. **Para uns, eles chegam com a maré. Para outros, navegam eternamente no horizonte, jamais desaparecem, jamais atracam [...]**. Assim é a vida dos homens. Mas as mulheres esquecem tudo que não querem lembrar, e lembram tudo que não querem esquecer. O sonho é a verdade. Portanto, elas agem e fazem tudo de acordo com isso (Hurstons, 2021, p. 18, grifo meu).

A metáfora acima representa a castração social à qual as mulheres representadas na obra por Janie são submetidas: longe do mar e por este motivo também privadas da possibilidade de enxergar o horizonte a partir do silenciamento a elas imposto como ato de dominação. Em contrapartida, a tentativa de recalcular a rota a fim de protagonizar a própria história seria um erro que não poderiam jamais cometer, já que isto desembocaria em uma ruptura do padrão universal de comportamento destinado às mulheres no sítio social. Apesar de tais limitações, Janie Crawford escolhe seguir seu coração.

A este respeito, interpreto a dupla jornada da protagonista como algo que se constrói à medida em que suas experiências de construção identitária, vivências com o outro e escolhas são vividas, ou seja, à medida em que o seu caminho é trilhado. O físico, seu corpo viajante, comporta uma dupla carga de crescimento, externo e interno, a partir da busca pelo viver e sentir. Assim, sua peregrinação transcende o espaço físico, transformando-se em uma jornada mais subjetiva e pessoal.

Na dissertação “A mulher em busca de sua identidade”, Malvina Ester Muszkat (1983, p. 10) questiona: “O que dará à mulher condições de compreender a si mesma? de se sentir coerente com suas próprias atitudes? de não se flagrar, quase sempre, escorada em falsas ideologias?” também estes questionamentos me conduziram a refletir sobre as experiências vividas por Janie e nas circunstâncias que influenciaram a sua visão transcendental e as atitudes tomadas durante sua trajetória de autoconhecimento como mulher negra em sintonia com seu interior.

Exemplifico aqui a lógica patriarcal pela qual Janie Crawford é influenciada, rememorando os momentos que antecedem à sua fuga da vida sem graça e sem expectativas que ela levava ao lado de Logan Killicks. Jody Starks lhe diz que está indo rumo ao Sul para encontrar a construção de uma cidadezinha populada unicamente por negros. Supondo que os que construíam um novo lugar para viver teriam que governá-lo, há a necessidade de alguém que exerça autoridade sobre os outros, deixando claro que ele é ambicioso e liderante o bastante para comandar a incipiente comunidade que ali vai se estabelecendo. Querendo convencer Janie a segui-lo como companheira, ele lhe propõe algo tentador: “_ **Leave the s’posin’** and everything else **to me**. Ah’ll be down dis road uhlittle after sunup tomorrow mornin’ to wait for

you. **You come go wid me. Den all de rest of yo' natural life you kin live lak you oughta**²⁴ (Hurstons, 2021, p. 46-47, grifo meu). Jody tenta convencer Janie a deixar Logan Killicks para estar com ele. O homem a vê como boa demais para estar naquela situação e como um par perfeito para si. Está claro que ele não conhece verdadeiramente Janie. Então, ele está baseando essa crença na aparência da jovem. Quando diz “deixa teu marido comigo” (Hurstons, 2021, p. 47), isso pode ser um aviso de que ele não quer saber do seu pensamento.

No posfácio da edição de *Seus olhos viam Deus* o crítico literário Henry Louis Gates Jr. assevera que “para traçar a jornada de Janie de objeto a sujeito, a narrativa do romance passa da terceira para uma mistura de primeira e terceira pessoas, o que chamamos de discurso indireto livre” (Hurstons, 2021, p. 213-14). *Seus Olhos viam Deus* assinala a tomada de consciência de si por parte de Janie. Considerado na cena literária como um romance feminista bastante ousado, ele é o primeiro explícito da tradição afro-americana. Pelo uso da linguagem como instrumento cortante - que tanto pode ferir como salvar -, Janie Crawford, alterego de Zora Neale Hurston, adquire nova identidade e uma energia que a fazem ir à luta. Acredito que pelo desejo de encontrar as suas respectivas vozes, criadora e criatura fundem as suas percepções para expressar pensamentos confluentes ou conflitantes, a depender da presença de uma ou outra narradora nas diferentes situações apresentadas no decorrer da obra.

A protagonista de *Seus Olhos viam Deus* não nos deixa esquecer o fato de que somos responsáveis não só pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos de fazer. Então Janie Crawford resolve agir. E vai à guerra em uma dupla jornada em busca de novos horizontes, em uma caminhada que não é apenas física, mas também se metaforiza em uma viagem ao interior da sua própria essência:

Ele [Joe] queria a submissão dela e continuaria lutando até achar que a conseguiria. [...] **Ela [Janie] Não mais tinha as pétalas abertas quando estava com Joe.** Tinha vinte e quatro anos e sete de casada quando descobriu isso. [...] Janie ficou parada onde ele a deixara por um tempo incalculável, pensando. Ficou ali até que alguma coisa caiu da sua prateleira interna. Aí entrou em si mesma para ver o que era (Hurstons, 2021, p. 87, grifo meu).

Desta maneira Janie, imbuída de uma vontade ferrenha de se autodescobrir - e desta forma encontrar a sua tão desejada liberdade -, dá o primeiro passo desta caminhada logo em tenra idade, quando descobre aos seis anos, naquela foto rodeada de garotas e garotos e brancos,

²⁴ “_-Deixe seu esposo e tudo mais comigo. Estarei nessa estrada um pouco depois do nascer do sol amanhã de manhã para esperar por você. Você vem comigo. Então todo o resto da sua vida natural você pode viver como deveria”.

que o tom da sua pele é diferente. Várias indagações lhe ocorrem a partir desse momento perguntando-se, principalmente, quando e onde poderá encontrar o motivo que a torna diferente das demais mulheres. Como afirma Gabriela Vizu (2019),

[...] a sociedade costuma nos afastar da nossa essência ao exigir comportamentos mais rígidos e padronizados, além de punir muitas manifestações espontâneas da nossa personalidade. Isso vai acontecendo desde quando somos pequenos e nos ensinam a construir máscaras que escondem nosso verdadeiro jeito de ser. Quando essa dinâmica é repetida muitas vezes a gente pode acabar esquecendo de tirar essas tais máscaras, perdendo-nos entre o que somos e o que parecemos ser (Vizu, 2019, p. 7).

A partir do momento em que Janie se descobre negra, sua mente irrequieta não para de refletir sobre a sua subalternidade: primeiro pela cor da pele e posteriormente pela condição feminina. Perdida entre o que realmente é e o que parece ser, aos 16 anos ela começa a namorar Johnny Taylor. Entretanto, como já foi dito, a avó, que tem planos para o seu futuro, a proíbe de rever o rapaz, assim se justificando:

Querida, **o branco manda em tudo desde que eu me entendo por gente.** Por isso **o branco larga a carga e manda o crioulo pegar.** Ele pega porque tem de pegar, mas num carrega. Dá pras mulher dele. **As crioula é as mula do mundo até onde eu vejo.** Eu venho rezando pra num ser assim com tu. Senhor, Senhor, Senhor! (Hurstun, 2021, p. 32, grifo meu).

A literatura de Hurston também viabiliza a problematização de comportamentos socioculturais construídos que vêm se moldando ao longo do tempo e trazendo à tona as discussões em torno das leis que regem o mundo, dentre eles os vínculos de poder e hierarquização nas diferentes culturas, bem como o questionamento no que se refere às crenças, tradições e valores, na dinâmica de relações autoritárias (Perrot, 2019). A dupla jornada de Janie é um périplo rumo à reconexão com sua ancestralidade, suas raízes. A este respeito, no texto “Branquitude e crítica literária”, publicado pela Revista eletrônica *Literafro* (2017), Uruguay Cortazzo pontua que:

A viagem é simbolizada pelo tema tradicional do retorno a África. Esta volta não significa uma regressão. Trata-se de fazer o movimento histórico inverso: se a vinda para América significou um esvaziamento da sua humanidade (o contrário da visão do paraíso dos europeus), a volta para África significa a reconquista da plenitude. É aí que estão os ancestrais primordiais: é aí que habita o antigo homem africano, o homem integral que vai insuflar-lhe a sua energia novamente. Essa África é mítica e é uma criação da diáspora, uma geografia interior (Cortazzo, 2017, p. 2).

Existem vários temas de vigem em outros romances negros, como *Blowed* e *Sula*, de Toni Morrison; *kindred*: de Octavia Butler; *Priseong for the widow* e o conto “To Dah Doo in memoriam”, de Paule Mashll, *Tituba, Bruxa negra de Salém*, de Marise Condé e *Homegoing*, de Yaa Gyasi, dentre inúmeras outras obras de feministas negras.

No tocante a *Seus Olhos*, a não regressão, a reconquista da plenitude, o movimento histórico inverso e a “geografia interior” (Cortazzo, 2017) me parecem estar ligados ao que este autor propõe, quando se refere a estes aspectos e isto ajuda a compreender o processo profundo pelo qual Janie Crawford passa, o de restauração interior, no qual ela também busca reencontrar seu sentido de harmonia e conexão com o divino.

Ao ter essa condição fragmentada ao longo da vida por causa de limitações, sofrimentos etc., já no início da obra fica evidente que Janie enxerga a sua viagem como uma autorrevelação: “Fui delegada na grande associação da vida. Sim sinhô! A Grande Loja, a grande convenção da vida, foi bem lá que eu andei este ano e meio que ocês num me vê [...] Janie inundada pelo mais antigo dos anseios humanos – a autorrevelação” (Hurstons, 2021, p. 23).

Nesse processo de autorrevelação há a busca por entender quem ela é, suas virtudes, limites, motivações e feridas, aliadas à consciência da necessidade de uma construção identitária que vá além das máscaras sociais e expectativas externas. Ao revelar-se, Janie age de forma coerente com a própria vontade interior, sem medo do julgamento, como ilustra a citação a seguir:

- É mesmo. Você sabe quando a gente passa pelas pessoa e num fala que nem eles quer, eles se mete na vida da gente e escarafuncha tudo que a gente já fez. Eles sabe mais da gente do que a gente memo. Coração invejoso faz ouvido traiçoeiro. Eles só “soube” de você o que eles acha que aconteceu. – Se Deus pensa tanto neles que nem eu, eles num passa de uma bola perdida no mato alto (Hurstons, 2021, p. 23).

Esta passagem apresenta uma Janie inconformada com o julgamento social por ela sofrido, criticando os seus desafetos. Seu retorno também marca a construção do seu novo Eu mulher, que aos seus olhos e aos do Deus em que ela acredita são comportamentos sociais que não deveriam existir. O fato de a personagem ter partido para outra cidade com um rapaz mais novo (Tea Cake), e ter retornado após um tempo, a sua viuvez, seu modo de se vestir e pensar, por exemplo, são motivos para que aos olhos da sociedade Janie seja criticada e inferiorizada.

Acredito que a multiplicidade das culturas em que a autoridade e o poder se revelam como fatores atrelados às questões de gênero e explicitam um jogo sexista, estão diretamente ligados à construção identitária da mulher frente aos preceitos preestabelecidos

tradicionalmente e socialmente para ela. Como afirma Michelle Perrot (2019) há uma ordem social desigual que corrobora a subalternização feminina e mantém a diferença de gênero, contribuindo para o apagamento social feminino, influenciando negativamente na construção da sua autoconfiança. A citação acima ilustra esta posição, enquanto o próximo tópico aborda os fatores que contribuíram para o apagamento da personagem.

3.2 O silêncio e o glorioso regresso de “quem nunca esteve lá”

“A história contada por Janie a uma amiga ouvinte, Pheoby, sugere para mim todas as leitoras que descobriram sua própria história na história dela, e passaram-na de uma à outra”. (Mary Helen Washington)

Como se trata de um périplo, viagem que pressupõe um circuito de ida e volta, a jornada de Janie Crawford engloba diferentes paragens ou etapas da caminhada rumo ao autoconhecimento e à redenção. Ela parte de Eatonville – cidadezinha na qual afirma nunca haver estado devido ao seu apagamento social – fato que se evidencia desde os primeiros parágrafos da obra, como na citação a seguir, narrada em *flashback*, quando ela retorna àquela localidade confiante e gloriosa, tendo colado os cacos da sua identidade fraturada.

Todo mundo a viu voltar, porque foi ao entardecer. O sol já desaparecera, mas deixara suas pegadas no céu. Era a hora sentar nas varandas que davam para a rua. Era a hora de saber das notícias e conversar. Essas pessoas sentadas não tinham tido um conforto para as línguas, ouvidos e olhos o dia todo. Mulos e outras bestas haviam ocupado suas peles. Mas agora o sol é o capataz, tinha ido embora, e as peles pareciam fortes e humanas. Elas tornavam-se senhoras dos sons e outras coisas menores. Por aquelas bocas passavam nações. Passavam julgamentos (Hurstons, 2021, p. 17-18).

O dilema envolvendo a morte do último companheiro, Tea Cake, é marcado por julgamentos e falácias por parte da comunidade local. Neste momento da narrativa, ela conta com o apoio da amiga Pheoby, que a acolhe em seus braços. Assim, a heroína, cheia de si mesma e mais madura, não se incomoda com o falatório geral e segue seu caminho de autodescobertas, agora de uma vez por todas, olhando para o um horizonte mais brilhante, vestida de amor próprio e liberdade.

A protagonista confronta a ideia de que as mulheres devem viver em silêncio absoluto, enquanto fomenta a intenção da difusão da história de outras mulheres que assim como ela sofreram a tentativa de apagamento social e a opressão, principalmente através do silenciamento de suas vozes. Ocultando a realidade objetiva do mundo real, a protagonista de Hurston anseia por um lugar onde seus desejos possam ser realizados. Ao conquistar essa forma

de vida na companhia de Tea Cake, mesmo que momentaneamente, Janie descobre a sua negrura e uma liberdade até então inimaginável. Assim, se estabelece na trama a peleja entre a subjetividade da personagem e a objetividade da sua realidade cotidiana, que afinal é a que se sobressai. Dentro deste recorte, o romance atua como representativo da produção da chamada literatura negra norte-americana, literatura de resistência, entendida como afirmação da identidade cultural e da luta pela inserção de mulheres e outras minorias étnicas na sociedade, estadunidense, as quais buscam libertar-se da opressão, do desvozeamento e da alienação.

São perceptíveis na obra momentos em que o silenciamento da protagonista parece proposital e esquematizado estrategicamente, bem como suas falas e participações assertivas por ocasião dos diálogos que evidenciam sua busca pela autonomia, força e resiliência diante das adversidades que enfrenta tanto em seus relacionamentos com seus companheiros, quanto socialmente. Tais apontamentos são fundamentais para as discussões que englobam a atuação da voz feminina negra nas esferas social e doméstica. Reverberando o que já foi dito sobre esta questão, o livro *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Eni P. Orlandi (2018 p. 29) aponta que o silêncio, em toda sua vastidão política, abrange também o concedimento ou não da palavra, da voz ao outro, o que inclui as vozes das minorias e principalmente as das mulheres:

[...] a *política do silêncio*. Isto é, *silenciamento*. Aí entra toda a questão do “tomar”²⁵ a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc. Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto como parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E em todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre reforma agrária, nos discursos sobre a mulher (Orlandi, 2018 p. 29).

Considero o apagamento feminino como um peso que desemboca na imensidão do não dito, na castração da vontade de dizer. Nesta mesma perspectiva, Michelle Perrot pondera que o silenciamento é sinônimo de confinamento para as mulheres: por mais que não estejamos sozinhas neste contexto opressivo, é sobre nós que o silêncio pesa mais. A autora afirma que as mulheres foram

Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (Perrot, 2019, p. 16).

²⁵ As aspas usadas nesta citação respeitam o formato do texto original do livro do qual foi retirada.

Como foi dito, sobretudo as mulheres, a exemplo da protagonista desta obra, em algum momento de sua trajetória, senão em toda ela, sofreram com a sua obliteração, o que pode ser um fator latente para a sensação de não pertencimento, de não ocupar humanamente e dignamente um lugar. Como é descrito no título deste tópico, que remete justamente ao apagamento social de Janie pelos julgamentos e discursos de maus tratos contra ela proferidos:

Ver a mulher, no estado em que vinha, os fez lembrar a inveja guardada de outros tempos. Por isso mastigavam fundo a mente e engoliam com prazer. **Faziam perguntas, tórridas afirmações, e das risadas ferramentas mortais.** Crueldade em massa. Nascia um estado de espírito. Palavras andavam sem dono; andavam juntas como a harmonia numa música (Hurstun, 2021, p. 17, grifo meu).

A estratificação social como forma de justificativa da inferiorização da personagem perante o sexo masculino reforça a ideia da dependência feminina exigida pelo sistema patriarcal. Assim, o seu lugar diante destas circunstâncias opressoras ao longo da narrativa é questionável, marcado pela marginalidade e pela exigência de submissão e resignação.

Costumava-se [e por vezes ainda se costuma] construir a ideia de que o cotidiano de uma mulher deve estar vinculado à introspecção e a uma mística em torno da função de dona de casa, que a acompanha ao longo da vida. No livro *Mística feminina*, Betty Friedan (1971) aborda questões de gênero que envolvem o papel da mulher no campo social e a forma como as mulheres americanas são desenhadas socialmente, designadas às limitações dos serviços domésticos, à feminilidade exacerbada, à doação ao marido, dentre outros aspectos. Nesta obra, considerada como a que causou a revolta das mulheres americanas, Friedan aponta que

A figura da mulher que emerge [...] é frívola, jovem, quase infantil; fofa e feminina; passiva, satisfeita num universo constituído de quarto, cozinha, sexo e bebês. [...] Está atulhada de receitas culinárias, modas, cosméticos, móveis [...] as mulheres só trabalham em casa e no sentido de manter o corpo belo para conquistar e conservar o homem. [...] não continha nenhum universo para além do lar (Friedan, 1971, p. 34).

Em *Seus Olhos*, o fato de Janie confrontar esta situação, por muitas vezes a leva a ser criticada pelos moradores da pequena Eatonville. Suponho que diante desta conjuntura social, a sensação de pertencimento ao lugar ao qual ela retorna nunca existiu, pelo menos na sua imaginação, sendo este o motivo que a leva a considerar o fato de nunca ter estado lá; uma sensação de não-lugar dentro de seu próprio lar, o que discutirei com mais ênfase em mais adiante. Falando sobre a questão do comportamento preestabelecido socialmente para as mulheres, Perrot (2019), considera que a questão das experiências adquiridas através de outras

gerações contribui para o fortalecimento de alguns comportamentos limitadores. A conduta tradicional de avós, como a de Babá, a avó de Janie, logo no início do enredo representa o pensamento de Michelle Perrot apontando que “As avós e demais antepassadas ocupam uma posição central, tal como ocorre na tradição da cultura rural, quanto à transmissão, à memória e à oralidade, coletiva e familiar [...] a ternura mais persistente” (2019, p. 49).

Inicialmente o lugar de fala da protagonista costumava ser escolhido por terceiros, levando-a a apresentar uma imagem socialmente designada em meio a um espaço dominado pela sombra do patriarcado. Aos olhos de sua avó, dos ex-maridos Killicks e Starks, tanto quanto aos da comunidade de Eatonville, Janie é ou pelo menos deveria ser invisível, o que lhe causa a sensação de que nunca realmente “esteve lá”; era sempre escanteada como mero objeto, o apêndice de um homem. Ao resistir e desviar-se desses aprisionamentos, ela se encaminha para a obtenção da sua gloriosa redenção, que irá ressignificar a sua existência.

Tais episódios serão decompostos com mais ênfase no terceiro capítulo, através da análise de fragmentos pontuais extraídos do texto, como fiz algumas vezes até aqui. O objetivo é tratar com mais especificidade os instantes de silenciamento social sofridos pela personagem e discutir sobre a sua incidência nas decisões a serem tomadas na sua vida. De modo geral, a emancipação de Janie é gradativamente marcada pela preocupação de Hurston em nos apresentar uma mulher fiel a si mesma, às suas vontades e aos princípios divinos.

Um adendo que não poderia faltar nestas considerações é o comentário de Stella Bortoni (2022, p.1) sobre o título da obra. O título do original em inglês é *Their eyes are watching God*. O da tradução publicada no Brasil é ambíguo: *Seus olhos viam Deus* - “porque os olhos podem ser os de algumas pessoas de um grupo ou de única pessoa, no caso, Tea Cake, protagonista da história”. Eu vou um pouco mais além: os olhos que enxergam Deus também são os da própria Janie, cujo pensamento transcendental evoca o Divino como uma entidade inerente à natureza e se funde a tudo ao que a ela pertence.

Ao examinar mais a fundo a mensagem que subjaz o título da obra, subentendo uma jornada interior rumo ao íntimo de Janie Crawford que, confundindo-se com o da própria Hurston, revela uma mulher negra que busca a sua própria definição de felicidade enquanto se mantém enredada em um mundo que tenta mantê-la definitivamente sob a teia misógina do patriarcado. Assim, olhando para dentro de si ela vê Deus, aquele que vê (e sabe) de todas as coisas.

Seus Olhos Viam Deus é um manifesto, antes de ser um romance. É um apelo feito a todas as mulheres para que busquem a sua própria verdade, fortalecendo especialmente as mulheres negras como grupo duplamente fragilizado, para que sejam elas mesmas,

independentemente das esperanças, do prejulgamento da sociedade e do que ela lhes atribui como comportamento ideal.

Em face da necessidade de se autoconhecer, a protagonista de Hurston resolve fazer o que poucas mulheres são capazes: procurar a cura para seus infortúnios e a saída do fosso em que se encontra devido às experiências vividas nos seus dois primeiros relacionamentos. Na visão de Márcio Khüne (2024), este é o segredo de pessoas que, mais do que olhar para o céu e pedir um milagre, olham para dentro de seus corações e vêem Deus, que as ajuda a encontrar forças para realizar o que querem. Além do mais, o regresso de Janie Crawford ao ponto de partida é necessário, tanto para satisfazer o seu ego como para o bem da própria comunidade negra, como que para ilustrar o conhecido adágio de que "ninguém se perde na volta".

3.3 A busca por Deus dentro de si mesma

A busca de Janie por Deus é centrada em uma jornada espiritual que combina fé, razão, amor e prática e surge da experiência de limite, do confronto com a finitude, da dor e do mistério da vida. Há nela uma inclinação para buscar respostas sobre a existência, o propósito e o infinito como reação ao chamado pessoal de Deus, que ilumina a sua alma e a fé nutrida por meio de conexões com o divino e convicções interiores ao longo do périplo, convocando-a ao discernimento, à sabedoria, ao entendimento e à sensibilidade de perceber a presença de Deus nas mais diversas situações cotidianas.

Pensar e analisar como se dá o encontro da personagem com o Divino a partir desta perspectiva faz rememorar a fé cristã e com isto os dons concedidos pelo Espírito Santo para fortalecer e edificar o ser: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade, e temor a Deus. Em *Os sete dons do Espírito como caminho de humanização*, Júlio César Santa Bárbara pontua que:

Falar de sete dons do Espírito não significa reduzir a atuação do Espírito na vida das pessoas, mas, do ponto de vista bíblico, sete (7) é um número simbólico para indicar “totalidade”²⁶. Desse modo, dizer “sete dons” significa todas as ações e manifestações do Espírito (Santa Bárbara, 2018, p. 183).

Por meio da sabedoria adquirida, Janie consegue ver tudo com os olhos de Deus, com bondade e igualdade, em um mundo onde há lugar para a simetria entre mulheres e homens, uma vez que “... aos olhos de Deus todos somos iguais” (Matheus 20:25-28). A partir daí lhe

²⁶ As aspas usadas nesta citação respeitam o formato do texto original do livro o qual foi retirada.

vem a compreensão profunda das verdades da fé, do discernimento e da orientação e assim a capacidade de se fortalecer, enfrentar as dificuldades, reconhecer a presença do Senhor em todas as coisas, cultivar um relacionamento amoroso com Ele e reverenciar a sua grandeza a partir de suas próprias práticas. Suas virtudes se manifestam e exalam em forma de transformação interior, resistência e superação sempre ancoradas e conectadas com um Ser superior que rege seu coração e move os seus passos.

Ao embarcar na jornada da personagem vamos acompanhando o seu crescimento físico e espiritual. Assim, a escrita vibrante e poética de Zora Neale Hurston nos convida a um passeio pelas entranhas da alma de Janie Crawford, que busca a sua própria definição de felicidade em um mundo que tenta moldá-la. Janie é mais do que uma protagonista; ela é o emblema da luta feminina por autodeterminação.

Casada três vezes, cada passo vivido em seus relacionamentos apresenta uma fase da sua busca por si mesma pautada na fé. Com Logan Killicks, ela experimenta a submissão, a opressão e o descaso; com Jody Starks, a ambição, o poder e os maus-tratos; com Tea Cake Woods vive o amor verdadeiro e a liberdade. É como se o relacionamento com cada um desses homens a influenciasse a remodelar cada uma das suas facetas. Porém é com o último deles que ela encontra as forças que a levam a alcançar quem realmente deseja ser.

Há uma ligação entre a vida conjugal de Janie, seus cônjuges e o meio social. Neste sentido, considero as diferentes concepções que circundam a temática casamento e religiões, princípios morais, epocais e dentro desse contexto a atuação da mulher que é esposa, cristã e fiel a si mesma representada pela personagem principal de *Seus Olhos*.

Sobre esta questão do matrimônio, em *A espiritualidade à moralidade: O casamento segundo Diego Paiva de Andrada*, Fernandes, (p. 36, 2014), aponta que “A definição de casamento, dada por Paiva de Andrada, insiste na ideia, tradicional nos autores católicos, de um estado resultante do consentimento mútuo dos esposos, em que o amor é o elemento preponderante, básico mesmo”. Contudo é evidente que a união matrimonial entre homem e mulher, principalmente na segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII, compete a consolidação de um significado cultural como se houvesse uma fronteira e uma destinação voltada para as mulheres. Não existe apenas a união matrimonial, mas um estado de ser e de se comportar dentro dela, resultante dela. Para Fernandes (2014)

À mulher, cujos atributos e obrigações são bastante diferentes (moral e socialmente), os conselhos são necessariamente diversos no que diz respeito ao seu comportamento em sociedade e, em particular, na vida familiar. Mas já esta diferença não é muito acentuada quando se reporta a uma vivência

espiritual, que, no essencial, não necessita diferir da do homem. O que se altera, pois, a adaptação dessa vida espiritual ao seu comportamento moral, aos seus deveres à imagem que dela se pretende fornecer a sociedade (Fernandes, 2014, p. 36).

No que se refere a estas questões, Janie não é uma personagem que representa uma imagem ancorada em princípios e conceitos delimitados por religiões, ou moral epocal; sua espiritualidade é imbuída em uma visão de Deus que não se limita a religiões e vai além disso, é transcendental, noto que isto interfere em sua escolha de ser e existir como mulher negra, esposa; no âmbito social.

Me parece que Janie vive sua jornada em busca de sua verdade interior profunda que não é descoberta pela razão ou apenas pelos sentidos, mas pela sua intuição interior do seu espírito humano. Ou seja, a realidade mais elevada transcende, vai além da experiência carnal, sensorial e racional. Encontra a centelha do Divino dentro de si, sem a necessidade ainda de instituições religiosas, ou crenças do senso comum. A protagonista confia em si mesma, sua intuição interior é seu mantra, o Deus que habita a sua alma se revela como núcleo que transmite paz ao seu todo como mulher e ser humano.

A busca por Deus dentro dela mesma é um elementíssimo na obra, pois a induz ao autoconhecimento. Através da união com a espiritualidade ela vai encontrando na natureza os ensinamentos que irão torná-la cada vez mais segura de si, confiante nas suas próprias percepções e na capacidade de resolver o seu problema existencial.

Nesse viés, o título da obra é emblemático porque Janie não parece buscar o Deus das escrituras e dos templos, e sim aquele que habita em si (Bortoni, 2021). Desta maneira as experiências sobre o amor e a sua falta, a perda e a superação a levam a uma compreensão mais profunda de sua própria humanidade. A busca por Deus se transforma em uma jornada ao recôndito do seu ser, uma procura pela chave da autoconfiança e da liberdade, tornando vitoriosa a volta ao passado de quem nunca esteve lá.

Em consequência disto, a sua procura por Deus é uma jornada profundamente pessoal e introspectiva: envolve questionamentos sobre o significado da vida, da natureza, da existência e do que há além da realidade tangível. Em última análise, o desejo da personagem de encontrar Deus pode ser visto como uma busca por conexão, tanto com o divino quanto com o seu interior, somada à tentativa de descobrir o seu próprio caminho em meio a dúvidas, descobertas e tropeços, o que difunde a essência espiritual que a acompanha ao longo do périplo. Para Santa Bárbara (2018)

A presença do Espírito, com seus divinos dons, em nosso ser é a garantia de que o projeto do Pai vai lograr êxito em nós. Nesta altura, já assumimos que o crescimento humano não faz oposição à grandeza de Deus, mas glorifica ao próprio Deus e concretiza a nossa condição criatural de plasmados no amor, por amor e para o amor (Santa Bárbara, 2018, p. 187-188).

A ideia de que existe um Deus dentro de si, sugere um tipo de relação íntima e pessoal, que se reflete na crença de que a divindade não está apenas em lugares ou em rituais, mas também na própria essência e em suas raízes, que pode promover um senso de empoderamento ligado à percepção e ao alinhamento com uma verdadeira natureza interior. O Deus que os olhos de Janie Crawford veem é apresentado sob uma perspectiva singular, entusiasta, idealizada, que se distancia das convicções pré-estabelecidas pela pequena Eatonville no que se refere ao comportamento humano, principalmente frente à posição social feminina diante das imposições do patriarcado. Quando falo sobre singularidade e entusiasmo, me refiro não só às condições internas pelas quais Janie acessa o ideal divino no qual acredita, mas também ao modo como enxerga na vida a beleza que representa a divindade superior.

Considero-a uma *Womanist*²⁷, dada à sua resiliência, potência feminina e conexão com o divino através da Natureza, condição que lhe é característica, não apenas por questões que englobam o seu posicionamento dentro dos relacionamentos amorosos e em sociedade. Refiro-me sobretudo ao elo que se constrói entre ela como ser humano e a Divindade, a conexão oriunda da quebra de uma perspectiva comumente natural ao sujeito feminino. Este rompimento fomenta o ânimo de quem acredita em si e na própria força de transformar a sua realidade.

Assim, não é difícil distanciar a trajetória da personagem dos parâmetros sociais vistos por ela como incoerentes com o sujeito feminino. Torna-se tarefa fácil pensar nesta questão a partir de múltiplos vieses, isto é, os rastros que cercam Janie advêm do campo social, do seio familiar, dos seus relacionamentos e conseqüentemente nela se instalam, podendo permanecer como vestígios temporários ou não, mas se manifestam de várias formas, tendo em vista que a maior parte de sua travessia é marcada por um espaço opressivo e limitador.

O enredo permanece indicando constantemente a força da protagonista para repensar o presente a partir do início e se volta para uma reelaboração da trajetória, tendo as esferas particular e universal como possibilidade de pensar a personagem em sentido coletivo, como representação de inúmeras mulheres, numa viagem que transita entre o passado e o presente.

²⁷ Acho importante acrescentar aqui o conceito de *Womanism*, termo cunhado em 1983 pela escritora Alice Walker e traduzido para o português como “mulherismo”, que grosso modo engloba aspectos que contemplam a relação mútua da personagem com sua forma de relacionar-se com o mundo.

Enxergo em Janie Crawford uma metamorfose enquanto personagem. Em cada fase da sua vida, sua essência transborda a luta interior contra as expectativas sociais que, à medida em que atravessa as provações, revigora-se e se transforma, tornando-se paulatinamente mais cheia de si e do Deus que vê, refletindo autodeterminação e ânsia por uma liberdade de espírito, além de todas as outras coisas. A Janie de Hurston não se constitui só do corpo, mas da alma, algo maior que transcende o plano físico e incensa constantemente a sua incansável busca pelo autoconhecimento e a libertação, que parece ir além do puro otimismo. Ao analisar a protagonista desta forma, percebo que o seu desenvolvimento interno se fortalece mais e mais ao longo do processo de cura.

É importante ressaltar que o método de vida da personagem é guiado por suas convicções e necessidades internas, mesmo tendo que lidar com os percalços externos. Para ela, não existe um modelo de mulher a ser seguido e, como foi aventado anteriormente, apesar de muitas tentativas de influenciá-la, a avó não obtém êxito. Enfim, a mulher que a criou e educou não consegue ser referência para guiar em definitivo as suas atitudes; pelo contrário, a desvia delas.

Considerando que a emancipação de Janie é construída à medida em que vai passando por cada um de seus relacionamentos e que, paralelamente, entrevê a possibilidade de um resgate interior durante a reconstrução de sua travessia que inclui a sua fé, notamos que as suas experiências anteriores são a base das perspectivas de vida e a renovação da sua alma. Podemos pensar nos seus relacionamentos como etapas de um passado que se refletem em um presente, indicando que algo ou alguém esteve ali, o que fortalece seu caminho rumo a novos reencontros interiores.

A quebra de paradigmas representada pela heroína conduz, como frisei antes, a uma metamorfose, no sentido de que os detalhes das suas vivências e fragmentos de situações experienciadas funcionam como potencializadores do rastro deixado pela sua trajetória, que me levam a repensar os posicionamentos sociais que se refletem reiteradamente ao longo da sua jornada. A heroína de Hurston marca um modo de enxergar a vida diferenciado, mesmo cercado de julgamentos e imposições que culminam nas mudanças de cenário que se modificam constantemente.

A constante relação entre a autoridade e a autonomia de pensamento se faz presente na jornada da protagonista e, apesar disso, carrega atitudes e simbologias que remetem à perseverança, determinação e resiliência de uma mulher cheia do amor por si e pelo Deus misericordioso que habita no seu íntimo. Assim, a conexão entre o coração de Janie e as forças do alto é evidenciada desde o título da obra, que para mim, claramente sinaliza a direção do seu

olhar de apelo ao mundo extranatural. Esta súplica se estende nas entrelinhas do romance como um apego à carga simbólica da obra, que ganha vida através dos elementos da natureza e das ações e opiniões da personagem ao longo da narrativa. Os elementos ligados à carga simbólica da obra serão discutidos com mais ênfase no segundo tópico do próximo capítulo.

No ensaio “*Seus Olhos viam Deus*, de Zora Neale Hurston, e a construção identitária da personagem Janie”, escrito por Veronesi e Silva (2015), a personagem é interpretada como alguém que se sustenta na busca por um viver poético ao longo da sua construção identitária: segundo as autoras, o indivíduo se desliga do seu entorno e dialoga com a sua própria interioridade, podendo expressar harmoniosamente suas percepções individuais de forma lírica, uma vez que no romance há a obrigatoriedade de mostrar a fragmentação da realidade presente” (Veronesi e Silva, 2015, p. 75). Deste modo, o projeto de “viver poeticamente” no mundo moderno só pode se concretizar enquanto criação individual e isolada, colorida pela imaginação, na qual somente a vida da heroína pode ser aprofundada de sentidos, mas jamais o mundo empírico.

Esse viver poético, que significa o olhar para dentro dela mesma, anima e alimenta a força que nutre de sua redenção pelo esquecimento das experiências negativas dos seus relacionamentos, que lhe rendiam a posição de sombra do homem e apêndice da sua masculinidade. Neste processo, a força Divina está sempre à sua vista, conduzindo-a a vislumbrar a vivência plena do amor, tanto físico quanto espiritual.

4 RUMO AO FINAL DA JORNADA: RESSUREIÇÃO E EMPODERAMENTO

4.1 Voz feminina e desvozeamento: Janie e suas relações amorosas

“Alguns anos são de perguntas, e alguns outros de respostas. Janie não tinha oportunidade de saber de nada, por isso perguntava. O casamento trazia à força o amor; como o sol trazia o dia?” (Hurstun, 2021, p. 4)

A epígrafe citada traz à tona muito do que será discutido neste tópico. Entre perguntas e algumas respostas, oportunidades e a falta delas, Janie lida continuamente com uma dúvida que parece estar impregnada no íntimo do seu coração. Decifrar o enigma da plenitude e do amor custa muitas vezes o fôlego, a sua palavra, mas é a ânsia de respirar novos ares que a faz enxergar a sua grandeza e força interior.

Como disse anteriormente, as limitações impostas à protagonista se estendem a vários segmentos da sua vida, principalmente em seus relacionamentos amorosos. Ela sempre esteve exposta a momentos de violência psicológica e física, a humilhações e várias formas de desvozeamento. Para ilustrar este ponto, esclareço como funciona o silêncio na jornada da heroína através de alguns trechos da obra, ressaltando como estes aspectos se articulam ao longo de seus relacionamentos amorosos e funcionam como gatilhos para o seu processo de construção identitária com vistas ao autoconhecimento e à liberdade.

O silenciamento da personagem é precedido, antes de tudo, pelas comunicações sociais, culturais e históricas que envolvem a supressão das vozes femininas tanto quanto as experiências e agências das mulheres em diversas esferas da vida. Assim, estes fatores atravessam as fronteiras culturais e temporais, manifestando-se em práticas que vão desde as exclusões explícitas, como por exemplo a proibição de mulheres em espaços de poder, até formas mais sutis de controle, como as normas culturais em relação à assimetria de gênero nos relacionamentos com seus cônjuges dentro dos seus próprios lares, que podem desencorajar a expressão e autonomia femininas. De acordo com Perrot (2019)

Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer. [...] Paulo (na primeira Epístola a Timóteo) prescreve o silêncio às mulheres: “A mulher aprenda em silêncio, com toda sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio” (Perrot, 2019, p. 22-23).

A ditadura do comportamento imposto ao sujeito feminino perpassa também pelos segmentos religioso, político, econômico e profissional e este ritual hierárquico perpetuou-se na medida em que as identidades foram atribuídas e fixadas aos seres, corroborando uma

frequente diferenciação do que é tido como masculino ou feminino, que se fundamenta a partir do ponto de vista biológico, em que a idade, a procriação e a falta de cognição, dentre outros aspectos, são padronizados e ligados apenas ao sexo feminino. Um trecho mais abrangente da primeira epístola do apóstolo Paulo a Timóteo, por exemplo, ilustra tal ditadura:

“... A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação (ARA-Almeida Revista e Corrigida 2009, grifo meu).

As estruturas patriarcais colocaram as mulheres em papéis secundários, marginalizando suas vozes em espaços públicos, políticos, bem como no cerco familiar. No casamento este desvozeamento é uma característica que reflete dinâmicas de poder desiguais, muitas vezes baseadas em tradições patriarcais, culturais e expectativas sociais, nas quais a mulher teria por obrigação seguir os preceitos impostos pelo esposo e pelos seus antepassados e assim aprisionar-se em uma herança de cunho patriarcal disfarçada de modelo ideal através do tradicionalismo, da suposta segurança e da falsa proteção.

Em muitas culturas, o casamento foi estruturado em torno da submissão da mulher ao marido. “Pelo casamento, as mulheres perdiam seu sobrenome” (Perrot, 2019, p. 21) - como será observado no próprio desenvolvimento do romance, mais adiante. A mulher era vista como propriedade ou extensão do homem, muitas vezes sem direito a opinião ou participação igualitária, contribuindo para que o controle emocional, o silenciamento econômico, a repressão sexual e as violências física e psicológica pudessem fazer parte deste território.

Discutir sobre as formas de silenciamento imputadas a Janie Crawford em seus relacionamentos amorosos é necessário para que possam ser relembrados alguns aspectos da sua jornada: ela é fruto de um estupro sofrido pela mãe aos 17 anos, passa a ser criada pela avó, que assume a missão de educá-la e protegê-la naquele ambiente hostil. Assim, a sua progenitora ensina-lhe constantemente sobre a vida a partir de suas próprias experiências e busca incansavelmente repassar para a neta os costumes familiares e os comportamentos considerados por ela e por seus antepassados como propícios a uma mulher. A avó, carinhosamente apelidada por Janie por Nanny, apresenta-se sempre preocupada com o futuro da jovem, principalmente no tocante ao matrimônio, pois as condições financeiras a que estão submetidas são preocupantes.

Devido a essas circunstâncias desfavoráveis, o desejo de Nanny é encontrar para a neta um marido considerado por ela adequado, que possa dar-lhe um sobrenome, conforto financeiro, status e bens. Assim, a anciã decide arranjar um casamento para a neta. A respeito deste fato, Perrot (2019) afirma que “o casamento “arranjado” pelas famílias por interesse pretende ser aliança antes de ser amor – desejável, mas não indispensável” (Perrot, 2019, p. 46). Esta prática perdurou principalmente na Idade Média, contudo se estendeu por mais tempo em muitos costumes ao redor do mundo. Em relação ao contexto histórico e temporal da obra, ambientada na sociedade sulista estadunidense em que Hurston nasceu e viveu, este condicionamento de dominação feminina era ainda mais comum por questões tradicionalmente culturais. Considerando este aspecto, através da protagonista, Hurston denuncia essa injusta condição social feminina que alcançou e ainda alcança a vida de muitas mulheres, não só até meados do séc. XX, mas que segue em muitas culturas até a atualidade.

No enredo de *Seus Olhos Viam Deus*, esta questão é representada pela atitude da avó ao força-la a casar-se com Logan após flagrar um ardente beijo entre ela e Johnny Taylor, a primeira paixão da moça, ato que a avó repreende veemente pelo desejo de que ela conheça um pretendente melhor:

... Janie falando em sussurros com uma voz masculina que ela não identificava. Isso a fez despertar. Saltou da cama, espiou pela janela e viu Johnny Taylor rasgando sua Janie com um beijo. –Janie! [...] – O que eu vi inda agorinha já basta pra mim, querida, eu num quero nenhum preto imprestável que nem Johnny Taylor fazendo ocê de capacho pra limpar os pé. [...] Aquele foi o fim de sua infância (Hurston, 2021, p. 31-32)

Portanto, independentemente dos sentimentos da jovem, a avó a promete em casamento a um fazendeiro afortunado, amigo da família há longo tempo, chamado Sr. Killicks: “– Num é Logan Killicks que eu quero que ocê aceite, menina, é proteção” (Hurston, 2021, p. 35). Casada com o Sr. Killicks, um homem de idade avançada que a trata como mero objeto, Janie vai se redescobrimdo dia a dia como mulher, ao passo que vai lidando com as adversidades matrimoniais, seguindo oprimida e insatisfeita. É tratada com desrespeito e grosseria pelo seu cônjuge, que a todo tempo exige dela o cumprimento de serviços domésticos e braçais: – “Se eu posso trazer a lenha pra cá a rachar ela procê, parece que você devia poder carregar ela pra dentro. Minha primeira mulher nunca me incomodô com rachar lenha. Ela pegava o machado e rachava que nem um homem. Ocê foi muito mimada” (Hurston, 2021, p. 47).

Ao longo de seu matrimônio com Logan, a jovem ocupa um status de submissão frente às ordens do esposo e rejeita a ideia de superioridade masculina neste âmbito, além da imagem

construída tradicionalmente em torno da mulher como serva do lar. Sobre estas condições Perrot (2019, p. 16-17) afirma que as mulheres por muitas vezes “[...] atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis”.

A invisibilidade da personagem cresce desde o dia em que é submetida a casar-se forçadamente apenas por status e um nome: “Meu nome é Janie Mae **Killicks** depois que eu me casei. Antes era Janie Mae **Crawford**” (Hurstons, 2021, p. 50, grifo meu). Esta passagem traz à tona o peso do sobrenome masculino, do esposo, agregado ao nome da mulher, a esposa.

Ao longo da história, a prática de as mulheres adotarem o sobrenome do marido no casamento tem sido amplamente difundida, sendo vista como símbolo de união e pertencimento familiar. Essa tradição tem raízes profundas em sistemas legais e culturais que enfatizam a dependência feminina e a autoridade masculina sobre a companheira. A imposição do sobrenome representa a perda identidade própria e da individualidade dentro do casamento, tradicionalmente aceitas como verdade absoluta a ser seguida, resultando mais uma vez no apagamento feminino através do sobrenome.

O silenciamento da personagem se dá por tornar-se invisível aos olhos de Killicks, que a considera uma mera máquina de trabalho, desvaloriza os seus esforços, evita a sua presença, não lhe dá segurança emocional e muito menos afeto. A violência psicológica, as ameaças e os maus tratos se tornam ainda mais comuns no dia a dia do casal: pedir o mínimo a Killicks seria motivo de discussões e aborrecimento:

– Num fala muito comigo hoje de manhã. Janie, fui eu que troquei de posição com ocê! Escuta, foi o mesmo que eu te tirar da cozinha dos branco e fazer de ocê uma rainha, e cê vem me rebaixar! Eu vô pegar aquele machado aí entrar aí e matar ocê! É melhor fechar a matraca! [...] Acho que algum preto vagabundo anda mostrando os dente e mentindo procê. Vai pro inferno! (Hurstons, 2021, p. 53).

Na passagem acima é nítido que Janie passa a silenciar propositalmente mediante a implicância do esposo. A personagem utiliza o silêncio estrategicamente, seja para se proteger, observar melhor a situação, refletir sobre suas inquietações e até mesmo por se recusar a responder aos ataques machistas do esposo. Esta escolha da jovem é perceptível em muitos momentos: “Janie voltou-se da porta sem responder, e ficou parada no meio do aposento sem se dar conta. Virou-se pelo avesso ali [...] Logan acusava-a por sua mãe, sua avó e seus sentimentos” (Hurstons, 2021, p. 53-54).

O silêncio pode compreender duas vertentes, como a vontade de dizer ou de calar-se por opção. No capítulo 1 do livro *Pequenos ensaios sobre grandes filósofos* (Nogueira; Silva, 2017)

intitulado “Filosofia e Mística – Entre o que não se diz quando se fala e o que se diz quando se cala (p. 9)”, Simone Nogueira pontua que dizer o indizível

[...] é mais ou menos pensar que podemos encerrar o mar em nosso olho, ou carregar o mundo na ponta de um junco, ou iluminar o sol com uma lanterna ou tocha [...] dizer o indizível só é possível quando permanecemos no puro nada, ou seja, quando as almas estão completamente aniquiladas (Porete, 2008 *apud* Nogueira, 2016, p. 22-23).

Estas circunstâncias funcionam como advertências para que Janie considere a possibilidade de descobrir coisas sobre relacionar-se com o outro e descobrir-se como mulher. Ao iniciar este tópico mencionei na epígrafe que Janie ansiava por muitas respostas. Uma das primeiras que a jovem encontra é justamente sobre casar e amar, não necessariamente nesta ordem, mas ela sente através da sua dor interior e do seu silêncio a inquietação de não ver florescer o amor em seu peito ao casar-se com Logan Killicks. Em conversa com a avó ela relata a sua conclusão naquele momento: “Porque a senhora disse que eu ia amar ele, e eu não amo” (Hurstons, 2021, p. 43). A personagem percebe que o casamento é feito principalmente de amor, respeito, empatia e conexão. Seria preciso saber e sentir isso antes, mas o admite em silêncio.

A respeito da alma aniquilada, Nogueira (2017) aponta que o momento de aniquilação, de conexão com o nada, também abre espaço para uma conexão de alma que só Deus pode alcançar; vejamos na prática como funciona tal arrebatamento:

Agora sabia que o mundo era um garanhão rolando no pasto azul do éter. Sabia que Deus rasgava o mundo velho toda noite e construía um novo ao nascer do sol. **Era maravilhoso vê-lo tomar forma como o sol e emergir da poeira cinza da sua criação.** As pessoas e as coisas familiares haviam falhado com ela, por isso ficava pendurada no portão e olhava a estrada rumo a distância. Já sabia que o casamento não fazia o amor. O primeiro sonho de Janie morrera, e assim ela se tornou mulher (Hurstons, 2021, p. 45-46, grifo meu).

Como se vê na citação acima, esse lugar alcançado pelo Divino surge no coração de Janie Killicks²⁸ encorajando-a ao autoconhecimento e a enxergar novas possibilidades em sua jornada: “... por isso ficava pendurada no portão e olhava a estrada rumo a distância”. Esta frase sugere uma escuta interior que abre caminho para a revelação de novas perspectivas. Entendo que neste contexto o silêncio da personagem não é vazio, mas um espaço sagrado, onde ela aprende a confiar mais em Deus em tempos de turbulência.

²⁸ Ao longo deste tópico uso os sobrenomes atribuídos a Janie, antes e durante os seus relacionamentos: Crawford, Killicks, Starks e Woods, com o intuito de enfatizar o peso que recai sobre a mulher fora e dentro das suas relações conjugais. Neste sentido, deduzo que essa lógica é utilizada pela autora para justificar certas passagens do enredo.

Deste modo, despojar-se de tudo é como abrir um espaço vazio na alma, sem intermediários, para que Deus ali se coloque: nem mais nem menos. Neste sentido, vazio e plenitude não são contraditórios, são a mesma coisa, pois, como nos diz Eckhart, estar vazio de toda criatura é estar cheio de Deus (Mestre Eckhart, 2008 *apud* Nogueira, 2017, p. 25).

De forma similar ao seu primeiro relacionamento, no segundo Janie enfrenta momentos difíceis. Contudo, com um início diferente, o encontro entre ela e Joe Starks, um andarilho sonhador, se dá em um dia comum e de forma natural: os dois vão se aproximando aos poucos. As promessas de uma vida diferente, digna, cheia de amor, valorização e boas intenções levam a moça a acreditar que há outros horizontes a serem explorados, que existe a possibilidade de amar e ser amada verdadeiramente e que a fazenda de Logan Killicks já não é suficiente para abarcar os seus sonhos, nem conquistar o seu coração.

[Janie] Já estava ali a muito tempo, quando ouviu um assobio descendo a estrada. Era um homem citadino, vestido com classe, um chapéu quebrado de banda que não se via por ali. Trazia o paletó sobrado no braço. [...] Ele assobiava, enxugava o rosto e andava como quem sabia aonde ia. [...] Não olhava para o lado nem para o outro, mas sempre em frente, por isso Janie correu para a bomba e acionou o cabo com força. Isso fez muito barulho, e também caírem soltos seus bastos cabelos (Hurstons, 2021, p. 48-49).

Janie e Joe se apaixonam e sorratamente tomam o rumo de Eatonville, um vilarejo totalmente habitado por negros, em busca de uma vida promissora. “Sempre teve a vontade e o desejo de ter influência, e precisou viver trinta anos para encontrar uma oportunidade” (Hurstons, 2021, p. 49). Apesar da pouca idade em relação a Joe, Janie também partilha das mesmas ideias e projeções de vida e isso faz com que ela veja não nele, mas nas palavras dele, a probabilidade de mudança tanto em relação a relacionamentos amorosos, já que não anseia por ser um apêndice de Joe, mas sua companheira, partilhando e conquistando novas oportunidades de conhecer um mundo novo:

- Uma bonequinha linda que nem você foi feita pra ficar sentada na varanda da frente, balançando numa cadeira de balanço e se abanando, e comendo as batatas que os outros plantam só pra você. [...] [Joe] Falava de mudança e oportunidade. [...] O ar da estrada matinal parecia um vestido novo. Isso fez com que ela sentisse o avental amarrado na cintura. Desamarrou-o e atirou-o num matagal à beira da estrada e seguiu andando e colhendo flores e fazendo um buquê. [...] casaram-se ao pôr do sol, exatamente como Joe havia dito. Com roupas novas de seda e lã (Hurstons, 2021, p. 51-54).

O casal foge, se casa e a pequena Eatonville se torna palco de muitos acontecimentos e revelações que influenciam diretamente a vida do casal, principalmente em relação a Janie, que

sofre amargamente com as atitudes grosseiras de Joe Starks, as quais vão surgindo ao longo dos anos. O fato de ele querer ser um homem muito influente faz com que ele tenha cada vez mais sede de poder e isto se estende ao seu matrimônio. Como Sra. Starks, Janie lida diariamente com a tentativa e dominação e os maus tratos dentro e fora do seu lar.

No relacionamento com Joe, o desvozeamento da esposa volta a vir à tona à medida que ele ganha mais voz e autoridade sobre tudo e todos como prefeito. É possível identificar esta forma de opressão que vai se evidenciando com mais afinco a partir do capítulo 5 da obra, no qual a protagonista faz pouquíssimas intervenções: “Surgiu-se uma longa pausa silenciosa. [...] Precisava ser acordada. – As pessoa deve ser muito calada lá de onde a senhora vem. – É mesmo. Mas deve ser muito diferente na sua terra” (Hurston, 2021, p. 59). Este trecho reforça justamente a ideia de que num mundo regido pelas leis patriarcais o desvozeamento feminino faz parte da ordem das coisas. Como mulher, a personagem responde em poucas palavras: “É mesmo”. Fala pouco, o limite entre o que ela entende em relação aos recentes acontecimentos em sua vida e o que é dito vai aos poucos se estabelecendo. Um novo casamento, um novo lugar para morar, uma nova dinâmica de interação entre ela e o esposo, a imagem construída pelo entorno social dele, em que está inserida, fazem com que ela tenha que digerir tudo muito rápido e perceber que mesmo assim está em posição desvantajosa por ser mulher.

Apesar das belas promessas iniciais de Joe, as coisas não se passam do modo prometido e a moça passa a enfrentar o fato de ter que lidar com a subserviência como moeda de troca. Ao longo das páginas do livro, é perceptível que a protagonista silencia e é silenciada, não há muito espaço para sua participação nos diálogos entre o esposo e os homens da cidade; na maioria das vezes ela apenas senta e observa, sozinha com seus pensamentos, em silêncio. É mencionada, mas, há pouquíssima participação de voz ativa. O trecho a seguir trata de uma reunião de negócios entre o Sr. Starks e os homens da cidade, passagem que ilustra o motivo do silêncio da personagem:

– Isso ia ser bom, irmão Starks, já que o Sinhô tá dizendo. [...] – Isso é bem verdade. [...] Por isso foi lá que se deu a reunião, com Tony Taylor atuando como presidente e **só Jody falando**. Marcou-se um dia para as ruas e todos combinaram trazer machados e abrir duas, correndo para cada lado. [...] **Joe e seu charuto ocuparam o centro do palco** (Hurston, 2021, p. 62-65, grifo meu).

Na sociedade patriarcal e sexista do começo do século XX, as reuniões, os negócios, os púlpitos, as audiências e os discursos não deveriam ser para as mulheres. Sob tais circunstâncias, Jane Crawford é o espelho do status feminino daquela época. O marido a usa

como símbolo de poder e a trata como um troféu em honra da sua máscula superioridade. A esposa passa a servir-lhe de fantoche: “Janie mergulhava a concha no refresco como ele havia dito” (Hurstons, 2021, p. 64). Não poderia ser diferente.

A noite em que Joe Starks é escolhido como prefeito da cidade de Eatonville é igualmente lembrada como a noite em que a personagem tem a voz silenciada publicamente:

[...] que a gente faça do Irmão Starks o nosso prefeito. [...] – Moção apoiada!!!
– E agora vamos ouvir umas palavra de encorajamento de Dona Prefeita Starks. A explosão de aplausos foi cortada rapidamente pelo próprio Jody assumindo a tribuna. – Obrigado pelos seus cumprimento, mas **minha esposa num sabe fazer discurso**. Eu num casei com ela pra nada disso. **Ela é uma mulher e o lugar dela é em casa** (Hurstons, 2021, p. 66, grifo meu).

A questão do silêncio dela neste contexto convida a uma reflexão sobre o motivo pelo qual ele ocorre: Há momentos em que a protagonista é silenciada, desvozeada, e outros em que ela silencia estrategicamente, como uma espécie de autodefesa. De acordo com Orlandi (2007, p. 67) “[...] o silêncio não se reduz à ausência de palavras.” [...] não se define como tal só por sua relação com a parte sonora da linguagem, mas com a significação, ou melhor, pela significativa som/sentido. Nesta direção, a autora fornece a chave para a compreensão de que o silenciamento de Janie Starks se dá para além do simples fato de calar-se, não emitir som, mas pela amplitude significativa que estabelece uma relação, um laço entre ser silenciada e escolher permanecer em silêncio conscientemente, como é possível observar no trecho a seguir:

Janie obrigou-se a sorrir após uma breve pausa, mas não foi muito fácil. Jamais havia pensado em fazer um discurso, nem sabia se gostaria de fazer um. Deve ter sido a forma de Joe falar, sem lhe dar a oportunidade de dizer sim ou não, que tirou a alegria de tudo. [...] ela desceu a rua atrás dele naquela noite sentindo frio. Ele seguia em frente com passos firmes, investido de sua nova dignidade, pensando e fazendo planos em voz alta, ignorando as coisas dela (Hurstons, 2021, p. 66).

Joe Starks segue firme, expressando em alto e bom tom os seus planos de investimento para a cidade que será administrada por ele, ao passo que Janie Starks silencia, pensa e “sente frio”, ou seja, a frieza dolorosa que vem do descaso para com as “suas coisas”. para Joe Starks pouco importa o fato de a esposa sentir-se inferior, de ter o desprazer de enxergar a castração das suas vontades ao não poder expressá-las. A oportunidade de escolha, de falar, lhe é roubada: “Uma sensação de frio e medo apoderou-se dela. Janie sentiu-se distante de tudo e solitária. [...] Ela passava por muitas rebeliões silenciosas com essas coisas” (Hurstons, 2021, p. 70-79).

A imagem de que a mulher deve permanecer em silêncio frente ao homem por decência ou dever ainda está enraizada na sociedade. Para Perrot tal, condição está ligada à garantia da

ordem, da tranquilidade e da obediência: “Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo [...] Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno” (Perrot, 2019, p. 17). Aliada ao silenciamento da voz feminina, constrói-se a ideia do controle da sua voz, já que as mulheres precisavam sempre medir o que falar, como e onde falar e mediante a permissão do homem.

De acordo com Vânia Nara Pereira Vasconcelos (2005, p. 6), a imagem da mulher tagarela se evidencia pela visão de pensadores do século XIX, a exemplo do filósofo francês Proudhon, que elaborou uma justificativa pseudocientífica e legal para a privação dos direitos políticos das mulheres, baseando-se numa decadência feminina na fala, que ele chamava de “ninfomania literária”, e do psiquiatra Cesare Lombroso (citado por Bloch, 1995, p. 33) que, com suas teses biologizantes, afirmava que as mulheres (ou as fêmeas) naturalmente falavam mais que os homens (ou os machos), usando exemplos dos animais para mostrar que as cadelas latem mais que os cães e coisas deste tipo (Bloch, 1995, p. 25-26). Assim, a autora conclui que provavelmente todas essas imagens tenham sido construídas numa tentativa de silenciar a voz da mulher (Vasconcelos, 2005, p. 5). Nesta esteira, ela sugere que a decantada “tagarelice das mulheres”, pode ser considerada também como outra estratégia de silenciamento, já que o discurso feminino era comumente considerado menos importante do que o masculino (p. 5).

Aquém dessas situações de desvozeamento vividas pelas mulheres, há uma que a fere profundamente e lhe desperta a revolta, por desembocar em violência física e emocional, como se vê na passagem abaixo:

[...] A cama não era mais um canteiro de margaridas onde ela e Joe brincavam. Era um lugar onde ela se deitava apenas quando estava com sono e cansada. **Não mais tinha as pétalas abertas quando estava com Joe.** Tinha vinte e quatro anos e sete de casada quando descobriu isso. **Descobriu-o um dia quando ele lhe deu uns tapas na cozinha.** Aconteceu num desses jantares que humilham todas as mulheres, às vezes. [...] **Ele a estapeou até deixá-la com os ouvidos zumbido,** chamando-a de desmiolada (Hurstons, 2021, p. 98, grifo meu).

O casal já não sente mais atração um pelo outro, a relação a dois se desgasta cada vez mais e já não se vêem como cônjuges. As agressões físicas e psicológicas sofridas pela personagem a afetam, os abusos se perpetuam e culminam com o seu estratégico silêncio, que serve como mecanismo de defesa para minimizar o controle de Starks sobre o seu corpo e as suas vontades.

A este respeito, Perrot (2019, p. 48) observa que “Bater na mulher é uma prática tolerada, admitida, desde que não seja excessiva. Se os vizinhos escutam os gritos de uma mulher maltratada, não interferem. O homem deve ser rei em sua casa”. Desta maneira, Janie

Starks representa uma multidão de mulheres ao redor do mundo que enfrentaram e continuam enfrentado julgamentos, abusos, violência doméstica e feminicídio, citando apenas os mais comuns. A violência doméstica, além de outras formas de desvozeamento feminino, tem raízes profundas em estruturas patriarcais, que historicamente reforçam a desigualdade entre homens e mulheres. Mitos culturais que culpabilizam as vítimas ou minimizam a gravidade da violência sofrida por elas, o medo constante e a perda da autoestima, por exemplo, unem-se a outras formas de degradação física e emocional, criando um ciclo de sofrimento. “Percebem-se as reticências, a imensidão do não dito. Sente-se o peso do seu silêncio” (Perrot, 2019, p. 27).

A heroína sofre o apagamento mediante as atrocidades do seu cônjuge. Contudo, escolhe o silenciamento como forma de retaliação e vai se recolhendo aos poucos, faz mínimas contestações: “Assim, aos poucos, ela foi cerrando os dentes e aprendendo a calar-se. Tomou um banho, pôs um vestido limpo, um pano de cabeça [...] antes que Joe tivesse tempo de mandar chamá-la” (Hurstun, 2021, p. 98-99).

Quando menciono o silêncio estratégico de Janie, é justamente pelo fato de que ela não tem outra opção de vida, a não ser cumprir a missão que lhe é destinada como esposa, enquanto continua plantando em seu interior a semente da introspecção, ainda que ancorada na eventual possibilidade de uma futura restauração e resignificação do seu eu.

Janie ficou parada onde ele a deixara por um tempo incalculável, pensando. Ficou ali até que alguma coisa caiu de sua prateleira interna. Aí entrou em si mesma para ver o que era. Era a imagem de Joe guardada lá dentro, que caiu e se despedaçou. Mas, olhando-a ela viu que a imagem jamais fora a figura de carne e osso dos seus sonhos. De certa forma, deu as costas à imagem caída e olhou mais à frente. Não tinha mais fendas florais polvilhando pólen sobre o seu homem, nem qualquer novo fruto reluzente ao lugar das pétalas. Sentiu que tinha uma infinidade de pensamentos que jamais expressara a ele, e inúmeras emoções das quais jamais lhe falara. Coisas embrulhadas e guardadas numa parte do seu coração que ele jamais poderia encontrar. Guardava sentimentos para um homem que nunca tinha visto. Tinha agora um interior e um exterior, e de repente sabia como não os misturar (Hurstun, 2021, p. 98-99).

Esta passagem marca o momento em que Janie começa a ter discernimento e compreensão sobre os seus sentimentos em relação a Joe e à situação que vivencia como mulher e esposa. Ao perceber a distância entre o seu sonho de amor e a sua realidade, vai aos poucos estabelecendo uma desconexão que se dá pelo seu silenciamento opcional. Deste modo, ela busca a aniquilação (Eckhart, 2008, *apud* Nogueira, 2017), a conexão de alma consigo mesma e com Deus, para suportar as dores externas que lhe consomem. Outro trecho que marca profundamente as autodescobertas da personagem é aquele em que ela percebe que todas as

coisas que Joe lhe oferta, inclusive status e condição financeira, não têm valor. Janie, que havia aprendido a medir suas intervenções e palavras, se mantém imóvel por um tempo, mas vez por outra projeta-se no futuro, longe das coisas que lhe fazem o coração gritar de dor:

Os anos tiraram toda combatividade do rosto de Janie. Por algum tempo, ela pensou que tinham lhe tirado também a alma. Por mais que Joe fizesse, **ela não reagia. Aprendera falar pouco.** Era um buraco na estrada. **Muita vida por baixo da superfície, mas mantida sufocada pelas rodas que passavam.** As vezes projetava-se no futuro, imaginando sua vida diferente do que era. Mas a maior parte do tempo vivia dentro de seus limites, com as perturbações emocionais parecendo os desenhos das sombras na mata – indo e vindo com o sol. Só obtinha de Jody o que o dinheiro podia comprar, e isso não dava valor (Hurstons, 2021, p. 103, grifo meu).

Pelo que sugere a citação acima, é possível discutir sobre a questão da idade, que é um fator bastante presente na narrativa. Os ciclos vividos por Janie durante o périplo e a sua construção identitária são narrados desde a sua infância à vida adulta, como explorei em tópicos anteriores. Contudo, neste momento da discussão, é cabível pôr em evidência a fase que marca o início de sua libertação como mulher e o fim definitivo do seu relacionamento com Joe Starks: “De vez em quando, pensava numa estrada rural ao descer do sol e meditava uma fuga. Para onde? Para o quê? E depois também se lembrava de que trinta e cinco é o dobro de dezessete, e nada continuava absolutamente igual” (Hurstons, 2021, p. 103).

As questões relacionadas a idade feminina têm sido historicamente tratadas como um tabu, refletindo padrões de beleza e expectativas sociais que vêm pressionando as mulheres a esconderem ou minimizarem o envelhecimento. Enquanto os homens se acostumam ser valorizados com o passar dos anos, a mulher é frequentemente julgada por sua aparência e juventude, sendo lavada a acreditar que sua relevância diminui com o tempo.

Assim, a idade da mulher é vista socialmente como determinante de vários acontecimentos na sua vida. A este respeito, Perrot (2019, p. 48) conclui que “a vida de uma mulher dura pouco: a menopausa, tão secreta quanto a puberdade, marca o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade segundo as concepções do século XIX: ‘eu não sou mais uma mulher’, diz George Sand”.²⁹

O culto à juventude feminina é uma construção cultural e social que se manifesta em diversas esferas, inclusive dentro do próprio lar. Em *Seus Olhos*, Janie Starks lida com o fato de a sua idade ser para o marido um símbolo de fraqueza, infortúnio e limitação.

²⁹ George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, foi uma romancista e memorialista francesa, considerada a maior escritora do país.

[...] **Jody se pôs a falar da idade dela o tempo todo**, como se não quisesse que ela ficasse jovem enquanto ele envelhecia. Era sempre: - Você deve botar alguma coisa em cima dos ombros quando sai. **Cê num é mais uma franguinha nova. Já tá uma galinha velha. [...] Cê é uma velha, de quase quarenta ano** (Hurstons, 2021, p. 106, grifo meu).

A visão distorcida de Joe Starks reforça a ideia de que a idade de uma mulher define seu valor, com base em um padrão que glorifica a juventude e marginaliza o envelhecimento e cria pressões que funcionam como gatilhos para mais inquietações no coração de Janie. Enxergar a sua idade como símbolo de força e não como um fator de desvalorização não é tarefa fácil diante das atrocidades do esposo, que sente sua virilidade ameaçada ao passo que Janie amadurece em idade e consciência.

Então Joe Starks entendeu todo o sentido, e sua vaidade sangrou como um dilúvio. Janie roubara-lhe a ilusão de irresistível virilidade que todo homem alimenta, que era terrível. O que a filha de Saul fizera com Davi. Mas Janie fizera pior, arrancara sua armadura vazia diante dos homens [...] dali por diante [...] olhariam as coisas com inveja e teriam pena no homem que as possuía (Hurstons, 2021, p. 107).

A virilidade masculina, por sua vez, tem sido historicamente associada à força, à liderança e ao controle. No entanto, essa concepção rígida da masculinidade pode ser facilmente percebida como ameaçada, diante da sensação de perda do status, da falta de influência, da insegurança, do descontrole e da dominação: “Joe Starks não sabia como dar nome a tudo isso, mas sabia a sensação. Por isso bateu em Janie com toda a sua força e expulsou-a da loja” (Hurstons, 2021, p. 107).

A ideia de virilidade masculina foi moldada por normas culturais e sociais que valorizam atributos como competitividade, agressividade e independência. Assim, a sensação de que a virilidade está ameaçada pode levar a reações prejudiciais, como a resistência à igualdade de gênero e a violência, por exemplo. É claro que nada disso justifica qualquer ato machista; contudo, reforça ainda mais o nível de covardia de muitos homens, que assim como o falecido Starks, nem em seu leito de morte se arrependem dos seus atos e prosseguem ouvindo apenas a sua própria voz. Isto pode ser observado na passagem a seguir, na qual Janie adentra o quarto do ex-marido moribundo. Ela assiste à relutante morte do esposo, enquanto tenta arrancar-lhe o arrependimento e, sem êxito, observa-o partir.

– Eu sabia que ocê não ia me ouvir. Cê muda tudo, mas nada muda ocê... nem a morte. [...] Tava ocupado demais escutando a tua própria vozona. [...] – Toda essa mensura, toda essa obediência com tua voz... num foi por isso que eu corri estrada abaixo pra descobrir do cê. [...] A gélida espada do pé redondo

cortara sua respiração e deixara suas mãos numa posição de agônico protesto. Janie deu-lhe a paz sobre o peito dele, depois examinou a face morta por um longo tempo. – Esse negócio de sentar no trono foi duro demais pra Jody – murmurou. [...] Tinha muita pena, pela primeira vez em anos (Hurstons, 2021, p. 116-117).

A morte de Starks marca um ponto da narrativa em que o fracasso do patriarcado se evidencia, ou seja, o seu falecimento serve como metáfora para a morte do patriarcado e, na medida em que isto ocorre, Janie Starks passa por um processo de renascimento e reconexão consigo mesma, sinalizando a sua redescoberta. Um novo ciclo se inicia em um movimento crescente de emancipação, autoconhecimento, energia feminina e resgate da sua criança interior.

Pensou no que acontecera na formação da voz de um homem. Depois pensou em si mesma. Anos atrás, mandara seu eu criança esperá-la no espelho. Fazia muito tempo desde que se lembrou disso. Talvez fosse melhor procurar. Foi até a penteadeira e olhou com atenção sua pele e suas feições. A menina se fora, mas uma mulher bonita tomara o seu lugar. Arrancou o lenço da cabeça e soltou a abundante cabeleira. O peso, o comprimento, a glória lá estavam. Ela se avaliou bem, penteou os cabelos e tornou a amarrá-los. Depois engomou e passou no rosto, fazendo dele exatamente o que as pessoas queriam ver, abriu a janela e gritou: -Vem cá, gente! Jody morreu. Meu marido me deixou (Hurstons, 2021, p. 116).

O ato de remover o pano da cabeça remete à libertação da protagonista em relação a uma das primeiras exigências do recém-falecido esposo. Ao olhar-se no espelho, ela se reencontra e a semente de esperança um dia plantada por ela em seus momentos de aniquilação gemina aos poucos, concebendo-lhe a consciência de si; da menina que foi um dia, da mulher que tornou e da nova mulher que está prestes a surgir. Ao soltar cabelos ela se conecta com a sua feminilidade e vaidade. Sua pilosidade funciona como uma capa protetora. Perrot (2019, p. 50), afirma que o “primeiro mandamento das mulheres é a beleza. “Seja bela e cale-se”. Aquele era o tipo de beleza preferido por Joe. Contudo, a beleza à qual me refiro, considerando o status social obtido por Janie Starks, é a de sentir-se bela não apenas em aparência, mas em emancipação e soberania. Sentir-se bela para si, de dentro para fora, de fora para dentro, não mais como critério de satisfação do outro ou capital de troca amorosa e sequer para manter a harmonia da vida matrimonial, mas para sentir-se e ser verdadeiramente uma mulher. “Acabou. Fim. Nunca mais. Trevas. Buraco fundo. Dissolução. Eternidade. Choro e lamento do lado de fora. Do lado de dentro [...]ressurreição e vida” (Hurstons, 2021, p. 116).

Por outro lado, na condição de viúva, Janie Starks ainda carrega o peso do sobrenome de Joe e do olhar crítico da sociedade, o que a faz sentir a interna responsabilidade de mantê-lo

vivo em essência. “Janie descobriu muito rápido que sua viuvez e prosperidade eram um grande desafio no Sul da Flórida” (Hurston, 2021, p. 119). Vestir-se de preto, manter-se recolhida dentro do lar e expressar culturalmente um eterno luto seria potencialmente a sua única opção.

Antes de dormir naquela noite, queimou todos os seus panos de cabeça e saiu pela casa com os cabelos numa grossa trança balançando bem abaixo da cintura. Foi a única mudança que as pessoas viram nela. Quando Janie surgia em seu branco de luto, tinha bandos de admiradores da cidade e de fora. [...] não via motivo para correr a mudar tudo em volta. [...] Teria o resto da vida para fazer o que quisesse (Hurston, 2021, p. 118-122).

A viuvez feminina é uma experiência profundamente transformadora, marcada por luto, desafios e, muitas vezes pela transformação da própria identidade. Ao longo da história, a sociedade impôs às viúvas papéis específicos, muitas vezes restringindo a sua autonomia e liberdade. No entanto, a viuvez pode ser um momento de reconstrução, de novas possibilidades e de fortalecimento emocional. É o que acontece à protagonista de Hurston, que descobre novas paixões, aprofunda suas conexões espirituais e fortalece sua independência.

Para a maioria das mulheres, após um período de luto, separação ou simplesmente uma fase de introspecção, abrir-se para um novo amor pode ser um processo desafiador, mas também é extremamente enriquecedor. O tempo dedicado ao autoconhecimento permite que a mulher compreenda melhor suas necessidades, expectativas e desejos, seja para si ou para viver um novo relacionamento amoroso.

A inesperada chegada de um novo homem na vida de Janie assinala o recomeço de uma vida a dois extremamente diferente das que ela viveu nos relacionamentos anteriores. Entretanto, em consequência das experiências passadas, ela ainda mantém o receio de sofrer novamente. Apesar disso, algo no rapaz faz com que ela não se sinta pressionada ou limitada, mas, leve.

Às cinco e meia, entrou um homem alto. Janie estava encostada no balcão, traçando rabiscos com um lápis num pedaço de papel. Sabia que não sabia o nome dele, mas lhe parecia conhecido. – Noite, Dona Starks – disse ele, com um sorriso maroto, como se os dois tivessem uma grande piada em comum. Ela gostou da história que a fazia rir mesmo antes de ouvi-la (Hurston, 2021, p. 123).

O relacionamento entre Janie e Tea Cake vai se estabelecendo gradativamente, enquanto ele se mostra sempre disponível e disposto amá-la independentemente do seu status financeiro, da viuvez e de tantas outras diferenças entre eles. O casal mostra que o amor não tem idade,

tempo ou manual de instruções e que, quando chega, pode ser um presente a iluminar de maneira surpreendente a vida da pessoa que o recebe.

Não a privar de viver, de sorrir e de ser ela mesma, são elementos que fazem com que Tea Cake vá aos poucos conquistando o seu coração. O trecho a seguir corresponde ao momento em que ele a convida para jogar uma partida de damas:

- Que tal jogar umas damas? A senhora parece difícil de vencer. – Eu sou, porque num sei jogar nada. – Então num gosta de do jogo? – Gosto, sim, mas também num sei se gosto ou não, porque ninguém nunca me mostrou como é. [...] Ele armou o jogo e pôs-se a mostrar-lhe como era, e ela se sentiu refulgindo por dentro. Alguém queria que ela jogasse. Alguém achava natural que ela jogasse. Aquilo era simpático. Deu uma boa olhada nele e sentiu pequenos estremecimentos com cada ponto positivo (Hurston, 2021, p. 125).

A falsa ideia de inferioridade intelectual feminina, a noção de que a mulher é intelectualmente inferior ao homem é utilizada como justificativa para sua exclusão dos espaços de aprendizado, da tomada de decisões e da autonomia profissional. Segundo Perrot,

[...] o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida. Freud faz da “inveja do pênis”, o núcleo obsedante da sexualidade feminina. A mulher um ser em concavidade, esburacado, marcado para possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. [...] Só se descobrirá o mecanismo da ovulação no século XVIII e é somente em meados do séc. XIX que se reconhecerá a sua importância. Inferior, a mulher o é, de início, por causa de seu sexo, de sua genitália (Perrot, 2019, p. 63).

Muitas culturas propagaram a ideia de que a capacidade intelectual feminina seria limitada, o que corrobora a imagem da mulher como pertencente ao sexo que precisa de ser protegido, enclausurado no lar e possuído, estando tais condições ligadas diretamente ao seu intelecto. Essa visão também foi bastante difundida e reforçada por instituições religiosas e sistemas educacionais que restringiram o acesso de muitas mulheres ao conhecimento ao longo da história.

Em *Seus Olhos viam Deus*, Janie é constantemente subestimada pelo esposo Joe Starks com relação à sua imaginada falta de inteligência: “Jody me dizia que eu nunca ia aprender. Era muito pesado para minha cachola” (Hurston, 2021, p. 126). No sentido oposto ao das atitudes do falecido, Tea Cake instiga em Janie a autopercepção da sua grandeza intelectual. Ao convidá-la para uma partida de damas reforça a ideia de que ela é capaz, que como mulher não é inferior, mas uma companheira tão dotada de inteligência quanto ele enquanto homem. Jogar, pescar, sair à noite, etc., são atividades que vão se tornando mais recorrentes no cotidiano do casal.

A lua tá bonita demais pra alguém perder dormindo – disse Tea Cake depois de lavarem os pratos e copos – Vamo pescar. – Pescar? Nessa hora da noite? – Um-hum, pescar. [...] Foi uma maluquice tão grande pescar minhocas à luz de candeia, e partir para o lago Sabelia depois da meia-noite, que ela se sentiu como uma criança violando as regras. Foi o que a fez gostar (Hurston, 2021, p. 133).

As atitudes de Tea Cake desconstroem a ideia de que os afazeres domésticos são exclusividade das mulheres, reforçando o companheirismo e a igualdade de gênero, condição esta que não significa que homens e mulheres sejam idênticos, mas que tenham as mesmas condições de participação e valorização em suas relações sociais. As mulheres, a exemplo da personagem em análise, enfrentaram restrições e desigualdades diversas, como venho discorrendo neste tópico. É de suma importância salientar que atualmente, mesmo com alguns avanços, certas mulheres ainda lutam contra as barreiras estruturais que as acompanham historicamente e as discriminam em relação às disparidades salariais, à falta de representatividade em cargos de liderança e em outros segmentos sociais. A protagonista do romance representa uma infinidade de mulheres que tiveram e ainda têm suas possibilidades de crescimento podadas, suas vozes castradas e seus desejos reprimidos em algum momento da vida por um contexto de vivências e vínculos pautados nas regras hétero-patriarcais.

Outro a fator interessante na dinâmica do relacionamento entre Tea Cake e Janie, está na valorização de aspectos que eram constantemente ignorados por Jody Starks durante o tempo em que passaram juntos. A inteligência, as habilidades e a feminilidade da companheira ganham atenção, respeito, carinho e destaque, como por exemplo ressignificação e valorização da beleza dos seus cabelos.

Foram para a cozinha, prepararam os peixes, broas de milho e comeram. Depois Tea Cake foi ao piano sem sequer pedir licença e começou a tocar e cantar *blues*, lançando sorrisos para trás. Os sons embalaram Janie, levando-a a um cochilo, e ela acordou com ele penteando-lhe os cabelos e lhe fazendo cafuné. Isso a deixou mais relaxada e sonolenta (Hurston, 2021, p. 136).

Neste ponto da narrativa, Janie Woods, antes desvozeada, recebe uma nova roupagem. Além do resgate da sua voz e autonomia, há uma ampliação de perspectivas que giram em torno do seu processo rumo ao autoconhecimento. Quando me refiro ao ressurgimento da voz da protagonista, pontuo o seu renascer em vários aspectos, como a sua construção identitária como mulher, não apenas ao ato de falar em si, mas ao fato de que ela passa a ser apresentada como uma mulher ativa, consciente, madura, confiante e decidida. As experiências adquiridas com o

tempo contribuem para que possa enxergar amplamente suas possibilidades, tanto dentro dos relacionamentos amorosos quanto para si, vejamos:

Tea Cake num é Jody Starks, e se quisesse ser, ia ser um fracasso total. Mas assim que eu me casar com ele, todo mundo vai comparar. Por isso a gente vai pra algum lugar e começar tudo de novo do jeito de Tea Cake. Num é nenhuma proposta comercial nem corrida pra pegar propriedade e título. É uma coisa de amor. Eu já vivi do jeito da Avó, agora quero viver do meu (Hurston, 2021, p. 147).

A viagem de Janie com Tea Cake para Everglades marca o começo da vida a dois de um modo diferente, com mais coragem, esperança e renovação. Recomeçar, e ressignificar: cada experiência vivida contribui para que busquem construir e fortalecer um ao outro, tanto na felicidade quanto muitos desafios compartilhados pelos dois.

Janie carrega consigo os aprendizados do passado e o desejo de construir uma convivência genuína e equilibrada. A oportunidade de construir algo mais autêntico, onde a comunicação e o respeito sejam prioridades, de se permitir e viver um vínculo baseado na confiança e no afeto recíprocos. A compreensão da personagem sobre esses aspectos fica ainda mais clara ao longo da convivência do casal e da consolidação do seu autoconhecimento. Compreender as próprias emoções e limites faz com que possa acessar o seu interior e expressar melhor os seus sentimentos, medos, inseguranças e expectativas.

Tea Cake surge como um símbolo de espontaneidade e aventura, apresentando a Janie uma nova forma de amar baseada na alegria, no companheirismo e na reciprocidade. Ela encontra uma relação que lhe permite explorar sua identidade e os seus desejos sem as amarras do controle patriarcal.

Às vezes Janie lembrava dos tempos da casa grande e da loja, e ria consigo mesma. O que aconteceria se Eatonville a visse agora, de macacão de brim azul e botas? Aquele monte de gente à sua volta e o jogo de dados no chão de sua casa! Sentia pena das amigas de lá, e desprezo pelos outros. Os homens discutiam muito ali, como faziam na varanda da loja. Só que ali podia ouvir, rir e mesmo falar um pouco, se quisesse. Chegou ao ponto em que podia contar ela própria histórias cabeludas, de tanto ouvir os outros. Como gostava de ouvir, e os homens de ouvirem a si mesmos, eles diziam palavrão até o limite em volta do jogo. Por mais bruto que fosse, era raro as pessoas ficarem furiosas, porque tudo se fazia na brincadeira (Hurston, 2021, p. 171).

No entanto, esse amor não é isento de complexidades. Tea Cake desafia Janie a viver fora dos padrões tradicionais, mas também produz algumas dinâmicas de poder da época, evidenciando as tensões entre paixão e domínio, liberdade e possessividade. Os desafios entre os dois se estendem desde as dificuldades financeiras até a luta para equilibrar amor e

independência. Ao longo dessa jornada a heroína de Hurston aprende a tomar decisões por si mesma, desenvolvendo força interior e autonomia emocional.

Em Everglades, o casal lida com grandes provações. O furacão que atinge a região em que estão os deixa à beira da morte, mas nem assim abandonam um ao outro. Na passagem abaixo, detalhadamente narrada, é perceptível a força de querer viver e de salvar um ao outro durante a tragédia.

Tea Cake e Janie já se achavam a alguma distância da casa quando encontraram água funda. Então tiveram de nadar um pouco, e Janie aguentava dar mais que algumas braçadas de cada vez, [...] Tea Cake teve que leva-la até chegarem finalmente a uma elevação que conduzia ao aterro. [...] - Nada até a vaca e se agarra no rabo dela! [...] o cachorro correu pelas costas da vaca para atacar e Janie gritou e escorregou. [...] Tea Cake ergueu-se no traseiro da vaca e agarrou-o pelo pescoço. Mas era um cachorro forte, e ele estava cansado demais. [...] Lutaram e de algum modo o bicho conseguiu dar uma mordida no alto da bochecha de Tea Cake (Hurston, 2021, p. 210-212).

O furacão dá início ao que está por vir. Após ser mordido pelo cão, Tea Cake desenvolve sérios problemas de saúde, a ponto de não se reconhecer, nem aos outros. Janie cuida do esposo com amor e zelo, mas diante do grave quadro de doença que se desenrola perante ela a não há muito mais a fazer. Entre os devaneios, delírios e ataques do amado, que havia contraído raiva canina devido à mordida que o cachorro lhe havia dado, ela se depara com a escolha difícil de ter que salvar sua própria vida. “O revólver e o rifle dispararam quase ao mesmo tempo. [...] No mesmo dia de sua dor, ela estava na cadeia. [...] Ela os fez ver que jamais poderia querer livra-se dele. Não suplicou a ninguém. Simplesmente sentou-se ali e falou.” (Hurston, 2021, p. 232-236).

A acusação de assassinato pela morte do marido, leva Janie a enfrentar o julgamento judicial e o da sociedade. Mesmo assim, lhe é concebida a oportunidade de falar, de contar sua versão dos fatos, defender-se e ser compreendida. Na sua jornada ela se depara com o amor e o medo e toma decisões difíceis durante o percurso. No final, desfruta da conquista de si mesma ao encarar um recomeço que não depende de outras pessoas, mas da sua própria força e resiliência.

4.2 A carga simbólica em *Seus Olhos viam Deus*

Ao despojar-se de tudo o que se passou na sua vida até o ponto em que decide empreender a sua caminhada de autodescoberta, Jane Crawford assume um status de contemplação, instância de escuta profunda, entrega e transformação. Em mundo marcado pelo

excesso de ruídos e distrações, aprender a silenciar-se, tornou-se para ela, um exercício de cura interior e reconexão constante com o Divino.

De acordo com Mestre Eckhart³⁰ (2008), citado por Nogueira (2017, p. 25), despojar-se de tudo é como abrir um espaço vazio na alma, sem intermediários, para que Deus ali se coloque: nem mais nem menos. Neste sentido, vazio e plenitude não são contraditórios, são a mesma coisa: como ensina este filósofo medieval, estar vazio de toda criatura é estar cheio de Deus. A visão transcendentalista de Janie Crawford surge da sua intuição, interior, da conexão com a natureza e da experiência individual. Ela enxerga a natureza como fonte de sabedoria, caminho para o autoconhecimento como caminho para Deus. Nesta perspectiva, Rodrigues afirma que

O movimento Transcendentalista apregoa que o ser humano é resultado de sua própria percepção, como ser material e espiritual; o racional que reflete o espiritual e vice-versa – é a identificação do indivíduo com Deus. Os Transcendentalistas baseavam-se em doutrinas que têm como base o idealismo e o otimismo e procuravam a divindade existente em cada indivíduo, que faria sua autodescoberta, provendo a autossuficiência através da autoexpressão (Rodrigues, 2019, p. 43).

Ao aniquilar-se o indivíduo adquire uma visão transcendental. Assim, Janie Woods atinge um status de contemplação, espaço de escuta profunda, entrega e transformação. Em mundo marcado pelo excesso de ruídos e distrações, aprender a silenciar-se, tornou-se para ela, um exercício de cura interior. O ato de silenciar não se restringe à ausência de palavras, mas gera uma condição interior que permite a experiência da transcendência, plenitude e encontro: “Então, um dia, [Janie] viu sua sombra cuidando da loja e prostando-se diante de Jody, enquanto ela mesma se sentava à sombra de uma árvore, com o vento soprando-lhes os cabelos e as roupas. Alguém ao lado fazendo da solidão verão. (Hurstons, 2021, 104). Ainda enquanto Jane Starks, a força divina que habita o vazio da sua alma se deixa preencher, enquanto o “Alguém” ao seu lado pode ser interpretado como uma fortaleza na sua solidão, uma energia pura que se “faz verão” em seu insulamento, Deus.

Foi a primeira vez que isso aconteceu, mas após algum tempo se tornou tão comum que ela deixou de surpreender-se. Parecia uma droga. De certa forma era bom porque se reconciliava com tudo. Deixava-a de tal modo que aceitava tudo com a impassibilidade da terra, que se encharcara de urina e perfume com a mesma indiferença (Hurstons, 2021, p. 104).

³⁰ Eckhart de Hochheim, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo e por seu misticismo. Ele é considerado como um dos grandes símbolos do espírito intelectual da Idade Média e adquiriu status como um grande místico dentro da espiritualidade popular contemporânea, bem como um interesse considerável de estudiosos que o situam dentro da tradição escolástica e filosófica medieval.

Esta ligação transcendental promove na vida da personagem uma transformação que a impulsiona a visualizar sua vida exterior e interior sob uma perspectiva anímica e madura, ação corriqueira em sua rotina, capaz de elevá-la a uma dimensão espiritual em que sente alívio, serenidade e tranquilidade. Para além disso, saber esperar no Divino é um passo que a faz reconectar-se consigo mesma. Um dos elementos que sinalizam esta reconexão, por exemplo, se dá pelo ato de soltar os cabelos e reencontrar a sua feminilidade antes apagada. “O negócio do pano de cabeça a irritava muito. Mas Jody estava decidido. Ela NÃO ia exhibir os cabelos na loja. Não era de modo algum ajuizado” (Hurstons, 2021, p. 79).

O cabelo, um dos símbolos mais importantes dentro dessa conjuntura, é para os homens uma questão de honra, força virilidade e mérito; para as mulheres sugere feminilidade, sedução, tentação e pecado. Devido ao controle imposto às mulheres no século XIX, o cabelo feminino continuava sendo um território de disputa simbólica, entre repressão e liberdade de autonomia. Segundo Perrot

Porque a mulher foi criada para o homem, “a mulher deve trazer o sinal de submissão sobre sua cabeça” [...] As mulheres devem se calar nas assembleias. Usar o véu ao profetizarem. Usar o véu como sinal de dependência: “a mulher deve trazer sobre sua cabeça o sinal da autoridade”. No século XIX, uma mulher “de respeito” traz a cabeça coberta, uma mulher de cabelos soltos é uma figura do povo, vulgar (Perrot 2019, p. 56).

A questão do pano de cabeça como uma imposição a Janie em um dos seus relacionamentos amorosos, constituiu esse ato de repressão da sua identidade como forma de submissão e obediência ao esposo. Dentre tantas formas de silenciamento, a autoridade sobre a protagonista é marcada por este ato que fortalece a ideia de dominação quando dela é retirado o direito de se exercer a sua feminilidade.

A desconstrução desse simbolismo acontece quando Janie se desfaz dos panos de cabeça, após a morte do esposo. Esta passagem é marcada por uma forte carga simbólica que remete à sua libertação, das amarras do patriarcado. “A menina se fora, mas uma mulher bonita tomara seu lugar. Arrancou o lenço da cabeça e soltou a abundante cabeleira, o peso, o comprimento, a glória lá estavam. Ela se avaliou bem, penteou os cabelos” (Hurstons, 2019, p. 116).

Ao libertar-se dos panos que lhe cobrem a cabeça, o que representa um ato de resistência e autodescoberta, Janie Crawford liberta-se metaforicamente do patriarcado. Este posicionamento passa a ocorrer com frequência ao longo do périplo da personagem, que se redescobre a cada ato libertador e encontra a sua força feminina interior. Ao longo da narrativa,

que se confunde com a sua caminhada, Janie, vai aprendendo que esperar em Deus não é um peso, mas um privilégio. É neste momento que Ele a convida a confiar N'ele plenamente, compreendendo que planos Dele são maiores e que os desafios diários podem ser superados. Ao aceitar este processo de construção da fé, a personagem encontra a certeza de que tudo é no tempo Dele. Este laço se fortalece com o passar do tempo, com as experiências positivas e negativas adquiridas por ela em seus relacionamentos amorosos e na convivência com as pessoas ao seu redor. Esta força parece provir da sua alma irrequieta, mas também da Natureza: a paisagem rural da Flórida serve como uma personagem à parte, com os seus ciclos de vida e morte retratando a sua jornada interior e reforçando a ideia da conexão entre a mulher e a natureza.

Para que se entenda melhor a conexão mulher/Natureza, parto do pensamento ecofeminista de que a luta pela igualdade de gênero se conecta à luta por preservação ambiental e que a exploração das mulheres e da natureza está diretamente interligada por um sistema patriarcal que subjuga tanto o feminino quanto o meio ambiente, uma relação simbólica entre a mulher e a Terra que tem sido utilizada para justificar os sistemas e práticas de dominação. Este viés de pensamento se justifica pelo fato de que

[...] o patriarcado se exprime com a mesma lógica do poder machista, opressor e totalitário da agroindústria, atacando os fundamentos da vida, na sua expressão simbólica mais profunda: a fecundidade do ser vivo. Daí a luta de feministas pela libertação da mulher e da natureza, ambas exploradas (Flores; Trevizan, 2015, p. 2).

De acordo Flores e Trevizan (2015, p. 3) existem três tendências ecofeministas³¹: a clássica, “que vê no homem a predisposição natural para a competição e a destruição, e sua obsessão pelo poder”, a espiritualista “fundamentada nos princípios religiosos” e a construtivista, que nega a relação entre mulher e Natureza como uma característica intrínseca do sexo feminino, mas da responsabilidade de gênero resultante da divisão social do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade. (Angelin, 2006, *apud* Flores; Trevizan, 2015, p. 3). A percepção ecológica tanto quanto a feminista estão bastante presentes no enredo de *Seus Olhos*. A relação entre ciência, mulher e Natureza representada pela protagonista é narrada sob um aspecto que compreende em parte a concepção socioeconômica de dominação patriarcal em

³¹ O termo Ecofeminismo surgiu nos anos 1970, sendo popularizado por pensadores como Fraçoise d'Eaubonne e usado pela primeira vez em 1974 pelo mesmo estudioso, o qual fundou, na França, o movimento Ecologia e Feminismo. Uma das primeiras preocupações seria a relação entre ciência, mulher e natureza. Ademais, a abordagem ecofeminista destaca como o patriarcado impõe uma lógica de dominação tanto sobre as mulheres quanto sobre a natureza, tratando ambos como recursos a serem explorados.

si, mas também se conecta com a tendência espiritualista, que compreende a capacidade de aprendizado e resiliência através da natureza. O elo entre Janie e elementos naturais são narrados do início ao fim da obra. Estes parecem estar ligados de maneira profunda e significativa aos seus momentos de reflexão, às diferentes fases da sua vida, suas decisões, seu modo de enxergar as coisas ao seu redor e a si mesma. A simbologia do horizonte e da árvore - a pereira, por exemplo- prenuncia as transformações ao longo de sua jornada, a chegada à adolescência, as descobertas sobre o próprio corpo, a alma e o coração.

Janie via sua vida como uma grande árvore cujas folhas eram as coisas sofridas, desfrutadas, feitas e desfeitas. A aurora e a danação estavam nos galhos. [...] Janie passara a maior parte do dia debaixo de uma pereira em flor no quintal. Nos últimos três dias, vinha passando cada minuto que podia roubar das tarefas diárias debaixo daquela árvore. Quer dizer, desde que abrisse a primeira florzinha minúscula. A árvore a havia chamado a contemplar um mistério. De talos marrons a luminosos botões à nívea virgindade do branco. [...] Viu uma abelha portadora de pólen mergulhar no sacrário de uma flor; os milhares de irmãs-cálice curvarem-se para receber o beijo do amor, e o arrepiado de êxtase da árvore, desde a raiz até o mais minúsculo galho, tornou-se creme em cada flor, espumando de prazer (Husrtton, 2021, p. 29-30).

A pereira representa a natureza ideal para Janie. Através da interação entre as abelhas e as flores da árvore, a personagem testemunha um momento cheio de energia erótica, interação apaixonada e harmonia. Esta árvore possui um rico simbolismo, associado à renovação, à paciência e à fertilidade. Representa ainda a resistência da vida diante dos desafios e a promessa de abundância no tempo certo, símbolo de perseverança, sabedoria, autodescoberta e conexão com o sagrado. A natureza cíclica da pereira, que inclui o cair e renovar de suas folhas e frutos para se fortalecer, representa uma fase de aparente estagnação que pode ser comparada aos momentos de silêncio e espera remetentes aos altos e baixos da vida da personagem, que aos poucos vai se reestabelecendo com a chegada das flores brancas e delicadas e sinalizam renovação e esperança.

Na minha concepção a filosofia do movimento transcendental se sobressai dentro do romance. No caso específico da árvore, a relação entre a pereira e esta corrente filosófica pontua a conexão de Janie com a natureza e simboliza sua busca por uma experiência espiritual e emocional mais profunda. O transcendentalismo, que valoriza a intuição e a conexão com o mundo natural, é refletido na forma como Janie interage com a pereira, que representa a sua procura por amor verdadeiro e liberdade. A interpretação que faço deste símbolo realça a atenção para a abordagem de temas como a fertilidade, a beleza da vida e a energia erótica, termos que igualmente são comuns ao transcendentalismo.

Além do mais, sob esta perspectiva, a obra enfatiza a importância da intuição, da espiritualidade e da conexão com a natureza. Janie Crawford busca sua própria identidade e liberdade em um mundo que tenta limitá-la. Essa busca pelo autoconhecimento e a valorização da experiência pessoal são temas que ressoam os princípios transcendentalistas. A relação de Janie com a natureza, especialmente em momentos de reflexão e autodescoberta, também reflete essa conexão profunda que os transcendentalistas valorizavam. Hurston (2021) utiliza a voz e a experiência feminina para explorar temas de liberdade e individualidade, que são centrais a este movimento do século XIX. A obra também aborda a ideia de que a verdadeira felicidade e realização vêm de dentro, um conceito que ecoa das crenças transcendentais na autossuficiência e na busca pela verdade pessoal.

O Sol também aparece ao longo do romance como um símbolo do destino, da passagem do tempo e do despertar espiritual, trazendo luz interior e clareza emocional e mental para a protagonista, que vai despertando para a verdade. É a manifestação da luz maior. “O simbolismo do Sol [...] se não é o próprio deus, é para muitos povos, uma manifestação da divindade. Pode ser concebido como *filho* do Deus supremo. [...] é o olho do Deus supremo [...] O Sol está no centro do céu como o coração no centro do ser” (Chevalier e Gheerbrant, 1982, p. 836). Alinhada à clareza proporcionada pelo símbolo do Sol, referência bastante recorrente na narrativa, Janie se projeta num futuro diferente do seu presente, almeja uma vida redentora para si que é sempre acompanhada por uma fonte inesgotável de luz. Há sempre um novo dia, uma nova chance de mudar e viver que pode ser constatada pela fala do narrador onisciente: “Às vezes projetava-se no futuro, imaginando sua vida diferente do que era. Mas a maior parte do tempo vivia dentro dos seus limites, com as perturbações emocionais parecendo os desenhos das sombras na mata – indo e vindo com o Sol” (Hurston, 2021, p. 102).

O astro rei simboliza também o fim da escuridão da ignorância e o início de um estado de consciência mais elevado. É um reflexo do poder de Deus, da fonte suprema da criação, o nascer e o pôr do sol, o renascimento e a morte. É fonte de luz e calor da vida. Contudo, quando prestes a se pôr, leva com ele algumas certezas sobre suas expectativas. “O sol estava quase se pondo, e Janie o viu nascer sobre seu perturbado amor e depois atirara em Tea Cake, e estivera na cadeia e fora julgada para morrer e agora estava livre (Hurston, 2021, p. 237). No entanto, ao nascer dia a pós dia, Janie contempla o sol que aquece, sustenta a sua vida e lhe conduz para a alegria, a plenitude, a vitalidade e a liberdade e expansão do coração.

O furacão é um símbolo que representa a fúria destrutiva da natureza e funciona como o oposto da pereira e do horizonte, que simbolizam beleza e prazer, enquanto o primeiro demonstra o quão caótico e caprichoso o mundo pode ser. Este fenômeno da natureza faz Janie

se questionar o que e quem ela é, o que está por vir e qual é o seu lugar no universo. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1982),

Nas tradições ameríndias, o furacão (ciclone, tromba, tornado, redemoinho) é concebido como uma conjugação dos três elementos (o ar, o fogo, a água) contra a terra: uma revolta dos elementos. É uma libertinagem quase orgiástica das energias cósmicas. Simboliza o fim de um novo tempo e a promessa de um tempo novo. Depois da destruição, a terra infatigável reproduzirá outra coisa (Chevalier e Gheerbrant, 1982, p. 455).

Sua natureza impessoal é simplesmente uma força de pura destruição, mas também faz com que a personagem levante ainda mais questionamentos sobre o mundo e a importância da fé em Deus em meio ao conflito com o universo ao seu redor a partir das suas tempestades interiores. Diante do furacão, Janie pensa em como pode sobreviver em um mundo cheio de caos e dor. Ao conseguir superar este momento de tribulação, ela encontra sentido e rumo nas decisões que precisam ser tomadas para mais uma etapa de sua vida.

A protagonista enfrenta este fenômeno apavorante ao lado de Tea Cake - seu atual e último cônjuge- em Everglades, onde o casal lida com vários contratempos. O furacão me parece ser ainda um prenúncio, com já falei, do que estaria ainda por vir: Em *Seus Olhos* a figura do cão como símbolo satânico e presságio do mal é evidenciada pelo ataque a Janie e Tea Cake ao atravessarem a enchente pós-tornado. O cão que ataca Tea Cake pode ser interpretado como a imagem de satanás, que o deixa doente, o cega de raiva, ciúme e lhe faz desconhecer a sua tão amada Janie, chegando a tentar tirar a vida dela. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1982)

Para alguns tártaros, Deus, no memento da criação, confiou o homem à guarda do cão, a fim de que ele o preservasse dos encontros com o diabo. Mas o cão deixou-se avassalar pelo inimigo e, por causa disso, tornou-se o responsável pela queda do homem. Para os iacutos³², foram as imagens dos homens que Deus confiara à guarda do cão, e este permitiu que o demônio as maculasse; como castigo, Deus deu ao cão sua forma atual. Muitas variantes retomam esse mesmo tema [...] Todas têm em comum: o cão, em virtude dessa intermediação, vai se tornando pouco a pouco um animal impuro, intocável; mais ainda a traição é também a causadora entre os homens das enfermidades, das impurezas internas que provêm, assim como o pelo do cão, da saliva do diabo. É assim que o cão se torna responsável pela morte dos homens, consequência final dessas calamidades, dessas sujidades e salivações (Chevalier e Gheerbrant, 1982, p. 455).

Ao se defender de Tea Cake, Janie atinge-o com um tiro fatal que a leva ao julgamento perante o tribunal. Este momento da acusação a Janie pelo assassinato de Tea Cake configura

³² Os iacutos são um povo turco que vive na República da Iacútia, na Rússia. São o maior grupo étnico da região.

uma decisão, um resultado final que dá margem para dois destinos diferentes: Vida eterna com Deus, céu, ou condenação e separação de Deus, inferno. Em seu coração, Janie sofre com a injustiça humana; ao seu redor todos a julgavam como culpada, mesmo agindo em legítima defesa. Há um julgamento final perante as leis terrenas, mas para a protagonista, há um significado que vai além do que os olhos longe de Deus possam ver: a verdadeira justiça, a divina, aquela que honra os que nela creem. Deus não julgaria a sua ação, mas faria valer a compaixão para com Janie e a sua honra diante das leis criadas pelo homem.

Tentou fazê-los ver como era terrível que tudo chegasse a um ponto em que Tea Cake não podia voltar a si enquanto não se livrasse do cachorro doido que tinha dentro dele, e não podia livrar-se do cachorro e continuar vivendo. Tinha de morrer para livrar-se do cachorro. Mas ela não quisera mata-lo. Um homem está numa situação difícil quando precisa morrer para suportá-la. **Ela os fez vê que jamais poderia querer livrar-se dele. Não suplicou a ninguém. Simplesmente sentou-se e falou, e quando acabou, calou-se.** Já acabara havia um tempo quando o juiz, o advogado e o resto pareceram tomar conhecimento. Mas ficou sentada ali naquele banco de réus até o advogado dizer que podia descer. (Hurstons, 2021, p. 235-236).

A verdadeira justiça vai além das aparências externas e do poder mundano dos homens. A recompensa para Janie é a libertação plena de todas as amarras, silenciamento e juízo. A voz da protagonista ecoa como o cantar dos anjos perante toda a plateia, surge como um trovão, forte, firme, estrondosa. Eis que chega o veredito:

- A defesa conclui - disse o advogado. [...] E Janie permaneceu sentada como uma pedra, esperando. Não era a morte que temia. Era o mal-entendido. Se eles dessem um veredito de que ela não queria Tea Cake e o desejava morto, isso era um verdadeiro pecado e uma vergonha. Pior que assassinato. Então o júri retornou. [...] – Julgamos que a morte de Vergible Woods foi inteiramente acidental e justificável, e que nenhuma culpa deve recair sobre a ré Janie Woods (Hurstons, 2021, p. 235-236).

A justiça de Deus é um dos temas centrais na narrativa. Os olhos de Janie viam Deus através de cada uma das suas experiências ao longo do seu périplo, dos desafios da vida cotidiana, das alegrias e tristezas, dos momentos de dores e conquistas. A protagonista é compelida a progredir como mulher, ser humano, filha de Deus, tanto em sua jornada física, por suas viagens e consequentes deslocamentos geográficos, quanto em sua jornada espiritual, pela sua conexão com o Divino. Através dessa força transcendental, Janie ganha voz e autonomia.

Apesar de estar exposta a tantas circunstâncias opressoras, a protagonista carrega a voz da história, que ganha ainda mais vida a partir da riqueza de detalhes de uma narrativa que transita entre o “eu” e o “ela”. Ao assumir o domínio da diegese e partilhá-la com sua melhor

amiga Pheoby, a personagem coloca em prática a irmandade e ressignifica a ideia de uma trajetória fadada ao fracasso pelas limitações, que então se transforma em redenção e glória. Sua vida é o testemunho oralizado à amiga Pheoby, que representa a mediação entre a voz da amiga e as vozes de outras mulheres, trazendo a ideia de rompimento do silêncio feminino através da protagonista:

Tudo bem, Pheoby, conta pra elas. Elas vai ficar admirada porque meu amor num foi que nem elas gosta, se algum dia elas teve um. Depois você deve dizer a elas que o amor num é que nem pedra de amolar, que a mesma coisa em toda a parte e faz a mesma coisa com tudo que toca, o amor é que nem oceano, é uma coisa que se move, mas memo assim toma forma da praia que encontra, e é diferente em toda praia (Hurstons, 2021, p. 241).

Pheoby representa a importância da sororidade e da escuta ativa; a sua relação com Janie simboliza a força do vínculo e o fortalecimento dos laços entre mulheres. A ouvinte funciona como uma extensão do leitor. Ao escutar a história da amiga, a auxilia a construir empatia e reflexão sobre as experiências de liberdade, amor e autodescoberta:

Nem seu pai nem sua mãe nem ninguém mais pode dizer nem mostrar pro cê. Duas coisa todo mundo tem de fazer por si mesmo. Tem de procurar a Deus e descobrir como é a vida vivendo eles mesmo. Fez-se um silêncio definitivo depois disso, de modo que pela primeira vez puderam ouvir o vento açoitando os pinheiros. [...] Pheoby abraçou-a com toda força e varou correndo a escuridão (Hurstons, 2021, p. 241).

Deste modo, a voz de Pheoby em *Seus olhos viam Deus* não é apenas a de uma amiga leal, mas um símbolo da valorização da narrativa feminina e da importância de ter alguém que realmente lhe escute, compreenda e repasse o pensamento íntimo do seu coração a outrem. Com o retorno de Janie Crawford a Eatonville, Pheoby se preocupa com a amiga, acolhe-a, abraça-a. Esse cuidado genuíno faz com que ela seja a ouvinte ideal. A sua presença na narrativa fortalece e se une à voz da amiga causando um maior impacto e fomentando a ideia de poder das mulheres através da disseminação e da valorização de suas vozes.

Portanto, a jornada de Janie pode ser vista como imersa não apenas nos aspectos mencionados neste tópico em relação à carga simbólica, mas é cabível que outras leituras interpretativas englobem opiniões discrepantes ou similares às que fiz aqui. Ao inserir este adendo no corpo de análise, identifiquei que Janie, por estar profundamente conectada a si e a Deus, consegue desafiar os papéis tradicionais, impostos às mulheres, ao passo que sua procura pelo amor verdadeiro também ganha fôlego. Assim, este processo de cura interior faz com que a sua busca pelo autoconhecimento, confiança e liberdade se concretize.

4.3 Conclusão do périplo: A identidade reconstruída e sensação de liberdade

Mas cada pedacinho de mim é uma mulher e eu sei disso.
(Hurstun, 2021, p. 106)

A construção do Eu em narrativas como *Seus Olhos Viam Deus* evoca a questão da afirmação e da representatividade, bem como levanta questionamentos em torno do que envolve a construção da identidade do ser. Deste modo o mundo literário muitas vezes reflete experiências históricas e cotidianas e podem contribuir grandiosamente para a formação humana. Os valores, as tradições, os dilemas de um grupo social ou de um indivíduo narrados, podem permitir que algumas pessoas se reconheçam e compreendam melhor sua própria cultura, história, subjetividade, papel social e até mesmo cooperem para o autoconhecimento. Como afirma Mary Helen Washington,

Seus Olhos nos ensina alguma coisa, é que se trata de um texto rico e complexo, e que cada geração de leitores trará alguma coisa nova à nossa compreensão dele. [...] descobrimos nele alguma coisa de nossas próprias experiências, nossa própria linguagem, nossa própria história (Washington, 2021, p. 15).

Considerando tais apontamentos, é possível analisar a identidade reconstruída de Janie Crawford sob uma perspectiva que traz a ideia de empoderamento feminino. As fases de criança, adolescente, mulher, esposa e viúva, fazem com que a protagonista acumule uma bagagem de experiências e vivências ao longo da vida que as transformam na Janie inominada com a qual nos deparamos ao final do enredo. Não carrega mais os sobrenomes dos homens que a acompanharam durante o périplo e aos quais, de uma forma ou de outra, havia se sujeitado. A este respeito Washington (2021, p. 8), pontua que: “[...] para a maioria das leitoras negras que descobrem *Seus olhos...* o que era mais absorvente era a figura de Janie Crawford – poderosa, articulada, autoconfiante e radicalmente diferente de qualquer personagem feminina antes encontrada na literatura.”

Ao mesmo tempo em que se conclui a construção da identidade a protagonista há a desconstrução da imagem da mulher como subserviente e passiva, uma visão imposta por estruturas patriarcais. A personagem está imersa em duas esferas; a primeira engloba a sua opressão e a segunda o autoconhecimento e a sensação de liberdade, como se remetesse à ideia do antes e do depois de uma transformação fundamental e decisiva em sua jornada. Ao dizer “Cada pedacinho de mim é uma mulher e eu sei disso”. (Hurstun, 2021, p. 106), como se

vê na epígrafe acima, a força da personagem de Hurston reafirma de modo impactante a sua representatividade como exemplo a ser seguido pelas demais mulheres.

Assim, a fortaleza feminina da personagem transcende a ideia de poder físico e se manifesta através de múltiplas formas: do autoconhecimento, da resistência emocional, da autonomia e da capacidade de cuidar, criar e transformar sua realidade. Essa força é a chave para a superação das opressões por ela sofridas e para a reconstrução de uma nova identidade que então acomoda todas as outras antes assumidas -pelo menos até aquele ponto – corrobora a sua visão de mundo e satisfaz o seu ego.

Ou seja, a antes mencionada inflexibilidade identitária de Janie, a partir deste ponto deixa de fazer sentido porque não mais se limita aos lugares relativos ao seu deslocamento geográfico, mas ao que faz dela uma mulher diferente, mais madura e sábia no decorrer de uma movência concreta intimamente ligada ao seu deslocamento no plano abstrato. Hall (2006) aponta que

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. [...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades (Hall, 2006, p. 12).

A reconstrução da identidade da protagonista está longe de ser algo rígido e imutável, como observei acima: engloba um processo dinâmico em transformação constante. Ter uma identidade móvel significa abrir espaço para reinventar-se e essa fluidez pode permitir-lhe escapar dos episódios sufocantes que lhe aparecem durante a jornada e explorar rotas alternativas.

Protagonizar uma narrativa cíclica - a história começa com Janie indo para Eatonville e a ela voltando no final – além de assinalar o término do seu périplo rumo ao autoconhecimento, representa a necessidade que a protagonista sente de voltar ao lugar onde considerava nunca ter realmente estado. As pessoas daquela pequena cidade precisam conhecer a nova Janie que ressurge autoconfiante e empoderada. O regresso da personagem desperta a curiosidade o falatório e os descabidos julgamentos das mulheres locais, que questionam a sua aparência atual em relação à do seu passado. No entanto, essa volta ao ponto de partida não significa um retrocesso, mas sim um renascimento que deve ser visto como exemplo para as outras os vivendo. O retorno da personagem à pequena Eatonville, lugar de onde saíra em busca de viver um novo amor e uma nova vida longe dos julgamentos, marca também o reencontro com o seu

antigo desejo de consolidação identitária. Apesar de o local permanecer praticamente o mesmo, Janie não é mais a mesma.

Portanto, voltar ao início não significa regredir e pode ser uma prova de crescimento. A personagem retorna à sua cidade não como a jovem ingênua do início da história, mas como uma mulher forte, que consegue afinal expressar a sua própria voz. Ela não precisa mais da aprovação dos outros, pois a sua identidade também é autônoma:

“Eu tô de volta na minha terra de novo e contente de tá aqui. Eu fui até o horizonte e voltei, e agora posso me sentar aqui na minha casa e viver com as comparações. Essa casa num é tão vazia que nem era antes de Tea Cake aparecer. Tá cheia de pensamento, mais ainda no quarto” (Hurston, 2021. p. 240).

A personagem consegue driblar as críticas sociais ao retornar sem Tea Cake, mas não como uma mulher solitária ou derrotada. Ao contrário, ela traz consigo a lembrança de um amor verdadeiro e, mais importante, a certeza de que sua felicidade não depende de ninguém além dela mesma. A quebra das amarras e dos laços opressores ligados ao patriarcado, que antes limitavam as suas vontades e escolhas, faz com que as perspectivas se ampliem e se fortaleçam cada vez mais. A mulher que acaba de regressar traz na bagagem da vida um ser muito à frente do seu tempo, resistindo veementemente à imutável reprodução da imagem preestabelecida para si. Vista a partir dessa perspectiva, a protagonista pode então demonstrar a concepção do que se entende por empoderamento feminino, como apontam Silva; Bógus (2021, p. 336): “Entre as múltiplas interpretações do termo, o ato de empoderar-se pode ser entendido como a ação de tomar poder sobre si, e empoderamento como o ato de conseguir poder ou tornar-se mais poderoso”.

Este poder de que está investida refere-se a “algo que promove uma ruptura com as estruturas opressoras é uma forma eficaz de combater a banalização, a pasteurização e o esvaziamento da teoria e de sua aplicação como catalisadora de transformações sociais” (Beth, 2019, *apud* Silva; Bógus, 2021, p. 337). No século XX a luta das mulheres pelos direitos, voz e espaço na sociedade ganhou mais visibilidade. Foi nesse período que o empoderamento feminino ganhou força, resultando em mudanças sociais, políticas e culturais que continuam a impactar o mundo até hoje.

Em *Seus Olhos*, Janie incorpora a sensação de liberdade a partir do seu empoderamento. Sente-se livre dos padrões sociais e cria para si oportunidades de viver intencionalmente livre do que lhe atormentara. Como afirma a própria autora do romance,

Falava-se de honra e respeito. E tudo que diziam e faziam era refratado pela intenção dela e mandado para as costelas do nada. Ela e Pheoby Watson viviam visitando-se, e de vez em quando se sentavam à beira do lago e pescavam. Janie simplesmente se refestelava na liberdade. [...] – Num é que eu tô preocupada com a morte de Joe, Pheoby. É só que eu adoro essa liberdade. [...] Pra mim o luto num deve demorar mais que a dor (Hurston, 2021, p. 122).

Ao descobrir a sua própria voz, Janie Crawford torna-se um símbolo de vigor e independência: veste-se de uma identidade própria, pautada na sua visão transcendental, na autoconsciência nas suas escolhas próprias, que empreendem a importância de compreender o seu lugar no mundo. Já não precisa mais da validação de um relacionamento para se sentir realizada, mas experimenta o amor verdadeiro, intenso e livre. Mostra que falar de si mesma é um ato que se relaciona ao poder feminino. Assim, transforma sua experiência pessoal em um legado. Ao final do romance nota-se uma Janie que não se insere nas narrativas convencionais que terminam com o clássico de “felizes para sempre” ao lado de um homem. Pelo contrário, ela retorna sozinha e assim permanece por opção:

Janie subiu a escada com a lâmpada. A luz em sua mão era como uma centelha de sol lavando com fogo seu rosto. A sombra atrás caía negra e esticada pelos degraus abaixo. O vento, pelas janelas abertas, varrerá toda fétida sensação de ausência e nada. Ela fechou-se e sentou-se tirando com o pente o pó da estrada dos cabelos. Pensando. O dia da arma, o corpo ensanguentado e o tribunal retornaram e puseram-se a cantar um soluçado suspiro de cada canto do quarto; de cada uma e de todas as cadeiras e coisas. Começou a cantar, começou a soluçar e suspirar, cantando e soluçando. Então Tea Cake apareceu saltando em torno dela, e a música do suspiro voou pela janela e iluminou o topo dos pinheiros. Tea Cake, com o sol com o chalé. Obvio que não estava morto. Nunca podia estar morto enquanto ela mesma não acabasse de sentir e pensar. O beijo da lembrança dele formava imagens de amor e luz contra a parede. Ali estava a paz. Recolheu-a da cintura do mundo e passou-a pelos ombros. Tanta vida naquelas malhas! Ela chamou a sua alma para vir e ver (Hurston, 2021, p. 241-242).

Pode-se dizer que a solidão da protagonista não foi um fardo, mas uma escolha consciente. Ela Aprendeu que não precisaria ser definida por um homem, pela sociedade ou pelas expectativas dos outros. O amor que sentia e ainda sente por Tea Cake a fez carregar para sempre boas lembranças em seu coração, apagando a memória das que a fizeram sofrer. A maturidade lhe ensinou onde e como manter os seus olhos firmes em si e em Deus, nas coisas que só o amor - o próprio e o alheio - podem mostrar. Ela então não mais sente o peso dos sobrenomes. Sua força move-se como uma consequência de sua fé.

A sua jornada significa mais do que uma busca por amor. É a procura, o encontro e o exercício de uma identidade fraturada e ressignificada pelo autoconhecimento que leva à

liberdade, trazendo a ideia de que nenhum emprego, dinheiro, casamento, literalmente nada, pode realmente fazer alguém feliz. A felicidade é um contato interno, direto e profundo com a noite escura da alma. Portanto, se faz necessário reconciliar-se com o fato de que dentro de si há felicidade, independentemente de bens materiais. É fundamental carregá-la dentro de si e entregar às pessoas que ama e não tentar buscar o que lhe falta dentro delas. E este mover é a força transcendental que a faz enxergar a vida com os olhos de Deus, os olhos da pessoa forte e resiliente na qual se tornou.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Texto e contexto me levam a concluir que a história das mulheres mudou e vem mudando em objetivos e pontos de vista. Esta é uma narrativa que partiu de uma história do corpo - no sentido proposto por Perrot (2019) - e dos papéis desempenhados na vida privada, para chegar a uma história das mulheres no espaço público de uma cidadezinha da Flórida nos anos 1930. *Seus Olhos viam Deus* (2021) partiu da história de uma mulher vítima dos costumes de uma sociedade patriarcal misógina, para chegar a uma história coletiva de mulheres combativas, resilientes e identitariamente satisfeitas. Partiu das histórias de Janie Crawford e Zora Neale Hurston para tornar-se uma história pública das realidades cotidianas comuns à subordinação feminina de gênero, alargando suas perspectivas de qualidade de vida e expectativas de um futuro em que ela pudesse ser agente e não sujeita das suas falas e atitudes.

Assim, ao protagonizar *Seus Olhos viam Deus* (2021), Janie Crawford rompe o padrão estereotipado em relação à voz feminina já no início da obra. O roteiro escrito por Zora Neale Hurston constrói uma personagem com ousadia o bastante para dar o início à desconstrução da imagem da mulher invisível aos olhos da sociedade, subordinada aos imperativos e julgamentos do poder constituído e limitada ao cumprimento das atribuições a ela reservadas no começo do séc. XX, uma época ainda em processo de libertação das amarras novecentistas que ditavam o seu comportamento e modo de ser em um mundo em que se sobressaía a lei patriarcal.

Sem dúvida Hurston nos apresenta em *Seus Olhos*, uma das personagens mais multifacetadas e complexas da literatura afro-americana e da literatura feminina como um todo. O fato de sua jornada dupla aqui interpretada por mim, passear pelo seu status físico e espiritual permitiu que eu analisasse sua dimensão interna externa, com isso encontrar em Janie faces e metáforas para seu crescimento e libertação.

Apesar do vanguardismo de Hurston e de o seu livro ter conseguido influenciar e encorajar muitas outras escritoras a valerem-se da sua arte para combater essa mazela social, infelizmente, essa realidade não está distante da experiência de muitas mulheres atualmente, que assim como a sua protagonista enfrentam relacionamentos abusivos e buscam se libertar de padrões impostos pelo poder patriarcal. Deste comportamento social e político opressor ainda rescende um certo ranço e a opressão de gênero não pode ser encarada como um debate resolvido. A luta continua e continuará até que esse mal seja significativamente extirpado da agenda de enfrentamento das feministas e demais ativistas sociais. Outras escritoras a seguirão neste caminho e a sua arte deverá ecoar o grito de Hurston pelo autoconhecimento, a identidade e a liberdade da mulher.

REFERÊNCIAS

- ANGELIN, Rosângela. Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo. *In: Revista Espaço Acadêmico*, n. 58, março 2006. Disponível em: <http://www2.inecc.gob.mx/publicaciones/libros/363/cap12.html>. Acesso em: 19 fevereiro de 2025.
- AR, Gamze. The quest of self-awareness in the Black women's identities: The analysis of Zora Neale Hurston's *Their Eyes were watching God*. *In: Belgü*, nov., 2023.
- ARC, Almeida Revista Corrigida. Primeira Epístola de Paulo a Timóteo. *In: Sociedade Bíblica do Brasil*, p. 8. 2009.
- BASQUES, Messias. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais. *In: Ayé: Revista de Antropologia*. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, n. 1, v. 1. 2019.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval e a invenção do Amor Romântico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003.
- BORTONI, Stella. **Seus olhos viam Deus**. 28/02/2022. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/5192-seus-olhos-viam-deus>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Ed. Routledge, Chapman Hall, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 10 ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário De Símbolos Mitos, Sonhos, Costumes, Formas, Figuras, Cores, Números**. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.
- COLLINS, Patricia H. What's in a name? Womanism, Black Feminism, and Beyond. *In: The Black Scholar*, vol. 26, n. 1, The Challenge of Blackness, Taylor & Francis, Ltd. Stable, 1996.
- CORTAZZO, Uruguay. Branquitude e Crítica Literária. *In: Portal Literafro*, 09/2017.
- DAVIES, Carole B & LESLIE, Molar O. **Moving beyond boundaries: international dimensions of Black women's writing**. London: Pluta Press, 2001.
- DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, David B. **The Rise and Fall of Slavery in the New World**. Place of publication not found: Oxford University Press, 2006.

DUTTON, Wendy. The Problem of Invisibility: Voodoo and Zora Neale Hurston. *In: Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 13, no. 2, 1993, p. 131–152. JSTOR.

FERNANDES, Maria de Lurdes C., **Da espiritualidade à moralidade: O casamento segundo Diogo Paiva de Andrada**. Trabalho realizado no âmbito do Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto e integrado no Projeto de Investigação nº 100/85, Universidade do Porto, 29 de janeiro de 2014.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 23 (1): 312, janeiro-abril/2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/TnSBYB7v9CFwpmQtVf8fbCM/?lang=pt>. Acesso em: 28 dez. 2024.

FONTELES, Sandra Maria Alencar. **Identidade feminina: Experiência e representações**. 1987.49. Curso de ciências sociais do departamento de Ciências e filosofia da Universidade Federal do Ceará- Fortaleza, agosto de 1987.

GOMES, Heloísa Toller. A Literatura afro-americana: Seus dilemas, suas realizações. *In: Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 19, p. 105-119, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HURSTON, Zora Neale. In Search of Zora Neale Hurston. *In: Ms. Magazine*, March 1975, p. 74-89.

HURSTON, Zora Neale. I Love Myself. I Love Myself when I Am Laughing... and then again when I am looking mean and impressive. *In: A Zora Neale Hurston reader*. New York: Feminist Press at Cuny, 1979, p. 169-173.

HURSTON, Zora Neale. **Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica**. New York: Harper & Row, 1990.

HURSTON, Zora Neale. **Dust Tracks on a Road**. Angra dos Reis – RJ: Amistad, 2006.

HURSTON, Zora Neale. **Seus olhos viam Deus**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2021.

KAPLAN, Carla. **Zora Neale Hurston: A Life in Letters**. First edition Hardcover. New York: Anchor Books, 2003.

KÜHNE, Márcio. **Em Busca da Autoconfiança. Estrutura Emocional de Aço**. São Paulo: Eko, 2024.

LAZZARO-WEIS, Carol. The Female ‘Bildungsroman’: Calling It into Question. *In: NWSA Journal* 2.1 (1990): 16-34. JSTOR. Web. 02 set. 2024.

LIEBIG, Sueli Meira. **Novas Rotas da Diáspora Transatlântica: a literatura afro-americana para brasileiros**. Campina Grande: EDUEPB, 2024.

MAIER, S. E. Portraits of the Girl-Child: Female Bildungsroman in Victorian Fiction. *In: Literature Compass*. n. 4, vol.1, 2007. p. 317-335.

MELO, Carolina Nascimento de. Zora Neale Hurston e Olualê Kossola: o encontro entre a diáspora forçada e diáspora voluntária. *In: Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. v. 12. ed. 2, 11/06/2022.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Filosofia e mística - entre o que não se diz quando se Fala e o que se diz quando se cala. *In: NOGUEIRA, Maria Simone Marinho; SILVA, Reginaldo Oliveira (org.). Pequenos ensaios sobre grandes filósofos*. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

PARENTES, Isabele Soares. **Escrevivências na diáspora: uma leitura sobre as relações afetivas em Ponciá Vicêncio e Seus olhos viam Deus**. Santa Catarina: UFSC-PPGL, 2021.

PICTURE THIS. **O Significado e a Linguagem das Flores da Pereira: Uma Fascinante Jornada**. junho 26, 2024. Disponível em: https://www.picturethisai.com/pt/language-flower/Pyrus_communis.html#:~:text=As%20flores%20da%20Pereira%20simbolizam,abund%C3%A2ncia%20devido%20aos%20seus%20frutos. Acesso em: 29 dez. 2024.

RODRIGUES, Dulce Porto. O transcendentalismo de Walt Whitman: autoexpressão, individualidade e humanidade. *In: Revista Lumen*. Recife, v. 28, n. 1, p. 41-51, jan./jun. Recife, 2019.

SANTA BÁRBARA, Júlio César da Costa. Os sete dons do Espírito como caminho de humanização. *In: Revista Questões de Teologia*, n. 33, 2018/1, p. 181-194. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/TnSBYB7v9CFwpmQtVf8fbCM/?lang=pt>. Acesso em: 29 dez. 2024.

SILVA, Fernanda Felisberto da. **Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston**. 2011. 154 f. Tese de Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa. PPG em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Marcelle Ivie da Costa; BÓGUS, Lúcia. Empoderamento feminino: conceitos e debates em torno da popularização do tema. *In: CHAIA, Vera et al. (org.). Ciências sociais contemporâneas: objetos de pesquisa*. São Paulo: USP, 2021.

SMITH, Zadie. **Sobre a beleza**. Trad. Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

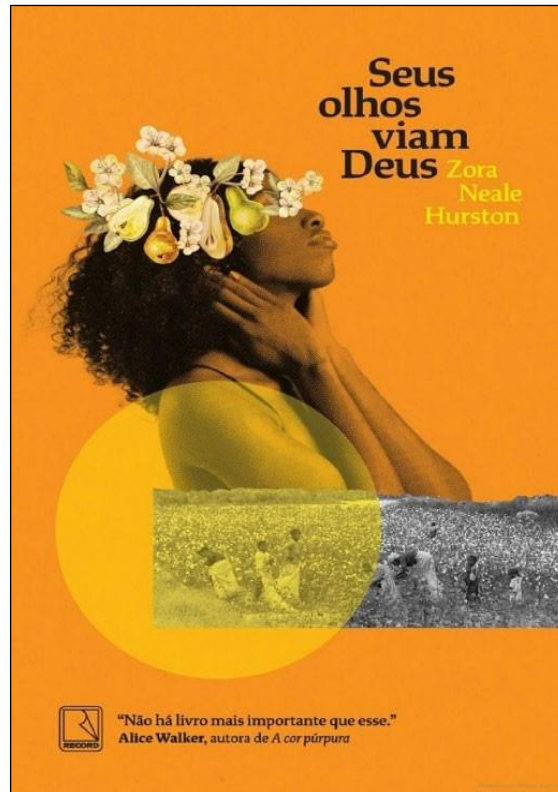
SOARES, Aline Benato *et al.* A representação da mulher negra americana do início do séc. XX em *Their eyes were watching God*, de Zora Neale Hurston. *In: Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*. v. 25, p. 201-215, 2019.

VERONESI, Raquel Barros & SILVA, Carlos Augusto Viana da. Seus olhos viam Deus, de Zora Neale Hurston, e a construção identitária da personagem Janie. *In: Revista Travessias Interativas*. n. 10, jul.-dez/2015.

VIZU, Gabriela Panicio. **Meu Diário de Autoconhecimento: conectando-se com a sua verdadeira essência**. São Paulo, 2019. Disponível em: https://9a4957b1-a7e4-41ea-b0cf-95d85a02040d.filesusr.com/ugd/cde201_3c5729f17ce1469e8abed8f8a69920c4.pdf. Acesso em: 29. dez. 2024.

ANEXO A – CAPA DO LIVRO “SEUS OLHOS VIAM DEUS” TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS

Capa da obra traduzida para o português (2021)



ANEXO B – FOTOGRAFIA DA ASSINATURA DA ZORA HURSTON

Zora Neale Hurston - American author

A photograph of a handwritten signature in dark ink on a light-colored, slightly textured surface. The signature reads 'Zora Neale Hurston' in a cursive script.

Fonte: Alamy Stock Photo.

ANEXO C – FOTOGRAFIA DA ZORA NEALE HURSTON

Zora Neale Hurston - American author



Fonte: Alamy Stock Photo.

ANEXO D – FOTOGRAFIA DA ASSINATURA E DESENHO DA ZORA HURSTON

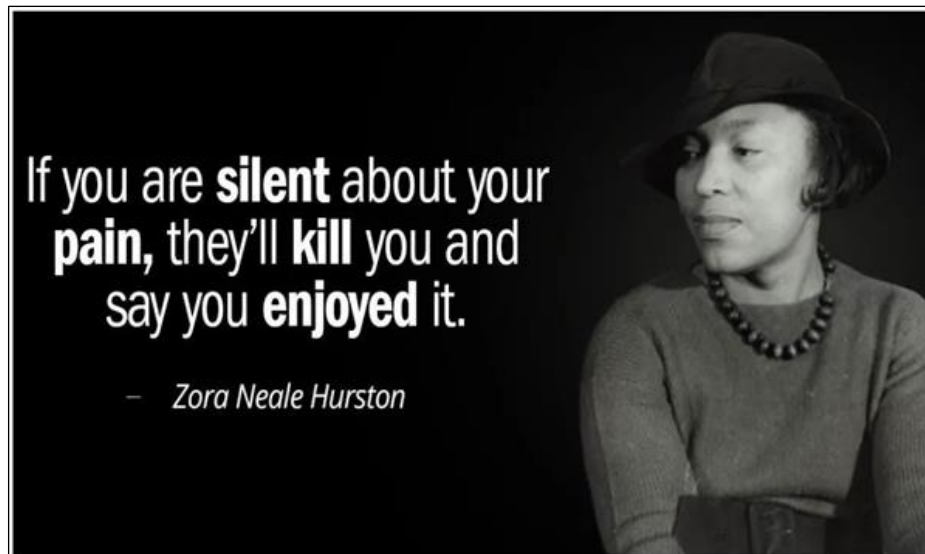
Zora Neale Hurston



Fonte: <https://www.instagram.com/gamzeinnewyork>.

ANEXO E – CITAÇÃO DA ZORA NEALE HURSTON

Zora Neale Hurston Quotes



Fonte: Brainy Quote.

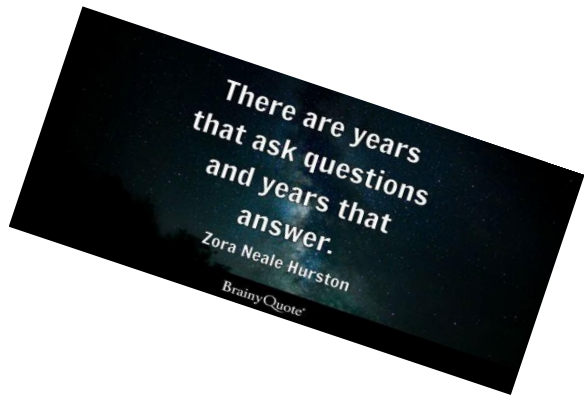
ANEXO F – FOTOGRAFIA DA INFÂNCIA E CONTEXTO FAMILIAR DA ZORA

Early Life and Family Background of Zora Neale Hurston



ANEXO G – RETRATO E CITAÇÃO DA ZORA NEALE HURSTON

Zora Neale Hurston Portrait and Quote - Art Board Print



Fonte: Redbubble.

ANEXO H – CITAÇÃO ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO À LITERATURA DA OBRA “THEIR EYES WERE WATCHING GOD”

Zora Neale Hurston’s literary contributions are anchored by her most celebrated work, “Their Eyes Were Watching God,” published in 1937. This novel is not just a piece of literature; it is a landmark in African American and women’s literature, resonating with readers for its depth, emotional honesty, and lyrical storytelling.



ANEXO I – FOTOGRAFIA ACERCA DA “RENASCENÇA DO HARLEM”

A Renascença do Harlem



Fonte: Educba.